



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

JORNALISMO AMBIENTAL NA SIC

Cobertura jornalística antes, durante e após a Conferência sobre as Mudanças Climáticas - COP26

Carolina Sousa Figueiras

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Jornalismo

Trabalho realizado sob orientação da
Professora Dr.^a Anabela Sousa Lopes

Lisboa, outubro de 2022

Declaração anti plágio

Declaro ser a autora deste relatório de estágio, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer uma das suas partes) a outra instituição de ensino superior para a obtenção de um grau académico ou outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho plena consciência de que o plágio poderá levar à anulação do presente trabalho.

Lisboa, outubro de 2022

A candidata,

Carolina Sousa Figueiras

Ao meu pai Rui Figueiras.

Agradecimentos

À **Anabela de Sousa Lopes**, por toda a paciência, dedicação e profissionalismo. Pelas sugestões, correções e disponibilidade. Pela sensibilidade e amizade. Também um agradecimento especial à professora **Fernanda Bonacho** que fez as correções finais desta dissertação.

À **SIC** e a todos aqueles que comigo se cruzaram e que contribuíram para o meu amadurecimento enquanto futura profissional.

A todos os repórteres e editores de imagem.

À *Pool* do Primeiro Jornal: ao **André Antunes**, ao **André Palma**, à **Teresa Noronha**, à **Marta Sobral** e ao **Diogo Martins**.

À Edição da Tarde: à **Ana Leite**, à **Cristiana Borges** e à **Helena Ribeiro**.

À Edição da Noite: à **Catarina Terroso**, à **Jéssica Ramos**, ao **Hélder Felizardo**, à **Bárbara Lima** e ao **Tiago Cortez**.

À equipa do meio-dia: à **Paula Mesquita Lopes**, à **Manuela Vicêncio**, ao **Augusto Madureira**, à **Rita Neves** e à **Ana Alvarinho**.

À Editoria de Sociedade: à **Dulce Salzedas**, ao **Luís Garriapa**, ao **Pedro Freitas**, ao **Diogo Torres** e à **Carolina Reis**.

Ao **Miguel Domingos**, **Ana Geraldês**, **Cristiana Alves**, **Ana Paula Almeida** e **Joana Latino**. Porque apesar de não diretamente comigo, estiveram sempre disponíveis para dizer uma palavra amiga e para me ajudar.

Aos meus **colegas estagiários**, à **Inês Pereira**, ao **Miguel Ferreira**, à **Estela Santos**, à **Filipa Ribeiro**, à **Cristiana Cardoso** e ao **João Maldonado**. De destacar ainda o **Hugo Garrido** e **Gabriel Figueiredo** que fizeram questão de animar os nossos almoços todos os dias. Agradecer ainda particularmente à **Inês Pinto**, ao **Pedro Dias**, à **Joana Costa**, à **Íria Gonçalves** e à **Mara Garcia** que (foram e) são verdadeiros amigos.

Às **entrevistadas**, à **Manuela Vicêncio**, à **Diana Pinheiro**, à **Carla Castelo** e à **Isabel Santana**, o meu muito obrigada pelo tempo que disponibilizaram para as questões.

À **ESCS** e a todos aqueles com quem me cruzei ao longo destes dois anos. Em especial à professora **Maria Inácia Rezola**.

À UALG, a minha primeira casa e **todas as amizades** que por lá fiz. Aos **professores**, em especial ao professor **Paulo Falcão**.

Um agradecimento especial aos professores: à **Ana Paula Coelho**, ao **Gabriel Almeida**, à **Lurdes Seidenstricker**, à **Carla Lopes** e à **Nélida Filipe**.

Aos meus **amigos**. Pelo apoio e discussão enquanto escrevia e pela compreensão nas ausências. Pela paciência, amizade e correções. À **Raquel**, à **Deby**, à **Estima**, à **Márcia**, à **Betoque**, ao **Rafa**, ao **Adrian**, à **Bea**, ao **Joel**, à **Bruna**, ao **Filipe**, à **Victória**, à **Isabela** e à **Rita**.

Às **Andreias** pela amizade e por me ajudarem na leitura e correção deste trabalho escrito.

À **Mariana**, em especial pelo apoio incondicional, pelo amor e pela ajuda informática. Ao **Alpha** e à **Diva**. Aos tios **Elisa** e **Vítor**.

À minha **família**. Às minhas **avós Dadinha e Guida** e aos meus **avôs Zé e Manel**. Ao meu **irmão Gonçalo** e ao meu **gato Pudim**. À minha **mãe Célia** por tudo e mais alguma coisa. E ao meu **pai Rui**.

Resumo

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa. A investigação resulta de cinco meses de estágio curricular na direção de informação da SIC e SIC Notícias e tem como tema central a cobertura jornalística ambiental antes, durante e após a Conferência sobre as Mudanças Climáticas - COP26.

Sendo que os media estiveram a realizar a sua cobertura jornalística, o objetivo é comparar esse período ao momento do meu estágio, em que não existe um evento desta natureza. Que tipo de abordagem se dá ao tema “clima” no momento em que já não há um motivo forte para a sua cobertura e de que maneira é que a Conferência sobre as Mudanças Climáticas influenciou o trabalho jornalístico posterior à mesma.

Para tentar discutir se a cobertura aos assuntos ambientais são suficientes neste canal de televisão, utiliza-se uma metodologia mista, que resulta na análise de dois meses estruturados, um durante o período de estágio e outro antes desse período (COP26). Tudo isto referente aos seus dois principais noticiários, o Primeiro Jornal e Jornal da Noite.

Ao mesmo tempo que nos focamos no jornalismo ambiental na SIC, este trabalho pretende contribuir com reflexões significativas sobre o jornalismo ambiental televisivo em Portugal.

Palavras-chave: SIC, jornalismo ambiental, informação, COP26, alterações climáticas

Abstract

This internship report was carried out within the scope of the Master's in Journalism, taught at School of Communication and Media Studies of the Polytechnic of Lisbon. The research results from five months of curricular internship in the information direction of SIC and SIC News and has as main theme the environmental journalistic coverage before, during and after the Conference on Climate Change - COP26.

Since the media has been conducting their journalistic coverage, the goal is to compare this period to the moment of my internship, in which there is no event of this nature. What kind of approach is given to the theme "climate" at a time when there is no longer a strong reason for its coverage and how the Climate Change Conference influenced the journalistic work after it.

To try to discuss whether coverage of environmental issues is sufficient in this television channel, a mixed methodology is used, which results in the analysis of two structured months, one during the internship period and the other before this period this to its two main news, the Primeiro Jornal and Jornal da Noite.

At the same time that we focus on environmental journalism at SIC, this reserch aims, to contribute significant reflections on television environmental journalism in Portugal.

Keywords: SIC, environmental journalism, information, COP26, climate change

Índice Geral

Declaração anti plágio.....	ii
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	vi
Abstract	vii
Índice de Tabelas.....	x
Índice de Gráficos	xi
Índice de Ilustrações.....	xii
Lista de Abreviaturas.....	xiii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: ESTÁGIO.....	5
1.1 HISTÓRIA DA SIC	5
1.2 ESCOLHA DA SIC.....	8
1.3 DIÁRIO DE UMA ESTAGIÁRIA	9
CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA	19
2. JORNALISMO AMBIENTAL.....	19
2.1 O jornalismo ambiental e a sua evolução em Portugal.....	19
2.2 Conferências das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas: COP26.....	23
2.3 Jornalismo de Ciência – Jornalismo Especializado.....	27
2.4 Ambiente e a televisão	30
2.5 O ambiente nos media	33
CAPÍTULO III: ESTUDO DE CASO	37
3.1 OBJETIVO E PERTINÊNCIA DO TEMA	37
3.2 Questões de Investigação	38
3.3 METODOLOGIA	38
3.4 <i>Corpus</i>	39
3.5 Variáveis da Análise.....	42
3.6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	44
3.6.1 Resultados Espaciais	44
3.6.2 Resultados Temporais	46
3.6.3 Resultados Jornalísticos	51
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
ANEXOS.....	64
ANEXO A: TABELAS DE DADOS MÊS DE ESTÁGIO	64
ANEXO B: ENTREVISTAS	86
Isabel Santana - Agenda SIC.....	87

Manuela Vicêncio - Jornalista da SIC	89
Carla Castelo – Ex-jornalista Ambiental da SIC	95
Diana Pinheiro - Jornalista da SIC	99
ANEXO C: FICHAS DE LEITURA.....	101
Ficha de Leitura 1.....	102
Ficha de Leitura 2.....	103
Ficha de leitura 3	105
Ficha de leitura 4.....	106
ANEXO D: FOTOGRAFIAS LOCAL DE ESTÁGIO.....	109

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Mês estruturado escolhido para o corpus	39
Tabela 2 – Mês em que se realizou a COP(26)	39
Tabela 3 – Audiências da hora dos dois noticiários de dia 18 de maio Fonte: SIC.....	41
Tabela 4 – Audiências da hora dos dois noticiários de dia 20 de maio	42
Tabela 5 – Parâmetros de análise espacial	42
Tabela 6 – Parâmetros de análise temporal	43
Tabela 7 – Parâmetros de análise jornalística.....	43

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Origem da informação durante o período de estágio	44
Gráfico 2 – Origem da informação durante a COP	45
Gráfico 3 – Posicionamento geral nos alinhamentos durante o período de estágio	47
Gráfico 4 – Posicionamento geral nos alinhamentos durante a COP	48
Gráfico 5 – Posicionamento no PJ durante o período de estágio	49
Gráfico 6 – Posicionamento no JN durante o período de estágio.....	49
Gráfico 7 – Posicionamento no PJ durante a COP	50
Gráfico 8 – Posicionamento no JN durante a COP	50
Gráfico 9 - Utilização de fontes durante o período de estágio	51
Gráfico 10 – Utilização de fontes durante o período da COP	52
Gráfico 11 - Categorização da temática ambiental durante o período de estágio	53
Gráfico 12 – Categorização da temática ambiental durante o período da COP	53
Gráfico 13 - Nível de programação dos conteúdos ambientais durante o período de estágio.....	54
Gráfico 14 – Nível de programação dos conteúdos ambientais durante o período da COP.....	54
Gráfico 15 - Géneros jornalístico dos conteúdos ambientais durante o período de estágio	55
Gráfico 16 - Géneros jornalístico dos conteúdos ambientais durante o período de estágio	55

Índice de Fotografias

Fotografia 1 – Saída com a jornalista Marta Sobral para acompanhar a realização de uma reportagem na Secil.....	109
Fotografia 2 – Saída com o jornalista Diogo Martins para acompanhar uma reunião sobre a seca em Portugal no Ministério do Ambiente.....	109
Fotografia 3 – Saída ao IPMA.....	110
Fotografia 4 – Saída com a jornalista Cristiana Alves para acompanhar a chegada da equipa de Futsal à cidade do Futebol, vencedores de Mundial 2021	110
Fotografia 5 – Regie SIC.....	111
Fotografia 6 – Estúdios SIC	111
Fotografia 7 – Visita à Cidade do Futebol, para assistir a um treino da seleção nacional	112
Fotografia 8 – Visita ao teatro Politeama	112
Fotografia 9 – Planeamento do Primeiro Jornal, onde surjo no alinhamento com uma peça.....	113
Fotografia 10 – Uma das minhas peças para o Primeiro Jornal em que fui sozinha com o repórter de imagem	113

Lista de Abreviaturas

COP – Conference of the Parties - Conferência da Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social

JN – Jornal de Notícias

ONU – Organização das Nações Unidas

PJ – Primeiro Jornal

PM – Primeiro-ministro

PR – Presidente da República

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

SIC – Sociedade Independente de Comunicação

TH – *Talking Head*

TVI – Televisão Independente

INTRODUÇÃO

“O nosso planeta está por um fio. Ainda estamos à porta da catástrofe climática.”

(António Guterres, 2021, p. 26)

Esta frase de António Guterres, português e secretário-geral das Nações Unidas para mim é a justificação perfeita para a realização deste estudo de caso. A preocupação com o ambiente e com as alterações climáticas é cada vez mais urgente. Estamos a caminhar para a catástrofe climática, mas como diz o secretário-geral da ONU, ainda estamos “à porta” por isso é essencial refletir, pensar e mudar hábitos. O jornalismo pode ser a chave para muitos destes problemas associados ao ambiente. Assim, faz sentido analisar a maneira como o jornalismo aborda o tema ambiente.

Nos últimos anos, cada vez mais se tem implementado medidas para combater as alterações climáticas, não só na sociedade em geral como também nas empresas, por exemplo. Para além disso, têm sido criados prémios de sustentabilidade como é o caso do jornal de negócios cujo objetivo passa por reconhecer, inspirar, promover e divulgar o trabalho e a atuação das empresas que se juntam a esta iniciativa pela sustentabilidade global nas diferentes áreas do ambiente. Há anos era impensável a realização deste tipo de iniciativas, visto que o tema ambiente não era sequer falado.

Sendo que para adquirir o grau de Mestre é necessário realizar um estudo de caso e após aconselhamento de professores ao longo dos semestres, comecei a refletir sobre aquilo que seria mais interessante, vantajoso e enriquecedor para mim e para a comunidade académica em geral, já que os temas devem ser bem pensados por não só serem do nosso interesse como também oferecerem à academia novos temas que possam despoletar mais conhecimento e novos estudos.

Assim, quando nos foi pedido, nas aulas, para que pensássemos e refletíssemos sobre um tema que gostássemos e paralelamente que se enquadrasse naquilo que viria a ser o nosso trabalho final de mestrado, decidi pensar nos meus gostos pessoais e depois tentei transpô-los para o jornalismo. Foi fácil chegar à temática “ambiente” porque me interessava bastante, leio sobre o assunto, vejo programas televisivos, pesquiso acerca do tema e sigo plataformas digitais sobre a sustentabilidade do planeta. Pareceu-me de facto o tema perfeito tendo em conta os meus interesses. Por isso, é criado “casamento perfeito” com o jornalismo, que é a minha área de estudos.

Neste sentido, esta investigação parte de um estágio curricular realizado na SIC, requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre de Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS-IPL) e orientado pela professora Anabela de Sousa Lopes. O estágio não-remunerado decorreu no grupo *Impresa* na SIC e SIC Notícias entre os dias 31 de janeiro e 30 de junho.

Por todos estes motivos, decidi executar um estudo de caso que tem como objetivo perceber como se organiza a agenda jornalística no momento em que há um pico de interesse - Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP26), e de que maneira é que essa mesma cimeira ambiental marcou as peças jornalísticas seguintes após esse período? Sendo que os media estiveram a realizar a sua cobertura jornalística de forma muito próxima, o objetivo é comparar esse período ao momento do meu estágio na SIC em que não existe um evento desta natureza. Que tipo de abordagem se dá ao tema “clima” no momento em que já não há um motivo forte para a sua cobertura e de que maneira é que a Conferência sobre as Mudanças Climáticas influenciou o trabalho jornalístico posterior à mesma.

Estas Conferências e iniciativas realizadas pela ONU têm levantado questões às quais o jornalismo tem dado especial destaque. A jornalista Sónia Santos Dias alerta para os problemas ambientais causados pelo Ser Humano

“Cortámos as árvores, pusemos milhares de espécies em risco de extinção na terra e no mar, criámos barreiras em inúmeros habitats e interferimos no clima. A elevada degradação a que levámos o planeta tem de ser revertida, sob pena de pormos em causa a nossa própria sobrevivência. Uma missão urgente que levou a ONU a declarar a presente década como a Década para a Recuperação dos Ecossistemas.” (Negócios, 2021, p. 133)

Não obstante, o jornalismo ambiental pode e deve consciencializar as massas sobre as alterações climáticas. Uma população com sentido crítico e com consciência é a melhor maneira de lutar contra as mudanças do clima. Os jornalistas têm um dever ético não só de informar como também de garantir consciência ecológica à sociedade, para que assim se chegue a um consenso relativamente a políticas futuras que devem ser implementadas, por exemplo.

Os desastres naturais, a gestão dos recursos hidráulicos, os combustíveis fósseis, a reciclagem, a poluição, a sustentabilidade, a saúde do planeta, a biodiversidade, o aquecimento global e as energias renováveis são cada vez temas mais iminentes que precisam de ser abordados por

jornalistas ambientais e que podem alterar a maneira negativa como as alterações climáticas estão a influenciar o planeta. Este jornalismo é não só atual como também responsável pelo impacto humano na Natureza.

O jornalismo ambiental tem um poder inimaginável conseguindo criar situações de debate ou podendo até alertar para temas que são ignorados por partidos políticos ou entidades superiores conseguindo garantir-lhes alguma visibilidade, bem como pode estimular a sociedade a refletir sobre as temáticas para que a população adquira hábitos de vida mais saudáveis.

“Valorizar o património natural e os serviços de ecossistema que prestam é essencial para estabelecer estratégias que sirvam o desenvolvimento ao mesmo tempo que se preserva a natureza.” (Negócios, 2021, p. 134)

Com o decorrer do período de estágio fui integrada na equipa do Primeiro Jornal e fiz várias peças sobre diversos conteúdos ambientais, mas verificou-se uma maior predominância do tema na altura da COP26. Apesar de não ter trabalhado na equipa do Jornal da Noite fiz também uma análise do jornal nessa altura.

Para realizar esta análise, começo no Capítulo I por abordar o tema estágio e a contar um pouco da história do primeiro canal televisivo privado de Portugal. Depois faço uma descrição sobre a experiência de estágio. Já no Capítulo II, dá-se espaço à revisão de literatura. Numa primeira parte, são revistos conceitos essenciais, como o surgimento do jornalismo ambiental e a sua evolução em Portugal. Seguem-se breves explicações como designação de conceitos, por exemplo o que é a COP26. Depois, fala-se de Jornalismo de Ciência e Jornalismo Especializado. Em seguida, fala-se daquilo que é a televisão atualmente e do seu papel, bem como outros conceitos fundamentais. Por fim, faço um breve estado da arte sobre os estudos que, tal como este, abordam a temática ambiental, alterações climáticas e o modo como as redações jornalísticas e/ou televisivas abordam o tema.

É no Capítulo III que se parte para o estudo de caso, com objetivo de responder às perguntas de partida. Para esta análise utilizou-se uma metodologia mista, baseada numa análise de conteúdo quantitativa, com entrevistas semiestruturadas e na observação participante informal ao longo de cinco meses de estágio. Com esta metodologia procurou-se responder às seguintes questões: Existem peças jornalísticas sobre o ambiente? Quantas peças jornalísticas sobre o ambiente surgem nos noticiários? Quantas notícias são internacionais e quantas nacionais? Que tipo de fontes predominam em torno dos temas ambientais. Mais oficiais ou menos? Em que posição surge a

notícia no alinhamento? Ainda neste capítulo chegamos aos resultados e à análise dos mesmos para que sejam descritas as conclusões e possíveis soluções.

Quis saber se o ambiente é importante no seio jornalístico e se a grande reportagem da TVI “Contaminação” de Filipe Caetano e Inês Tavares Gonçalves, que aborda as Alterações Climáticas e a importância para a Sustentabilidade, são de facto relevantes no jornalismo português. Quis perceber se faz sentido afirmar que

“Num mercado em que todos querem ser sustentáveis, o principal desafio passa por conseguir diferenciar a mensagem da concorrência. Tendo sempre o cuidado de que, qualquer que ela seja, esteja alinhada com a estratégia de negócio da empresa e seja verdadeira” (Negócios, 2021, p. 229).

O facto de o ambiente ser um tema com o qual me identifico por si só deixou as minhas expectativas relativamente a este trabalho bastante elevadas. Obviamente fazer um relatório de estágio é muito mais prazeroso se for sobre uma temática com a qual me preocupo. Na generalidade acredito que o mais difícil foi a procura de informação sobre jornalismo de ambiente, mas o mais desafiante terá sido a análise de resultados dos gráficos.

CAPÍTULO I: ESTÁGIO

1.1 HISTÓRIA DA SIC

Em Portugal, a televisão começou a dar os primeiros sinais nos anos 50 do século XX quando se começou a estudar a hipótese de uma rede de serviço televisivo nacional. Em 1956 a RTP (Rádio e Televisão de Portugal) iniciou as primeiras transições televisivas. Nos anos 90, apareceram dois canais de televisão privados e a televisão sofreu várias alterações. Apareceram os primeiros monitores a cores e surgiram os primeiros *talk shows*, o que coincidiu com a queda do regime político totalitário que se fazia sentir em Portugal.

“Numa altura em que a RTP ainda beneficiava da sua presença hegemónica, começaram a surgir em Portugal ecos europeus de necessidade de diversificação da oferta televisiva vindos de países onde predominavam as televisões estatais e onde os gostos se tornavam mais variados.” (Sobral, 2012, p. 147)

E assim surgiram os canais privados televisivos – a SIC – Sociedade Independente de Comunicação (1992) e a TVI – Televisão Independente (1993). Este foi um ponto de viragem no paradigma televisivo português em que a televisão passa a ter um papel diferente e mais importante na sociedade portuguesa.

“Os arquivos dos jornais e o que na altura se escrevia ajudam a relembrar ou a compreender o fenómeno. “Hoje é dia da SIC”, dizia um dos títulos da capa do Público naquela terça-feira. O Diário de Notícias ia mais longe e na manchete retratava um país que estava prestes a (literalmente) assistir à história: “Olhos postos na SIC”, lia-se em letras garrafais. Pelas várias publicações nacionais não faltara tinta para dedicar ao nascimento do primeiro canal privado da televisão portuguesa. Francisco Pinto Balsemão, sócio maioritário da estação, dava entrevistas. Avançavam-se detalhes da programação, mostravam-se os bastidores e as caras do canal. Contava-se a história do que havia antecedido a atribuição de licenças de emissão a canais privados de televisão em Portugal.” (Borges, 2017, p. 4)

Estava assim terminada a fase de domínio exclusivo televisivo português da RTP, passados 35 anos de monopólio do canal público televisivo.

Para compreender melhor a fundação da SIC e o começo do grupo *Impresa*, fazemos uma viagem no tempo para recordar os momentos mais marcantes até aos dias de hoje. Em 1972 surgiu a *Sojornal* pelas mãos de Francisco Pinto Balsemão. No ano seguinte foi fundado o jornal *Expresso* que começou desde logo a ser uma referência da sociedade portuguesa. Em 1984 é criado o jornal *Blitz* com o foco temático musical muito definido.

Anos depois, em 1997, a SIC começa com as suas emissões com o objetivo de chegar a toda a sociedade portuguesa e ao mundo inteiro através da SIC Internacional, para que os portugueses residentes no estrangeiro tivessem acesso à informação e entretenimento português. No mesmo ano, o jornal *Expresso* lança o seu primeiro *site*.

Em 2001 faz-se novamente história e nasce a SIC Notícias, o primeiro canal de notícias 24h português. Um canal exclusivamente dedicado à informação com rubricas sobre economia, saúde, cultura e desporto. Neste ponto, deu-se uma reformulação na forma como o jornalismo era pensado em Portugal com blocos noticiosos e com emissões especiais. No mesmo ano, surge o primeiro *site* da SIC e a SIC Radical. Dois anos depois surge a SIC Mulher e a SIC Esperança. Em 2009, a SIC inicia a internacionalização e surge a SIC K. Em 2013 é fundado outro canal temático: a SIC Caras. Em 2014, o *Expresso* lança o *Expresso Diário*, um jornal *online* e, em 2015 aposta no *Expresso Curto*, uma newsletter diária. Já em 2020, nasceu um novo formato de ver a SIC através da OPTO e também a ADVNCE, em multi-formatos e com o objetivo de agregar e amplificar a comunidade nacional do E-Sports e *Gaming*.

“A IMPRESA nasceu com o Expresso, cresceu com a SIC e é hoje um universo.

Diariamente, produz 8 canais (SIC, SIC Internacional, SIC Notícias, SIC Radical, SIC Mulher, SIC K, SIC Caras, Txillo) e o maior jornal do País, o Expresso, líder de vendas.”

(Impresa, s.d.)

Atualmente a SIC é líder de audiências e os canais temáticos da SIC são os mais vistos nos últimos anos (8 canais). A SIC contacta diariamente com mais de 4 milhões e 700 mil telespectadores em Portugal. Os *sites* do grupo *Impresa* recebem mais de 30 milhões de visitas por mês. Os canais SIC chegam a mais de 10 milhões de telespectadores em todo o mundo, a 12 países (França, Canadá, Brasil, Austrália, Moçambique, Cabo Verde...) através de 42 operadores. Para ter acesso à SIC Notícias e SIC Internacional é ter um dispositivo com ligação à internet e aceder através da OPTO.

Desde o seu início até aos dias de hoje, a SIC foi evoluindo constantemente e mantém a promessa de continuar. Toda esta evolução e o surgimento de todos estes canais televisivos contribuíram para que o grupo Impresa seja o maior grupo de comunicação em Portugal.

Assim, pode dizer-se que a comunicação portuguesa sofreu uma enorme remodelação. Os jornalistas passaram a informar de forma profissional sobre notícias a cerca de todo o mundo.

“A televisão substituiu os antigos contadores de histórias, mas com algumas diferenças: os contadores são, agora, profissionais; a história é a do mundo atual; e é, finalmente a história do mundo todo.” (Moreira, 1988, p. 10)

Depois da RTP e da SIC, surge a TVI, segunda televisão nacional privatizada e com ela vem a concorrência, a luta pelas audiências, o dinamismo, a diversificação e o poder de escolha por parte dos portugueses que puderam optar pelo canal que melhor lhe aprouvesse devido à pluralidade e independência da informação. As programações e horários eram bastante distintos e a televisão não estava 24h em emissão. A grande aposta da SIC começou por ser a informação, sendo que no entretenimento se apostava na música, concursos, telenovelas e filmes.

A jornalista Manuela Vicêncio avançou com algumas notas sobre a SIC e SIC Notícias, com esclarecimentos adicionais e inéditos:

A SIC foi a primeira televisão privada a abrir-se ao info-entretenimento, não só uma televisão feita de greves e passou a ser uma janela para a população também exigir e contestar, pedir mudanças e melhorias. Acho que a SIC abriu uma janela que até então não havia. Portugal tinha apenas a RTP e a SIC abriu várias janelas, com as novelas da Globo, por exemplo. A SIC mostrou o jornalismo e deu-lhe uma perspetiva que até então não existia, não tem medo de arriscar, estava e está aberta ao novo. A SIC rasgou caminho e parte do jornalismo em Portugal vem da SIC, a ideia que tem de haver um protocolo e que o jornalismo é muito sério foi se dissipando. Nós provamos que o jornalismo pode ser popular sem ser “popularuxo”, ou seja, quando é preciso exigir responsabilidades exige-se ou quando é possível aplaudir e reconhecer o valor, fazemo-lo. Na altura, a SIC chegava apenas a 30% do território nacional português. E apesar desse valor e da existência de

todos os outros canais televisivos portugueses, a SIC passou a ser a escolha dos telespectadores passados 3 anos, tornando-se assim líder de audiências. (Anexo B, p.87)

Para além desta posição de destaque afirmada pela entrevistada, é relevante destacar a importância da ficção desta estação televisiva.

“Em 2010 a estação apostou na produção de novelas em parceria com a SP Televisão e a TV Globo. A primeira, “Laços de Sangue”, foi premiada com um Emmy, o que acabou por abrir as portas dos mercados internacionais às produções portuguesas. No ano passado, “Coração D’Ouro” foi eleita a melhor telenovela do mundo, numa gala de prémios em Nova Iorque.” (Borges, 2017)

1.2 ESCOLHA DA SIC

Quando reflito sobre a escolha para o meu estágio curricular na SIC tenho de recuar até ao início do meu percurso académico. A paixão pela comunicação começou muito antes de saber que era o curso de Ciências da Comunicação que queria seguir para o meu futuro enquanto profissional. Contudo foi na escrita que encontrei o gosto pela área e foi a partir desse ponto que decidi que seria o caminho a seguir. Iniciei o curso sem saber que para além da escrita haveriam outras vertentes comunicacionais que me iram apaixonar tanto ou mais do que a escrita.

Com o decorrer dos anos percebi que gostava de trabalhar a voz e conseqüentemente interessei-me pela rádio, isto claro, até perceber a dimensão da televisão, onde posso trabalhar as três vertentes numa só: escrita e audiovisual (som e vídeo).

No final da licenciatura tive a oportunidade de fazer um estágio curricular no Jornal de Notícias e num jornal regional Algarvio, o que me deu ferramentas para adquirir experiência no universo do jornalismo escrito. Sabia que no mestrado a opção tinha de passar pela rádio ou televisão e assim ter uma experiência diferente daquela que a licenciatura me tinha oferecido.

No início do meu 2º ciclo de estudos, ainda não estava bem certa de qual das duas vertentes jornalísticas gostaria de escolher. Dúvida que se dissipou com a realização das unidades curriculares de Ateliê de Jornalismo Televisivo e Ateliê de Jornalismo Radiofónico. Apesar de ter adquirido conhecimentos fundamentais para o meu desenvolvimento em ambos, descobri um gosto muito maior por televisão que fez crescer o desejo de estagiar num canal televisivo e conseqüentemente a escolha da SIC como local de estágio.

Com honestidade digo que a SIC não seria a minha primeira escolha. No meu seio familiar o canal de eleição é a TVI, por isso, desde sempre cresci a acompanhar a informação, entretenimento e ficção do quarto canal.

Ainda assim, quando foi pedido aos estudantes do mestrado de jornalismo que escolhessem três opções para o seu estágio curricular, sabia que em televisão teria de ser, e isso era ponto assente. Por isso, coloquei TVI, SIC e RTP por esta ordem, e assim começou esta aventura.

1.3 DIÁRIO DE UMA ESTAGIÁRIA

“Ser estagiário na área do jornalismo televisivo hoje em dia em Portugal é sinónimo de trabalho árduo e de dedicação desde o momento em que se entra na organização. Um estágio é a peça fundamental para um futuro jornalista se iniciar e se preparar para o mercado de trabalho. Nos estágios de jornalismo os recém-chegados à organização têm a oportunidade de colocar em prática a teoria que aprenderam na universidade ou nos cursos de formação profissional e de conhecer o ambiente muitas vezes frenético de uma redacção, o ambiente mágico da televisão. É a troca de experiências com os profissionais mais antigos e «tarimbados» que vai permitir o crescimento e o amadurecimento dos futuros jornalistas. Está comprovado que é com a prática que se aprende a ser jornalista.” (Sousa, 2012, p. 28)

31 de janeiro de 2022

O nervoso miudinho de quem está para começar algo novo é aquele sentimento bom que nos eleva a alma. Levantei-me bem cedo, depois de mal dormir com ansiedade boa. Vesti a minha melhor roupa e apanhei o metro em direção ao Cais Sodré. Segui para o comboio com destino a Paço de Arcos e fui a pé até à SIC. Pelo menos, com o percurso estava descansada, pois já o tinha feito para a entrevista de estágio.

Passei os meses anteriores a evitar falar no dito estágio, e não porque estava nervosa mas exatamente para não ficar. Esquivei-me de perguntas como: “então e estás nervosa?”, “quando começa o estágio?”, “wow, é uma grande responsabilidade, achas que estás preparada?”... bem claro que estava preparada, não tinha dúvidas, mas não queria viver com essa pressão deixando a

ansiedade e nervosismo entrar tão antecipadamente e sem necessidade. Só deixei que a dita cuja entrasse um dia antes, já a caminho de Lisboa, no autocarro.

Voltando ao dia D, cheguei ao grande edifício, entrei pelo portão e cumprimentei o segurança. Segui pelas portas giratórias e encontrei por lá sentados os meus colegas Pedro e Estela, só faltava a Inês. Vindos do mestrado de jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social, éramos quatro, quatro novos estagiários ansiosos para entrar em ação. A espera fazia-nos subir a ansiedade, por isso conversávamos de tudo e mais alguma coisa, enquanto observávamos atentamente o espaço. Os troféus, o plasma enorme no *hall* de entrada, as senhoras da receção que falavam alegremente, o entra e sai de caras conhecidas e desconhecidas...

Aguardámos a chegada dos responsáveis pelos recursos humanos, que nos entregaram o contrato para leitura e para nosso consentimento e assinatura. Antes de seguirmos caminho, aconselharam-nos a ser “chatos”, não deixar nada por dizer, perguntar tudo e se não percebêssemos alguma coisa, para voltar a perguntar e a perguntar. Pedir ajuda sempre que necessário e mesmo que a resposta nem sempre seja positiva, para insistirmos, sem nunca desistir e acima de tudo aproveitar ao máximo a experiência, porque a SIC é uma escola e nós temos uma oportunidade de uma vida que deve ser aproveitada cada segundo.

Levei estes conselhos a sério e decidi que ia segui-los com toda a minha garra e perseverança. Isto era só o começo.

Depois foi a vez da Ana Marisa se dar a conhecer e nos apresentar toda a redação e espaços por onde iríamos passar ao longo dos próximos cinco meses. A redação da SIC, SIC Notícias e Expresso, a sala de reuniões, o refeitório, o bar, o espaço exterior, o gabinete médico, os estúdios, o arquivo, a sala de maquilhagem e cabeleireiro. Isto aqui é um mundo, há de tudo um pouco e os meus olhos brilham de fascínio.

Neste primeiro dia o plano era mesmo “conhecer os cantos à casa” e foi exatamente isso que fizemos, partilhando a experiência com os nossos colegas e já estagiários que nos ajudaram na restante ambientação, contando histórias, peripécias e aconselhando-nos relativamente àquilo que seriam os dias seguintes.

De tudo, o melhor foi o estúdio e a redação. O estúdio visto de fora, tão perto, aquilo que sempre vi na “caixa mágica” agora aqui, à distância de dez passos. E a redação? Os concentrados, os risinhos, os divertidos, as teclas sempre a mexer, os telefonemas que não param de tocar, um borbórinho constante e as normais trocas de opinião, características de jornalistas.

Neste espaço trabalham jornalistas, editores de imagem, repórteres de imagem, repórteres e produtores de informação. Percebemos que todos eles estão divididos por editorias: Cultura, Desporto, Economia, Internacional, Política e Sociedade, dividem-se também por noticiários. O Primeiro Jornal e Jornal da Noite e por edições: a Edição da Manhã, Edição do Meio Dia, Edição da Tarde e Edição da Noite. Não esquecendo o Online e a Agenda que são extremamente importantes também.

E afinal onde vou ficar eu nos próximos meses? Começo por “Poll”, expressão que significa – acompanhar jornalistas. Ok, parece-me bem. E assim começa o sonho.

- O sonho é mesmo real. A SIC seria a minha próxima casa, nos meses seguintes.

1 de fevereiro de 2022

E lá vou eu de novo. Este caminho vai começar a ser rotina. Chego à redação com o meu caderninho de apontamentos, ele será o meu melhor amigo. Estou pronta para começar. Sabia que o tema da minha tese seria o ambiente, por isso pedi que sempre que possível acompanhasse jornalistas com esse tema.

Hoje, vou com o Diogo Martins ao Ministério do Ambiente, a uma reunião sobre a seca. Tema urgente, pertinente e importante, fundamental até para ao desenvolvimento do meu trabalho. A minha função é observar, aprender e perguntar e foi isso que fiz. Tentei perceber todo o trabalho desenvolvido pelo Diogo, desde as perguntas realizadas, o modo de agir, a preparação e execução de diretos. Para além do direto, quando chegamos à redação, acompanhei o seu trabalho na construção da peça para o Primeiro Jornal.

8 de fevereiro de 2022

Passada uma semana de estágio, está na hora de fazer uma retrospectiva sobre este primeiro passo enquanto jovem estagiária.

É inegável que a SIC tem ótimas condições, são todos muito tranquilos, amistosos e cooperantes. Ainda assim sinto que nos falta algum apoio, isto é, apesar de todos nos ajudarem, sempre que podem, penso que falta alguém exclusivamente para acompanhar os estagiários. Muitas vezes estamos perdidos e os próprios jornalistas tem trabalho para fazer, por isso não nos conseguem acompanhar tanto quanto gostaríamos. Ser jornalista é um trabalho bastante urgente, rápido e frenético, por isso nem sempre os jornalistas nos conseguiram apoiar.

Não obstante, no início deste ano a SIC foi *hakeada*¹ e por isso todos os trabalhadores têm estado a usar programas bastante pré-históricos. Nós próprios pouco podemos fazer, pois os próprios jornalistas têm de reaprender a mexer nesses programas antigos. Para além disso, não temos credenciais para entrar nos computadores e programas, o que dificulta ainda mais a adaptação. Tudo aquilo que fizemos não terá o nosso nome, ou seja, aquilo que foi feito por nós não estará registado, o que acaba por ser desmotivador. Acabamos por nos apoiar em nós próprios, colegas e estagiários, para esclarecer dúvidas e aprender o máximo possível.

Paralelamente tenho saído diariamente com jornalistas diferentes, passando por temas desde o ambiente, ao desporto e à política. Todos os dias adquirei conhecimentos novos. Aprendi sobre edição, montagem de peças, construção de peças e muito mais. Passei também um dia pela Opinião Pública, um espaço onde todos podem dar a sua opinião através do contacto telefónico da SIC. Que venha mais uma semana. Estou pronta.

7 de março de 2022

Um mês de estágio e isto passou a correr. Entretanto já aprendi como se fazem e gravam entrevistas no *Skype* e percebi como funcionam as dinâmicas dos convidados em estúdio.

Fui a primeira vez sozinha a uma conferência de imprensa da *Ryanair*, escusado será dizer que estava híper mega nervosa (sem necessidade), isto porque pensei que me poderiam mandar fazer diretos... sim pois claro, que iludida, claro que não iam mandar uma estagiária fazer isso, ainda por cima por algo com tão pouca importância. Pois é, e foi neste ponto que comecei a perceber o que era ou não notícia. Pediram-me para ir porque não tinham mais ninguém para o fazer e poderia resultar de lá algo que fosse importante. Não foi o caso.

Pelo menos a partir desta saída resultou o meu primeiro treino da minha primeira peça e com isso a aprendizagem de novos conceitos. Aprendizagem é evolução e nunca é de mais.

Juntando-se ao ataque informático iniciou-se uma guerra entre a Ucrânia e a Rússia, e com isso, agravaram-se as oportunidades. A redação que já era frenética tornou-se caótica. Passamos a fazer emissão contínua e com isso não havia tempo nem para comer, era “*non stop*”, cada segundo importava. Lembro-me que nesse primeiro dia limitei-me a observar as corridas para trás e para a frente. Pouco fizemos porque nem os próprios jornalistas se tinham organizado. Apesar de

¹ *Hakeada* – Burlar a segurança de um sistema computacional para aceder ilegalmente a um sistema informático

inesperado e cansativo, viver um ataque informático e uma guerra é uma oportunidade única que nem todos os estagiários conseguiram vivenciar. E eu que gosto de ver sempre os “dois lados da moeda” tento ver nesta perspectiva.

A minha última semana deste mês terminou com Covid-19. Semana de repouso em que recarrego energias para o resto desta aventura. Hoje chego à redação motivada e com o desejo de recomeçar, com a boa notícia de que já é possível utilizar com normalidade o programa ENPS. Que boa notícia! É ótimo para todos e também para nós, estagiários. Deixámos de usar *Excel* para passarmos a usar um programa diferente, inovador e desafiante.

14 de março de 2022

Enquanto eu estive a fazer “pool” com a minha colega Inês, a Estela foi para a Edição da Manhã e o Pedro para a Edição da Noite. Agora já no final do mês março entrei na editoria de Sociedade, onde abordam essencialmente aqueles casos mais graves e complexos que envolvem tribunais e crimes públicos. A princípio estava entusiasmada porque acreditei que iria abordar temas ambientais nesta editoria, o que não aconteceu. A verdade é que comecei a treinar os meus primeiros TH’s², OFF’s³ e Peças Jornalísticas. Contudo, vi os meus colegas a fazer efetivamente alguma coisa, sem ser apenas treinos e senti-me estagnada, por isso passados alguns dias, tomei uma posição e pedi para mudar de posto.

Quando sentimos que não estamos a evoluir, devemos levantar a cabeça e tentar lutar, por isso passei para a Edição da Tarde, onde comecei realmente a executar pequenos trabalhos que foram usados e passaram na televisão. Fiquei tão feliz e radiante.

Os meus horários foram variando ao longo dos meses. Inicialmente era bastante instável, dependendo do trabalho de cada jornalista que iria acompanhar. Quando passei para Sociedade, entrava às 10h e saía às 18h/19h consoante o volume de trabalho dos jornalistas da editoria.

Neste momento já tenho alguns pontos base esclarecidos na minha cabeça. As editorias são compostas por jornalistas e um coordenador, que para além de produzirem a notícia, escrevem e dão voz. Também criam os blocos de imagens.

² *Talking Heads* – Uma pessoa ou entidade representada por uma pessoa a falar em discurso direto, com o máximo de 10 segundos (30s se for muito importante)

³ OFF – Normalmente para dar uma notícia de forma mais rápida e urgente, que é o próprio *pivot* a lançar e a ler. Mais curto.

Nesta editoria foi onde senti um trabalho mais pesado, onde tudo aquilo que é realizado é feito ao mais ínfimo detalhe. Foi aqui que percebi na sua plenitude como é realizado todo o processo para a execução de uma notícia mais trabalhosa e minuciosa.

Em primeiro lugar devemos recolher o máximo de informação sobre a “notícia”, isto ainda na redação. Depois procedemos à marcação de entrevistas. Segue-se a recolha de imagens e por fim aquilo que é comum a todas as peças jornalistas. Começamos por escrever, dar voz e montar. Nem todos os jornalistas montam as suas peças sozinhos, recorrendo a um editor. De notar que as peças podem ser feitas no próprio dia ou mais demoradas, dependendo da temática. Isto tudo também tendo em conta a disponibilidade dos envolvidos, como é caso dos entrevistados.

Aprender todos estes passos foi fundamental para o meu futuro na redação. Contudo foi de todas as fases, aquela da qual menos gostei. O acompanhamento a jornalistas foi uma longa aprendizagem. Ainda assim, com o decorrer do tempo, começou a ser bastante monótono, porque já em sociedade, pouco havia para fazer e não porque não me quisessem dar trabalho mas dadas as circunstâncias. O trabalho jornalístico é imprevisível.

É ainda de realçar alguns pensamentos que vou tendo com o decorrer do estágio. A SIC investiu muito dinheiro nas suas novas instalações e isso é de notar na sua infraestrutura mais sofisticada, nos seus equipamentos e estúdios. Todavia, quando vivemos mais concretamente a rotina de um jornalista propriamente dito começamos a perder aquele deslumbramento e apercebi-me de muita coisa. Por exemplo: nem todos os diretos são realmente em direto e muitas das notícias que passam na SIC Notícias, passam também na SIC, por isso uma só redação serve dois canais, o que intensifica e duplica o trabalho de todos os jornalistas. É aqui que entra aquilo que aprendi no curso, um jornalista deve ser polivalente. No fundo, fazer um pouco de tudo e foi isso que vi ao longo destes meses. Edita, escreve, dá voz, pensa, cria, etc...

Isto para não falar nos programas com os quais os jornalistas tem de saber trabalhar. É o caso do ENPS, o editor de imagens com mais de 1500 funcionalidades e este é um número meramente ilustrativo. Não faço ideia da quantidade de funções que este programa tem. Aprendi algumas, mas estou bem longe de saber tudo. Assim como com o AP, programa usado para colocar as nossas notícias no alinhamento. É de acesso geral, também podemos enviar mensagens uns aos outros e ter acesso a contactos, dados pessoas e notícias de outras organizações que podem ser importantes para nós enquanto jornalistas. Há semelhança do primeiro programa que enunciei, num universo infindável de coisas que poderia ter aprendido, consegui captar e apontar no máximo uns 10%, o que na realidade é uma vitória.

Ah! Já me ia esquecendo, aprendi a fazer e a colocar oráculos na plataforma. Falando agora dos fins-de-semana... são extremamente calmos, muito poucos recursos humanos a trabalhar efetivamente. Os telejornais são bastante mais curtos e muitos deles com peças intemporais, feitas ao longo da semana para ocupar os espaços em “branco” necessários ao longo desses dois dias. Infelizmente os estagiários acabam por ficar de lado, visto que o trabalho é tão redutor que se não há para jornalistas, quanto mais para nós.

Sai da editoria de Sociedade com vontade de fazer mais e melhor, mas pronta para mais aventuras.

Entro na edição da tarde com o espírito de quem está pronta para começar já, agora, neste momento. As aprendizagens começaram logo. Bora lá aprender a fazer *Restores*⁴, isto é, recuperar peças, reportagens e blocos de imagens, que podem e devem ser reutilizados nos OFF e peças que estamos a fazer no momento. Para isso utilizamos o Invenio, a plataforma digital onde estão todas as peças, imagens, blocos de imagens feitos na e pela SIC.

Com a guerra surgiram também novas funções, foi o caso das “Últimas Horas”. O responsável por esse cargo tinha de aceder a *sites*, redes sociais, jornais mundiais e grupos em diversas plataformas. O objetivo passa por perceber as últimas atualizações sobre a guerra. Visto que a maioria das notícias eram em ucraniano ou russo, o *Google* tradutor foi o meu melhor amigo. A ideia seria ler a notícia na íntegra, já traduzida para português e num *Docs* partilhado com toda a redação, escrever sucintamente aquilo que é o resumo ou a questão fulcral da notícia em apenas duas a três linhas. O mais recente em primeiro lugar, deixando as notícias mais antigas cada vez mais para baixo.

Fiz também a minha primeira peça de treino, mas desta vez editei! Ainda com muitas imperfeições e foi várias vezes retificada, mas estou muito feliz porque é deste modo que se começa. Percebi também como fazer um *fade in*, um *fade out*, um *flash* (tudo comandos do “nosso” editor de imagens), a mexer no ORAD (para fazer oráculos) ou como enviamos a nossa peça para a legendagem. Isto é um mundo por descobrir.

Todos os dias, a rotina passa sempre pelo mesmo, ver as notícias da atualidade, perceber o que pode ser notícia televisiva e treinar. As coisas mudam quando nos dão novas oportunidades, foi o caso no final de março. Permitiram aos estagiários assistir a um telejornal a partir da régie. Aprender todos aqueles pormenores que em casa nunca saberia, fez-me lembrar o porque de ter ido estagiar para a SIC. Por exemplo, não fazia ideia que, depois do intervalo, o Primeiro Jornal

⁴ *Restores* – Recuperar peças jornalísticas vindas do arquivo

tem sempre de começar antes das 14h para que a estação não pague uma multa, por isso normalmente começa as 13:59.

E eis que no meio de todo este turbilhão de emoções, surge a jornalista Joana Latino. Sem obrigação alguma de nos ajudar, deu-nos (a nós estagiários) dois dias de formação pura e dura, daquilo que é ser jornalistas, com direito a dúvidas e questões, histórias, explicações e conselhos. A Joana não tinha obrigação nenhuma em fazê-lo, mas quis por nos ver tão desamparados. Obrigada Joana, foste fundamental.

A SIC Notícias dá uma “tarimba” impressionante. Logo nos primeiros dias aprendi o que era o *VIDI* (ecrã gigante no estúdio). Fazer imagens para o *VIDI* não é fácil e não sou eu que o digo, são as próprias jornalistas da edição da tarde. Apesar de ter visto a fazer, nunca cheguei a fazê-lo efetivamente. O mesmo se aplica a editar imagens amadoras, isto é, na sua maioria gravadas na vertical. Essas imagens amadoras tem de ter um tratamento para que mais tarde possam aparecer nas nossas casas em televisão nacional. Isso sim, já me ensinaram para efetivamente fazer, mas tive muita dificuldade. Apesar de tentar, acabava sempre por pedir ajuda.

Mesmo antes de entrar para o primeiro jornal, faço uma análise sobre mim e sobre os que me rodeiam. Continuo a ter muito que aprender, isso é certo. Mas meu deus, já não me sinto estagnada... que evolução, aprendizagens, emoção...tudo tão bom. Estou feliz e isso é que importa. No que toca à redação em si, tenho a ligeira sensação que a falta de comunicação impera. Como isto é irónico... um órgão de comunicação social, com falta de comunicação. As pessoas não falam, não reúnem, não comunicam e isso torna o trabalho em equipa bastante menos completo. Se tivesse que apontar um defeito seria esse, na esperança de poder ajudar a melhorar esse ponto.

20 de abril de 2022

Tantanana!! A entrada para o Primeiro Jornal e aquilo que eu sempre desejei. Passados alguns dias, finalmente saí pela primeira vez, para fazer a minha primeira peça jornalística, agora a sério!!! Ainda sem a minha voz, mas fui eu quem fez as entrevistas e quem escreveu a peça. Não editei, nem gravei, nem dei voz, mas foi um começo. Atribuírem-me uma peça!!! É um misto de nervosismo e de “eu sou capaz”... e não é que fui!

Desde sempre que soube que queria trabalhar em comunicação. Só não sabia bem em que medida, mas sabia desde pequenina que seria a comunicar com pessoas, saber o que sentem, descobrir as suas histórias e acima de tudo conseguir ajudar seres humanos.

Mas dia 27 de Abril, bem..., dia 27 de Abril foi o meu dia. O meu primeiro filhote totalmente meu nasceu e de um modo geral ficou “brutal”, desculpem-me a expressão. A minha primeira peça foi sobre a Space X e foi sugerida por mim. Queria tanto fazer alguma coisa que nos últimos dias, ia sugerindo sempre ao André (coordenador do Primeiro Jornal), temas que achasse interessantes e pertinentes para passarem em horário nobre. Foi o caso desta notícia. Só que, novidade das novidades foi a primeira com a minha voz. Todo o processo foi maravilhoso.

Primeiro comecei por sugerir. Quando tive luz verde, escrevi todo o esqueleto da peça. Mostrei à Manuela que me ajudou a melhora-la. Fui à sala onde podemos sonorizar a nossa peça e enchi-me de coragem e fiz a minha melhor voz. Mostrei ao André que se limitou a ouvir 10 segundos e disse-me: podes ir, diverte-te. Segui feliz para a sala de edição onde acompanhei atentamente o trabalho do editor. Até direito a música “espacial” a minha peça teve. Estava radiante.

Da sala de edição observo o computador que mostra o meu nome com o estado da minha peça, que hoje finalmente assino, no alinhamento do Primeiro Jornal. Assim que o editor termina a peça, a barra vermelha desaparece e dá lugar a um *ready*. Oh meu deus !! Já está? Não acredito. É isto?

Quando terminamos segui para o refeitório, onde já se encontravam os meus colegas a almoçar. Almoçamos rapidamente e seguimos para dentro da redação onde, todos juntos, assistimos em conjunto à minha peça. Fiquei ainda mais feliz de ver a felicidade dos meus colegas pelas minhas conquistas.

Nesse dia senti um sentimento bastante agridoce. A minha bisavó faleceu nessa manhã. Apesar da tristeza, quero acreditar que foi uma prenda que levou consigo. Dedico-lhe a esta primeira peça. A primeira peça da minha vida.

Nos dias seguintes, as peças continuaram, fiz sobre o bom tempo e o aumento da temperatura. Dias depois fiz a minha segunda peça com saída. Esta também com a minha voz. Fui com o repórter de imagem passear pelas esplanadas e perceber juntos de restaurantes e cafés se com o aumento das temperaturas as pessoas já saiam mais à rua.

Bom e assim continuei nas semanas seguintes, com peças sobre leilões, Covid-19, Elon Musk e o Twitter etc. Esta foi sem dúvida a melhor experiência e o sítio onde mais gostei de estar durante todo o estágio. A princípio não foi fácil, acordar tão cedo para entrar na redação às 8:30h da manhã para ter uma peça para passar no Primeiro Jornal entre a 13:00h e as 14:00h. Foram dias muito bons mas muito stressantes. Por vários motivos. A maioria das vezes saía da redação já depois das 10:00h, voltava no mínimo ao 12:00h, acabando por ter muito pouco tempo para escrever, dar voz e editar a peça. Isto ou acabava por fazer peças com recurso a outros canais comunicacionais.

Para além destas questões que dependiam de mim, havia outros pormenores que infelizmente não conseguia controlar. Como se a peça era suficientemente relevante para não “cair”, se as pessoas aceitavam ser entrevistadas ou respondiam a e-mails e telefonemas, se a sala de edição estava disponível ou ainda se havia jornalistas disponíveis para me corrigirem a peça. Esta situação subia-me rapidamente a adrenalina tanto para o lado positivo como para o negativo.

Apreendi mesmo muito e apesar de mudar de editoria, vou com o desejo de fazer mais e melhor. Vou com o pensamento que tenho de ir de mente aberta. Sei que gostei muito do Primeiro Jornal e não sei o que me espera, mas tenho de acreditar que tudo será bom e conhecimento é evolução, mesmo quando não gostamos.

Depois de ter acompanhado os jornalistas a realizar peças mais direcionadas ao ambiente, consegui eu própria fazer uma peça relacionada com o tema.

21 de maio de 2022

Terminar o estágio na Edição do Meio Dia, é em parte voltar à Edição da Tarde. Apesar de muito diferente, é também muito igual. Ambos são pertencentes à SIC Notícias e o formato é bastante idêntico. Senti o ambiente muito mais frenético na edição do Meio Dia porque a equipa é mais pequena, em especial devido a algumas baixas que faziam falta devido ao volume de trabalho que existia.

No geral tentei apoiar a equipa com alguns OFF's e TH's mas em especial com vários blocos de imagens, que fazia diariamente para que as jornalistas da equipa tivessem alguns momentos para “respirar”. Como tinha liberdade para escolher aquilo que queria fazer consoante o que fosse aparecendo no planeamento, escolhi ao máximo aquelas que se relacionavam com a temática deste trabalho escrito. Como por exemplo um OFF sobre as entradas dos próximos telefones que passarão a ser universais para que não só todos tenham acesso aos mesmos carregadores, o que apoia o consumidor a nível monetário, como também apoia o ambiente para a diminuição do uso de plástico.

Mesmo terminando o estágio na Edição do Meio Dia, no meu último dia apoiei a equipa da Agenda, pois passaram o dia a receber telefonemas devido a uma reportagem que foi feita na Ucrânia, sobre um menino que não tinha condições de vida. Foram muitos aqueles que se propuseram a ajudar monetariamente, com bens ou a adotar o menino.

Não podia ter terminado o estágio de melhor forma. Existe lá coisa melhor do que ver a magia da televisão? A televisão no seu melhor, a ajudar, apoiar causas nobres como esta. Estou muito feliz.

CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA

2. JORNALISMO AMBIENTAL

2.1 O jornalismo ambiental e a sua evolução em Portugal

Carla Castelo descreve o jornalismo ambiental de um modo muito claro:

O chamado jornalismo de ambiente é aquele que se debruça sobre essas questões ambientais e que são fundamentais na nossa sociedade, ou seja, para a nossa sobrevivência, não devendo ser confundido com a educação e sensibilização ambiental. Ao darmos informação rigorosa e factual e ao denunciarmos determinadas situações ou colocamos luz em quartões que estão na penumbra e que não estão visíveis aos olhos da maioria das pessoas, estamos no fundo a despertá-las para questões que são essenciais.

(Anexos B, p.94)

Cada vez mais apercebemo-nos que o ambiente e a natureza são temas que devem estar na ordem do dia. A preservação ambiental bem como os seus recursos naturais (alimentos, água, matérias primas, etc) tem tido cada vez mais destaque na cobertura mediática.

Por isso mesmo, os meios de comunicação social têm de cumprir o dever de informar o público, tendo um papel fundamental na transmissão da informação sobre este tema. A literacia mediática deve promover não só a cidadania como o conhecimento ambiental, tornando a sociedade mais participativa, empática e consciente.

Segundo a jornalista Diana Pinheiro: “Esta área todos os dias ensina algo, tanto a quem vê televisão como aos próprios jornalistas.” (Anexo B, p.98)

Contudo nem sempre foi assim, o ambiente foi durante muitos anos desvalorizado em Portugal, relativizando a sua importância não só no seio mediático como também na política e na economia.

“Este tema começou a ganhar relevância com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, no ano de 1986 e com as políticas a que se viu obrigado a cumprir para garantir a sua permanência na organização” (Silvestre, 2021, p.14).

Todavia, se recuarmos milhares de anos percebemos que as preocupações ambientais fizeram parte de civilizações muito antigas como os Maias e os Indígenas da Amazônia, por exemplo. Segundo

Iola Campos, em 1556 surgiu um livro intitulado “De Re Metallica”, escrito por Agrícola, sobre metalurgia onde era citada a existência de leis italianas que proibiam a exploração mineira por causa dos seus efeitos nas florestas, campos, vinhas e olivais bem como refletiu sobre o impacto que as minas tinham na saúde humana. Após o surgimento dos livros, testemunhos e escrituras foi um passo até à criação de legislações de proteção ambiental e ao destaque ambiental na cobertura mediática.

Não é, pois, de estranhar que com o florescimento da influência dos jornais ao longo do século XIX, também tenham começado a surgir referências ao ambiente na imprensa (Campos, 2012, p.4).

Os Estados Unidos foram enormes impulsionadores do jornalismo ambiental no século XVII. Foi nesse período que surgiram as primeiras revistas ambientais, bem como as primeiras publicações especializadas e coberturas jornalísticas acerca das manifestações ambientais. No século seguinte o jornalismo de investigação ambiental e os debates sobre o ambiente ganham destaque na agenda jornalística.

Nos anos 70/80, o tema “ambiente” começou a chamar a atenção do público, contudo a falta de repórteres especializados na área era notória, em especial devido ao facto dos jornais locais e os grandes jornais falarem apenas dos problemas de grande envergadura que se faziam sentir na época e não nos problemas ambientais regionais.

No final dos anos 80 a realização da Cimeira da Terra contribui para um novo “bum” do jornalismo ambiental. Sendo que nos anos 90 este género jornalístico atravessa alguns problemas. Segundo Friedman (2004) explica que existiu uma fronteira ténue entre o que é jornalismo ambiental e o que é jornalismo político ou científico, bem como o ênfase que dá à falta de fontes, de conhecimento científico e de técnicas para realizar grandes reportagens ou trabalhos jornalísticos investigativos. Para além disso, os jornalistas ambientais protestavam pela falta de cobertura ambiental bem como pela falta de especialização e dos poucos recursos para realizar boas coberturas jornalísticas ambientais.

Adicionalmente, os jornalistas de ambiente queixavam-se que a secção não era convenientemente coberta, que havia falta de espaço, tempo e pessoal, acusando os outros jornalistas e editores de ignorância (Correia, 2018).

De salientar que é neste século que se fez sentir o declínio do jornalismo ambiental, diretamente ligado ao desinteresse público focando-se noutros temas como a política, a economia, as guerras e a crise.

Relativamente a Portugal, no governo de Salazar, o tema ambiente no jornalismo português foi desvalorizado tanto ao nível nacional como internacional e regional. No país toda a informação era minuciosamente analisada. “Antes do 25 de Abril, como em todos os outros temas, a informação internacional sobre ambiente era filtrada” (Campos, 2012, p.13).

Com o pós-25 de Abril os temas de enfoque foram outros, nomeadamente políticos e só nos anos 90 é que o ambiente volta a ter destaque na cobertura mediática com o surgimento de conceitos, debates, notícias e reportagens.

A verdadeira eclosão do jornalismo ambiental português ocorreu na primeira metade dos anos 90, com a criação de secções próprias e a abertura do jornalismo ambiental para o mundo (Campos, 2012, p.14).

Segundo Campos, é nessa época que surgem as secções ambientais nas rádios, na imprensa e nas televisões privadas e foi também nesta altura que se começou a dar mais destaque a notícias ambientais internacionais.

Mas afinal o que é o jornalismo ambiental? O jornalismo ambiental é um jornalismo especializado em abordar os temas ambientais com maior exatidão e conhecimento de causa, falando do que acontece nacionalmente e internacionalmente e abordando acontecimentos fulcrais para o tema. O jornalismo ambiental mostra, muitas vezes, a sua perspetiva ambiental, tentando passar à audiência como devem compreender e reagir às questões ambientais.

É esta multidisciplinaridade que torna “ambiente” uma categoria difícil de definir – pois não tem uma editoria fixa como a maioria dos temas especializados. O seu afinilamento ajuda a definir o que deve ser considerado (ou não) um tópico ambiental (Correia, 2018, p.26).

Dentro do ambiente temas como: os desastres naturais, os combustíveis fósseis, a reciclagem, a poluição, os transgénicos, marés negras, substâncias perigosas/ químicas, desperdício animal, saúde, a sustentabilidade, a saúde do planeta, o aquecimento global, camada do ozono e as energias renováveis são cada vez mais urgentes a ser abordadas por jornalistas ambientais.

Neste sentido, podem ser temáticas como as alterações climáticas, a água, a biodiversidade, o ordenamento do território, o ruído, etc. É evidente que, determinados temas, captam maior atenção por parte do público, sendo característica deste fenómeno a atualidade e a empatia que as notícias causam (Silvestre, 2021, p.15).

Segundo a especialista em assuntos ambientais, Carla Castelo, o tema ambiente é muito mais do que as alterações climáticas e do que catástrofes naturais.

Isto tem vantagens e inconvenientes porque nós também não podemos pensar que esse é o único tema importante a tratar. É um desafio que temos de enfrentar, mas há muitas outras coisas. Desde logo a perda de biodiversidade, a poluição, questões que afetam a nossa saúde e que não estão diretamente ligadas com as alterações climáticas. O tema do ambiente é vastíssimo o que nos leva a refletir. Assim, sendo um tema tão vasto que é complicado reduzi-lo a uma coisa tão pequena. Quando comecei a fazer ambiente as pessoas desvalorizavam outros temas. Foram muitas as que viam o ambiente como algo que tinha a ver com as florzinhas ou com os passarinhos, falando de uma forma depreciativa como se todo o reino animal e vegetal não fossem realmente essencial para a vida humana. Nós dependemos da biodiversidade. (Anexos B, p.94)

No entanto, e apesar do crescimento real dos movimentos sociais relacionados com o ambiente, ainda prevalece uma espécie de inércia em relação ao tratamento de assuntos sobre o clima. Os media devem desempenhar um papel fundamental na informação noticiosa e promoção, entre os indivíduos comuns, da adoção de práticas novas e mais sustentáveis. Todavia, a cobertura mediática parece estar a falhar na tarefa de lidar com a crise climática, visto que estão mais preocupados com aquilo que a sociedade fala em determinados momentos e não com aquilo que é do interesse do ambiente.

"Sem dúvida, a media é um dos principais contribuintes para a formação de perceções públicas, atitudes e ações em relação às questões ambientais" (Tavares, 2020).⁵ Por isso mesmo, os media portugueses devem sentir um carácter de responsabilidade de tratar o tema utilizando o jornalismo

⁵ "Without doubt, media is a key contributor to shaping public perceptions, attitudes, and action regarding environmental issues"_(tradução do autor).

como forma de incentivar a população portuguesa a pensar nas urgências ambientais como as alterações climáticas. Os media em vez de promoverem uma ação climática responsável da sociedade, estão a contribuir para uma falta de empatia generalizada em relação ao clima e às questões ambientais devido à ausência de investimento sério no tratamento do tema.

Um jornalista ambiental é um especialista que tem não só o papel de disseminar a informação como também de educar a população, e muitas vezes é visto como defensor ambiental.

Os jornalistas especialistas em ambiente costumam ter um perfil próprio marcado especialmente por cobrirem o tópico há uma quantidade significativa de anos (Correia, 2018, p.26).

No fundo, um jornalista ambiental tem uma complexa tarefa, que passa pelo jornalismo especializado, isto é, ser responsável “na descodificação da informação disponibilizada por cientistas, governantes e organizações não-governamentais, que pode causar mal-entendidos se não for bem interpretada” (Silvestre, 2021, p.16). O que muitas vezes é o que acontece, abrindo espaço a notícias falsas ou partilhas um pouco ignorantes por parte da população em geral. Infelizmente o jornalismo tem a tarefa de mostrar a dura realidade ambiental e ajudar a maioria das pessoas a compreender a gravidade da situação do nosso mundo.

Todavia, o jornalismo do ambiente atravessa um grande desafio visto que atualmente os meios de comunicação tem várias dificuldades em abordar o tema “ambiente”, e acabam por fazê-lo apenas quando há desastres naturais, o que obviamente limita o destaque desta temática e o seu aparecimento na agenda mediática.

2.2 Conferências das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas: COP26

A Conferência das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas ou a COP (sigla que designa a Conferência das Partes) é um importante evento anual que junta dirigentes de todos os países do mundo (173 nações e territórios) com o objetivo de chegarem a um acordo sobre a forma mais viável de intensificar a ação a nível mundial para resolver a crise climática e limitar o aumento da temperatura.

“A primeira Conferência das Partes foi em 1995, em Berlim, na Alemanha, presidida por uma jovem conservadora de nome *Angela Merkel*” (Euronews, 2021).

Há quase 30 anos, os dirigentes mundiais reuniram-se pela primeira vez para dar uma resposta coletiva à questão das alterações climáticas. As Nações Unidas convidaram os

países a assinar uma convenção sobre o clima segundo a qual cada país signatário se comprometeria a reduzir as emissões de gases com efeito de estufa (Conselho da União Europeia, s.d).

O ano de 2021 não foi exceção. De 31 de outubro a 13 de novembro, deu-se a COP26 em Glasgow, organizada pelo Reino Unido em parceria com a Itália. A mesma tinha sido adiada devido à pandemia provocada pela covid-19, em 2020. Nesta cimeira, a ordem de trabalhos passou pela discussão de medidas a serem implementadas para manter o aquecimento global médio abaixo dos 1,5°C, bem como assegurar a adaptação para proteger comunidades e habitats naturais e certificarem-se que existirá financiamento para enfrentar os desafios das alterações climáticas. Para além disso existiu um reforço dos compromissos associados aos fundos para apoiar os países em desenvolvimento a combater os problemas climáticos. Adotou-se um compromisso mundial sobre o metano, criou-se um compromisso para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa até 2030 e também a finalização das regras sobre os aspetos operacionais do Acordo de Paris.

Segundo o *site* oficial da COP26, a Conferência das Nações Unidas teve como principais resultados o compromisso de 52 países para a construção de sistemas de saúde de baixo carbono resilientes e sustentáveis ao clima, transição global para veículos de emissão zero (ZEV), aumento do investimento em pesquisa e inovação agrícola para criação de tecnologias e práticas mais resilientes ao clima e de baixa emissão e financiamento da proteção e restauração sustentável das florestas, entre outros (UN Climate Change Conference UK 2021, s.d). Estiveram presentes os mais altos representantes a nível mundial e europeu, o que demonstra a importância do evento.

A delegação da UE foi chefiada pelo presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e pelo primeiro-ministro esloveno, Janez Janša, em representação da Presidência eslovena do Conselho da UE (Conselho da União Europeia, s.d).

As alterações climáticas começaram a ser vistas como um problema social e mundial e, por isso é preocupante perceber que o destaque que os media dão a eventos, como as conferências ambientais, têm-se revelado escassas. A cobertura jornalística das Conferências das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas podem influenciar a opinião pública, mas isso depende do nível de envolvimento do público relativamente à realidade ambiental e problemas ambientais. As notícias do ambiente são importantes ciclicamente, ou seja têm picos de interesse, aparecem e desaparecem consoante a agenda mediática.

"O ceticismo sobre as mudanças climáticas, em contraste, tem sido identificado como uma forte barreira para o apoio às políticas de mitigação ou para atividades de redução de carbono" (Wonneberger, 2019).⁶

Os eventos ambientais podem e devem causar mudanças nas pessoas e no modo como estas vêem estas questões, ainda que de forma limitada, se não forem elas as próprias vítimas ou testemunhas desses eventos. Por isso é importante compreender os efeitos que os media têm neste tipo de conteúdos e de que maneira é que a sua transmissão é relevante para a sociedade. O jornalismo ambiental é a melhor forma de consciencializar as massas sobre as alterações climáticas. Uma população com sentido crítico e com consciência é a melhor forma de lutar contra as mudanças do clima. Os jornalistas têm o dever ético não só de informar como também de contribuir para uma consciência ecológica da sociedade, para que assim se chegue a um consenso relativamente a políticas futuras que devem ser implementadas.

Este género de Conferências devem ser escrutinadas pela comunicação social para que a opinião pública ganhe literacia ambiental e consiga perceber a urgência de eventos anuais como este. Os jornalistas ambientais podem mudar as consequências negativas que as alterações climáticas estão a causar no planeta e na maneira que podem alterar a forma como as pessoas percecionam os problemas ambientais. "Uma ampla gama de crenças e atitudes afetam a forma como as pessoas percebem e respondem às mensagens sobre as mudanças climáticas" (Wonneberger, 2019).⁷

Este jornalismo especializado é não só atual como também responsável pelo impacto humano na Natureza. Infelizmente, muitas vezes, aquilo que se pensa ou diz gera desinformação, bem como as crenças que estão presentes nas notícias falsas. É importante clarificar termos técnicos e abordar expressões científicas que se utilizam nesse tipo de eventos. Por isso, a mudança dos media no tratamento destas questões bem como na cobertura destas conferências é fundamental e poderá alterar a opinião pública.

⁶ "Climate change skepticism, in contrast, has been identified as a strong barrier for support of mitigation policies or for carbon-reducing activities" _ (tradução do autor).

⁷ "A broad range of beliefs and attitudes affect how people perceive and respond to messages concerning climate change." _ (tradução do autor).

Considerar possíveis mudanças nos segmentos de audiência no contexto de eventos importantes, como conferências internacionais sobre mudanças climáticas, traz a cobertura da mídia sobre tais eventos em jogo (Wonneberger, 2019).⁸

O jornalismo ambiental tem um poder incontornável, por isso consegue criar situações de debate ou pode alertar para temas que são ignorados por partidos políticos ou entidades superiores. Esses temas desvalorizados podem ganhar um lugar de destaque nos meios de comunicação social e conseqüentemente um papel de relevo na sociedade, o que lhes garante alguma visibilidade. Para além disso, estimula a sociedade a refletir sobre as temáticas com o intuito desta adquirir hábitos de vida mais saudáveis como a reciclagem ou a diminuição da poluição.

Por tudo isto, é importante dar destaque a cimeiras, conferências e eventos ambientais, porque um jornalismo responsável e preocupado ajuda a ciência e conseqüentemente protege o ambiente.

Estamos aqui porque o mundo está a enfrentar uma grave crise climática. A rutura do clima está a acontecer agora e está a acontecer com todos nós. Estamos numa batalha pelas nossas vidas. Mas é uma batalha que ainda podemos vencer. - Declarou António Guterres, durante a Reunião do Clima de Abu Dhabi, em junho de 2019 (Nações Unidas, 2019).

Até ao momento apenas dois estudos (O Retrato da Mudança Climática nos Media Europeus: Implicações para a Mobilização Social para a Ação Climática⁹ e o estudo sobre a Cobertura dos media nas Conferências sobre Mudanças Climáticas que afetam os segmentos do público sobre mudanças climáticas¹⁰) analisaram os efeitos que eventos ambientais e a cobertura ambiental têm na população e sociedade em geral e nenhum deles avaliou a cobertura mediática a seguir uma conferência dessa envergadura. Ambos os estudos concluíram^{***} que a forma leve como a cobertura mediática aborda as alterações climáticas, sem uma atenção proporcional às soluções, pode levar os cidadãos a não adotar novas práticas sustentáveis.

⁸ “Considering possible changes in audience segments in the context of important events, such as international climate change conferences, brings the media coverage about such events into play.” _ (tradução do autor).

⁹ “Article The European Media Portrayal of Climate Change: Implications for the Social Mobilization towards Climate Action” _ (tradução do autor)

¹⁰ “Shifting public engagement: How media coverage of climate change conferences affects climate change audience segments” _ (tradução do autor)

Por esse motivo, este estudo de caso torna-se extremamente pertinente e relevante para futuras soluções ou propostas de solução, numa tentativa de assegurar cada vez mais o papel fulcral que o jornalismo ambiental tem no mundo. Para além disso, foram feitos estudos que analisam a ligação entre o jornalismo ambiental e as fontes de informação, por exemplo, no caso da TVI. Este estudo chamou a atenção para a falta de uma editoria ambiental que se reflete no tempo de antena em que há uma diminuição substancial do número de notícias, o que prejudica a relação entre jornalistas e as fontes de informação.

Outro estudo aborda a transição do jornalismo em papel para o *online* e um caso específico relativamente ao jornalismo especializado no caso do Público. Neste estudo as conclusões são claras: o jornal Público é um dos jornais portugueses que valoriza mais o ambiente, contudo esse não é um dos temas mais privilegiados no jornal.

Penso que é ainda relevante apontar a perspetiva da ex-jornalista Carla Castelo sobre a Cimeira Ambiental:

No entanto, sou cada vez mais cética a este tipo de eventos pela sua pegada ecológica. São eventos presenciais, o que leva necessariamente a que as pessoas se desloquem em grandes viagens de avião, levando a um contrassenso como também à existência de patrocínios de empresas que estão claramente ligadas as indústrias e aos mercados petrolíferos. O que me leva a pensar se faz sentido continuar com este modelo de conferências anuais ou se deveriam eventualmente ser feitos noutros moldes. (Anexos B, p.97-98)

Será que não seria uma boa ideia fazer uma Cimeira Ambiental via *internet* para proteger o ambiente, mantendo a mesma divulgação mediática e importância sobre o tema?

2.3 Jornalismo de Ciência – Jornalismo Especializado

O jornalismo especializado é no fundo a união entre aquilo que é o jornalismo e o universo científico. Ou seja, a principal diferença entre o jornalismo e o jornalismo especializado é facto de o primeiro se preocupar em informar e o segundo não só informa como também aprofunda um conhecimento específico de uma área e desmistifica conceitos e termos técnicos que não são do conhecimento geral da sociedade.

“A nível mundial, o pioneiro do jornalismo científico foi o alemão *Henry Oldenburg*.” (Miranda, 2014, p.2) Cientista e criador do periódico “*Philosophical Transactions*”, em 1665, que divulgava informações científicas. Contudo, foi anos mais tarde, no século XIX e XX, que surgiu o

jornalismo especializado. Foi o jornalista inglês *Richard Calder* que contribuiu para a disseminação do conhecimento científico através da transmissão de informação sobre as duas guerras mundiais no *Daily Mail*.

Obviamente, o termo jornalismo científico constituiu-se como uma apropriação baseada em uma terminologia mais ampla, utilizada também em outras áreas. Considera-se jornalismo científico a produção baseada em ciência vinculada pelos meios de comunicação, mas chama-se de divulgação científica todo produto (seja ele textual, visual ou cultural) que tenha como objetivo divulgar a ciência para um público amplo (Miranda, 2014, p.3).

O jornalismo especializado tem um papel de intermediário relativamente a saberes científicos, entre a ciência e a sociedade. O jornalista é especializado dependendo do meio de comunicação em que se encontra a trabalhar e dos temas abordados. O jornalista pode ser especializado se tiver estudado para isso, ou seja, caso tenha um curso académico específico na área em questão ou se lhe for entregue uma editoria/ secção, bem como se se dedicar a leituras aprofundadas sobre um dado tema.

O jornalismo científico existe para aproximar cientistas e comunicadores. O objetivo não é o de unificar a mensagem complexa da ciência e a mensagem simplista para o público geral – mas sim o de tornar a mensagem científica mais relevante e compreensível para um público leigo. (Miranda, 2014, p.289)

É importante investir num jornalismo de ciência de modo a informar com maior precisão e rigor, com o objetivo de oferecer ao público mais informação, conhecimento e também consciência, para que assim seja possível combater e evitar a difusão de notícias falsas.

Um jornalista especializado deve desmistificar/adaptar a utilização de termos técnicos específicos que não são de uso comum pela população em geral. Este género de jornalismo pretende também evitar que alguns temas caiam no esquecimento ou que sejam desvalorizados.

A comunicação de ciência é precisamente uma das áreas que fazem a ponte entre especialistas e jornalistas. Esta serve – como todas as áreas especializadas – para

simplificar as matérias para o público geral, e é algo que segundo a literatura deve ser feito com muita cautela (Correia, 2018, p.19).

Para perceber o que é o jornalismo de ciência é importante clarificar o que é a ciência enquanto área de estudos. A ciência é todo o conhecimento alcançado através de estudos, pesquisas ou práticas realizadas para adquirir ainda mais conhecimento.

Assim, posso entender a denominação de jornalistas científicos aqueles que trabalham, sobretudo, na área da ciência com uma preparação cuidada e específica na transmissão do saber, de um saber competente e mais compreensível ao público em geral (Oliveira, 2014).

Contudo, o jornalismo especializado enfrenta um enorme desafio. Por um lado, o jornalismo de ciência pode ajudar as pessoas a refletir sobre temas que não pensam no dia-a-dia como a camada de ozono, mas, por outro lado, torna-se difícil para os jornalistas explicar alguns conceitos. Numa editoria desportiva, os jornalistas não têm constantemente de relembrar aos espectadores acerca dos termos técnicos usados no futebol, contudo quando se aborda por exemplo o tema “ambiente”, normalmente é necessário clarificar ou relembrar a audiência sobre o significado da camada de ozono.

Por exemplo, numa peça de desporto o jornalista não precisa de explicar certos conceitos porque toda a gente já sabe o que é, mas numa peça sobre alterações climáticas podem surgir muitas noções que são menos familiares e tem de ser explicados. Em televisão, é claro que essa explicação tem de ser muito curta e sucinta, mas sem perder o rigor. (Anexos B, p.98)

Para além disso, existe mais um entrave à comunicação de ciência: “A discórdia entre cientistas e a relação de cientistas e jornalistas” que gera um constante debate (Correia, 2018, p.20).

É por isso uma especialização bem difícil a daqueles jornalistas que trabalham na mediação da ciência ou da comunicação científica, quer pela especificidade das várias ciências, dos seus diferentes objetos, conceitos, teorias, reportórios experimentais e investigados, quer pelo target ou grau cultural das audiências (Oliveira, 2014).

Não obstante, é importante referir que apesar dos desafios sentidos pelos jornalistas, os cientistas estão cada vez mais abertos a falar com os meios de comunicação social sobre conceitos e temáticas científicas. Todavia, de mencionar que cabe ao jornalista analisar a informação dada pelo cientista filtrando aquilo que é ou não relevante para o público.

Segundo José Manuel Paquete de Oliveira, se o jornalista aborda temas especializados no geral, este acredita que mais pertinente que esses assuntos são aqueles que são abordados no campo científico e que são geradores de grande polémica, como por exemplo: teses, teorias, debates e discussões como é o caso dos alimentos transgénicos (Oliveira, 2014).

A ideia de Paquete de Oliveira acaba por ir ao encontro da pertinência deste estudo de caso, visto que a abordagem de temas como os alimentos geneticamente modificados está associado ao tema ambiente que é aquele que pretendo estudar.

2.4 Ambiente e a televisão

A televisão, a caixinha mágica, base de todo o conhecimento que vemos diariamente nos ecrãs. Forte, poderosa, transmissora de informação, construtora de conceitos ou ajudante para que sejam desconstruídos paradigmas. Por vezes invasora de privacidade, por vezes lutadora dos direitos fundamentais humanos. Esta é a televisão.

Podem surgir os meios comunicacionais que surgirem, a televisão continua e pensa-se que continuará a reunir as preferências dos portugueses. Segundo um estudo realizado pela ERC, o objetivo central passa por analisar a evolução dos consumos dos media em Portugal. A amostra de 1035 entrevistados, os principais recursos de fontes noticiosas revelam que 93% dos inquiridos tem preferência em programas televisivos de notícias, 66% dos inquiridos utilizam as redes sociais, seguindo-se dos jornais com 65% e *websites* e aplicações de jornais com 54%. (ERC, p.44)

Estes dados são reveladores da importância que a televisão continua a ter na vida do povo português. Apesar da evolução da importância do digital, percebemos que a presença da televisão no consumo comunicacional dos portugueses continua muito relevante.

Entre a programação dos canais televisivos generalistas, a informação merece lugar de destaque, o que ajuda a alimentar o gosto que os telespectadores têm por este género televisivo. Logo cedo, Bom dia Portugal na RTP, Edição da Manhã na SIC, Diário da Manhã na TVI. Ao almoço, às 13h em ponto, uma hora e meia de Jornal da Tarde, Primeiro Jornal e Jornal da Uma. Ao jantar novo reforço, às 20h, com mais uma hora de Telejornal e hora e meia de Jornal da Noite e Jornal Nacional. (Borges, 2017, p. 37)

Neste ponto temos de falar de algumas características televisivas fundamentais para realizar jornalismo de qualidade. Um deles é o valor que as notícias têm, ou seja quando se decide se um determinado assunto deve ou não ser mediatizado.

Se pensarmos naquilo que fomos aprendendo ao longo do percurso académico, destacamos alguns fatores que nos fazem dividir os assuntos que são ou não são notícias. Isto é, no valor notícia equaciona-se se o assunto tem mais do que uma fonte que o comprova, ou se o assunto surge com frequência, se é falado diariamente pelas pessoas e surge muitas vezes ao longo dos dias, bem como se é relevante a dimensão que esses temas têm na sociedade. Isto para não falar de questões fundamentais como se é do interesse público ou do interesse do público.

E estes são apenas alguns exemplos que devem ser considerados para que se perceba se uma história pode ou não ser considerada notícia. Algo que constatei na SIC e SIC Notícias e que é analisada de forma indireta no Anexo A, visto que em alguns pontos pode-se perceber o porquê de certas notícias televisivas terem chegado a ser consideradas relevantes.

Para este trabalho, é ainda importante falar do alinhamento, visto que, mais uma vez, foi também ele analisado para poder responder às perguntas de partida (tabelas do Anexo A).

Um telejornal é pensado e organizado muito antes de ser emitido por uma equipa que inclui, geralmente, produtores, jornalistas e apresentadores. As notícias são apresentadas de acordo com a importância dos temas e ordenadas num alinhamento. A escolha mais difícil na preparação do alinhamento é a da notícia de abertura. Mas, se no início do dia um acontecimento pode parecer o mais relevante, o seu desenvolvimento nas horas seguintes pode remetê-lo para uma posição diferente na hierarquia das notícias. Na verdade, o alinhamento está em permanente construção até ao fim do telejornal (Ensina, 2010).

No fundo o alinhamento é a forma como as peças ou outros conteúdos jornalísticos devem surgir ao longo dos segmentos noticiosos. Os conteúdos surgem no alinhamento tendo em conta o valor notícia que falamos anteriormente. Ou seja, os assuntos que são da ordem do dia surgem no início do alinhamento, assuntos mais polémicos ou diretamente ligados com política e economia, normalmente surgem também no início dos noticiários. O desporto, peças diárias de temas pontuais, cultura e ambiente são temas que surgem mais no final do alinhamento. Ainda assim, como explica a RTP o alinhamento pode mudar até durante a exibição do telejornal.

De destacar ainda que os alinhamentos diferem de pessoa para pessoa, de equipa para equipa, de semana para semana ou de estação televisiva para estação televisiva. A redação é um órgão vivo e por isso está em constante transformação, o que hoje é certo amanhã é incerto. Algo que a jornalista Diana Pinheiro explica quando aborda o tema durante a entrevista:

Ainda assim, acho que o tratamento deste tema depende muito de cada coordenador e dos jornalistas que cobrem com mais frequência esta área. Neste momento, na SIC, podemos dizer que a pasta do ambiente está um pouco "adormecida".

Por fim, outra questão importante para o desenvolvimento deste trabalho foram: os géneros jornalísticos, que me ajudam a perceber de que forma são trabalhados os conteúdos jornalísticos, em especial os conteúdos ambientais.

Todos os temas podem ser abordados em qualquer um dos géneros jornalísticos. No fundo a informação é a mesma, o que difere é a maneira como queremos passar a informação.

A Notícia é a mais óbvia de todos os géneros jornalísticos. É através da notícia que o jornalista informa sobre uma novidade de última hora. Escreve-se do mais importante para o menos importante. Deve responder às questões básicas: O Quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê?

A entrevista normalmente serve para complementar outros géneros jornalísticos e na sua generalidade é usada como método de investigação sobre o tema que se quer abordar. A reportagem é o género jornalístico mais completo e deve ser executada presencialmente ao contrário dos outros géneros que podem ser realizados via telefone ou e-mail. A reportagem deve responder às perguntas: Como? e Porquê?

O repórter é, pois, o profissional de comunicação que exercita a consciência, ininterruptamente, para captar fenómenos, considerando que o dever é o livre espaço do desvelamento. Para que o fenómeno possa brilhar, traduzindo em palavras, já que ser captado por alguém que o interprete. Nesse caso, o repórter é quem clarifica os acontecimentos desenredando-os para que possam aparecer, ou simplesmente parecer, inteligíveis aos leitores, que terão outras possibilidades de interpretação. (Guirado, 2004, p.16)

A reportagem em televisão por norma dura entre 4 a 10 minutos. Para além disso a reportagem divide-se ainda entre reportagem especial e grande reportagem. A primeira pode durar até 30 minutos e a grande reportagem supera os 30 minutos.

Em televisão, e excluindo os géneros apenas aplicados em papel, surge ainda a Opinião que deve ter um espaço explícito e bem definido para que o telespectador tenha sempre em mente que naquele momento se está a dar a opinião sobre um determinado assunto e não apenas a informar sobre um tema.

Optou-se, neste caso, por utilizar a terminologia da SIC, órgão de comunicação alvo de estudo, até porque embora existam conceções adaptadas a este meio, na prática até nos vários canais portugueses os termos mudam. Entre os géneros mais simples está o off, que por norma tem menos de 1 minuto. Neste, só o pivot tem a palavra, enquanto é emitido um bloco de imagens relacionadas com o que diz. Depois o talking head, mais conhecido por th que tem também geralmente menos de 60 segundos. Como o próprio nome indica, é uma declaração solta de alguém, precedido de uma entrada do pivot. Por vezes juntam-se ths de diferentes fontes num bloco sobre o mesmo tema. Outro género mais simples é o direto, que consiste apenas no discurso do jornalista, por vezes entrevistando em tempo real alguma(s) fonte(s) (Borges, 2017, pp. 41 - 42).

2.5 O ambiente nos media

Uma das maiores dificuldades na realização deste trabalho académico foi, sem dúvida, a procura de outros estudos que abordassem a temática do jornalismo ambiental em Portugal. Existe pouca investigação sobre o tema, o que me leva a crer que se o tema na sua generalidade é “desprezado” nas redações, o mesmo acontece a nível académico. Se o jornalismo dá pouco palco ao ambiente, esse tema não está na ordem do dia e poucos serão aqueles que têm essa temática como ponto de partida para um trabalho científico.

Torna-se ainda mais difícil quando pensamos em trabalhos sobre algo tão específico como a Cimeira do Ambiente.

Quando acedemos ao *website* do Sindicato dos Jornalistas é fácil constatar que o tema ambiente foi “esquecido”. As notícias mais recentes são dos anos de 2010 e 2011 onde abordam o tema de

forma muito rápida: “ONU lança guia para jornalistas encarregados de cobrir desastres” e “Jornalistas de ambiente ganham Prémio Internacional Calouste Gulbenkian”.

Em 1994 foi criado os Jovens Repórteres para o Ambiente para que os jornalistas sejam consciencializados sobre a importância da natureza e do meio ambiente. O projeto pretende contribuir para o treino do exercício de uma cidadania ativa e participativa, enfatizando a vertente do jornalismo ambiental. Segundo o *website* do projeto:

Os jovens investigam (através de entrevistas, inquéritos, etc...) e interpretam questões ambientais / de sustentabilidade relevantes a nível local como se fossem jornalistas, reforçando os seus conhecimentos no domínio do ambiente, das línguas estrangeiras e das novas tecnologias e técnicas de comunicação. Desenvolvem ainda competências nas áreas da cidadania, iniciativa individual e trabalho em equipe, análise crítica, responsabilidade social e liderança.

Contudo impera uma questão: Depois de integrar neste projeto como continua o trabalho do jornalismo ambiental nas televisões portuguesas?

Na RTP surge em 2006, e mantém-se até hoje, o *Minuto Verde*, uma rubrica do programa de informação diária, o Bom Dia Portugal de segunda a sexta-feira das 6:30 às 10:00. Em parceria com a Quercus, o *Minuto Verde* tem a duração de 1 minuto e o objetivo é aconselhar a sociedade a melhorar o meio ambiente.

Na SIC Notícias foi criada a rubrica *Terra Alerta* cujo objetivo foi o de reforçar a informação da SIC sobre questões como as alterações climáticas ou o aquecimento global.

Na TVI estes temas são abordados de forma pontual ou em programas de entretenimento. O mesmo acontece também nos canais anteriormente referidos.

No Público surge este ano o *Azul*, um projeto de informação jornalística que dá prioridade ao ambiente. Aborda temáticas como as crises climáticas, biodiversidade e a sustentabilidade.

No que toca a trabalhos académicos feitos em Portugal, encontramos em 2012 o estudo de caso realizado por Iola Campos, que trata o Jornalismo especializado na transição do papel para o *online*: o caso dos jornalistas de ambiente em Portugal. Este trabalho acaba por mostrar-nos a evolução do jornalismo ambiental em Portugal.

Durante décadas, de acordo com Luísa Schmidt, o registo televisivo não espelhava a realidade da poluição ambiental e do desordenamento do território. E, quando a televisão passou a destacar o ambiente, fê-lo muito mais pelos cenários exóticos estrangeiros do que pelos problemas nacionais, como o desordenamento. Schmidt explica ainda que houve um mimetismo que levou a que o aumento de políticas internacionais fizesse aumentar a visibilidade do ambiente na televisão, mas com um anacronismo nacional. A televisão portuguesa mostrava assim os problemas globais, mas não os nacionais, segundo a socióloga. (Campos, 2012)

O mesmo acontece com a Maria Wilton Correia que aborda o mesmo tema mas no jornal Público. As suas ideias e reflexões seguem a minha proposta e apesar de ser um relatório de estágio de 2018, parece nada ter mudado.

É esta multidisciplinaridade que torna “ambiente” uma categoria difícil de definir – pois não tem uma editoria fixa como a maioria dos temas especializados. O seu afinilamento ajuda a definir o que deve ser considerado (ou não) um tópico ambiental. (Correia, 2018)

De destacar que neste ponto o Público ainda não tinha criado o projeto AZUL e, portanto, neste momento, o tema ambiente já está a ser trabalhado de uma outra forma neste jornal.

Por fim, um relatório de estágio de 2021, que aborda mais uma vez o tema ambiente, contudo com uma perspetiva mais virada para as fontes.

Após a análise realizada no capítulo quatro, podemos concluir que as alterações climáticas são um tema pouco abordado no Jornal das 8 da TVI e uma das principais justificações é o facto de não existir uma editoria de ambiente, como já foi salientado. Isto implica uma diminuição do número de notícias, prejudica a relação entre jornalistas e fontes de informação (que poderia ser mais fomentada, caso existissem mais notícias sobre esta temática para escrever) e afeta, principalmente, o nível de conhecimento do público sobre alterações climáticas. (Silva, 2021, p. 63)

Mostrando que mais uma vez as minhas conclusões vão ao encontro daquilo que são as conclusões na sua generalidade de todos aqueles que se debruçam sobre esta temática. Apesar de termos poucos estudos e aprofundamento sobre o tema, é importante refletir sobre o facto de chegarmos todos à mesma conclusão. Quanto mais trabalhos realizados neste sentido e conclusões idênticas mais facilmente percebemos que algo está errado e é necessário que se faça efetivamente alguma coisa para alterar este problema.

CAPÍTULO III: ESTUDO DE CASO

3.1 OBJETIVO E PERTINÊNCIA DO TEMA

Pensar que existem editorias de desporto, economia e sociedade e não existe uma editoria que aborde única e exclusivamente o ambiente parece-me insuficiente. O nosso planeta e a sua preservação deviam ser a preocupação fundamental enquanto seres humanos. Por isso, tudo o que está relacionado com o tema é de extrema relevância.

Se a economia é importante porque o dinheiro move a sociedade, a boa preservação do ambiente é tão ou mais importante na nossa vida, pois move o planeta. Aceito que valorizem o desporto mas não aceito que valorizem menos o ambiente e a mãe natureza. Por isso, faz sentido para mim refletir sobre as prioridades que o Homem dá àquilo que valoriza mais ou menos e isso faz-me pensar. Especialmente que muita coisa está errada e que isso se pode ver no jornalismo.

É certo que o jornalismo vive das audiências e por isso tem de mostrar aquilo que é do interesse do público, mas não seria mais vantajoso, a vários níveis, mostrar aquilo que é do interesse público, ou porque não um equilíbrio entre ambos? O problema está que as massas copiam-se. Se um canal televisivo faz notícia, então “nós” fazemos também, sem espaço para a diferença ou a inovação.

Se convidarmos os telespetadores a ver determinados conteúdos, isto vai fazer com que os mesmos tenham interesse por esse tema. É óbvio que há alguns temas, como os relacionados com a economia e o governo, que são fundamentais e não há sequer discussão se devem ou não passar em horário nobre. Temas como o desporto foram inseridos no mundo jornalístico de forma gradual mas muito agressiva. Por isso, o tema ambiente pode e deve também ser introduzido gradualmente, para que se informe os telespetadores e que ao visionarem diariamente peças jornalísticas sobre o ambiente, possam ir ganhando interesse sobre o tema e um certo hábito. Assim, o tema ambiental passará a ser mais relevante e do interesse público.

Durante os cinco meses de estágio, foi notório perceber que os jornalistas dão pouca relevância ao tema ambiente. É certo que dão mais importância do que aquela que eu imaginava, porque nos últimos dez anos este tema está na ordem do dia. Contudo, senti que existia alguma falta de organização por parte da redação, enquanto órgão vivo. O tema era dado ao jornalista que estivesse disponível naquele dia, por isso não havia ninguém propriamente responsável pelo tema ou especializado na matéria o que me parece ser algo negativo. Se num dia um jornalista aborda o tema da reciclagem e no dia seguinte o tema continua na ordem do dia, mas com algumas novidades, faz sentido que seja o mesmo jornalista a abordar a temática. O que nem sempre acontece, já que o jornalista que fez a primeira peça pode estar ocupado com outras peças.

Mesmo assim, a quantidade de conteúdos ambientais, ainda que com o aumento considerável nos últimos anos, fica muito aquém das expectativas.

Assim, parece-me pertinente este estudo de caso para perceber se é relevante ter jornalistas qualificados para abordar temáticas ambientais.

Mas afinal o que é feito sobre as notícias ambientais num canal televisivo como a SIC?

3.2 Questões de Investigação

Com o objetivo de encontrar conclusões para a pergunta de partida – Como é a agenda ambiental no momento em que há um pico de interesse (COP26) e como é tratado o tema ambiente quando já não há um evento dessa natureza – o presente estudo propõe-se a responder às seguintes questões de investigação:

1. Existem peças jornalísticas sobre o ambiente?
2. Quantas peças jornalísticas sobre o ambiente surgem nos noticiários?
3. Quantas notícias são internacionais e quantas nacionais?
4. Que tipo de fontes predominam em torno dos temas ambientais? Oficiais ou não oficiais?
5. Em que posição surge a notícia sobre ambiente no alinhamento?
6. Do que falam esses conteúdos sobre ambiente?

3.3 METODOLOGIA

Para dar resposta às questões acima colocadas desenhou-se uma metodologia mista constituída por três fases. Num primeiro segmento foi realizada uma análise de conteúdo, em que se utilizou um método quantitativo, escolhendo um *corpus* de análise que permitiu chegar a conclusões quantitativas. Contudo, o jornalismo não faz parte da panóplia de ciências exatas, por isso, apenas a análise de resultados quantitativos não é suficiente para ter conclusões sólidas. Assim, faz sentido juntar aos dados¹¹ já adquiridos, um segundo e terceiro segmento através do método qualitativo. O primeiro, com recurso à observação participante durante os cinco meses do estágio, que mesmo sendo feita ao longo de um extenso período de tempo, não deixa de ser efetuada por uma estagiária, e que acaba por apresentar fraquezas e limites em comparação com uma pesquisa feita por um investigador. O segundo trata-se de entrevistas¹² semiestruturadas, num total de 4 entrevistas efetuadas. Através destes três métodos (análise de conteúdo, observação participante e entrevistas semiestruturadas) desenvolveu-se o estudo de caso.

¹¹ Dados - Ver Anexo A

¹² Entrevistas – Ver anexo B

3.4 Corpus

Para a construção do *corpus* de análise optei por utilizar um método quantitativo, dois meses estruturados, um entre 28 de fevereiro e 26 de junho e outro 25 de outubro e 21 de novembro. Nesse sentido foram escolhidas quatro semanas, isto é, uma amostra de 28 dias durante o período de estágio, organizado da seguinte forma:

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
1ª Semana	28 fev.	1 mar.	2 mar.	3 mar.	4 mar.	5 mar.	6 mar.
2ª Semana	4 abr.	5 abr.	6 abr.	7 abr.	8 abr.	9 abr.	10 abr.
3ª Semana	16 maio	17 maio	18 maio	19 maio	20 maio	21 maio	22 maio
4ª Semana	20 jun.	21 jun.	22 jun.	23 jun.	24 jun.	25 jun.	26 jun.

Tabela 1 – Mês estruturado escolhido para o *corpus*

No *corpus* de análise é também usado o mesmo método quantitativo, contudo desta vez foi observado num mês seguido, mês esse coincidente com a COP(26). Um intervalo de tempo de quatro semanas, num total de 28 dias.

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
1ª Semana	25 out.	26 out.	27 out.	28 out.	29 out.	30 out.	31 out.
2ª Semana	1 nov.	2 nov.	3 nov.	4 nov.	5 nov.	6 nov.	7 nov.
3ª Semana	8 nov.	9 nov.	10 nov.	11 nov.	12 nov.	13 nov.	14 nov.
4ª Semana	15 nov.	16 nov.	17 nov.	18 nov.	19 nov.	20 nov.	21 nov.

Tabela 2 – Mês em que se realizou a COP(26)

A escolha dos dias ao longo do estágio é aleatória, para que a mesma não seja viciada, mas que no total perfaça um mês. Assim, decidi optar por uma semana em cada mês (março, abril, maio e junho) para a realização da amostra.

Como o objetivo deste estudo de caso é perceber como é a agenda jornalística antes, durante e depois de um evento ambiental como a COP(26), faz sentido que sejam ainda analisadas as peças jornalísticas efetuadas antes, durante e depois da COP(26). Por esse motivo foram escolhidos os dias entre 25 de outubro e 21 de novembro datas que coincidem com a Cimeira Ambiental que se realizou entre os dias 31 de outubro e 12 de novembro.

Por um lado, durante o primeiro mês analisado, período coincidente com o estágio, observou-se diariamente notícias ambientais, na sua maioria acerca de meteorologia e catástrofes naturais/alterações climáticas. Pontualmente surgiram também peças/notícias sobre reciclagem e legislações ambientais. Existe um equilíbrio entre peças internacionais e nacionais sendo que o fluxo de conteúdos não passa por conteúdos locais.

Por outro lado, durante o segundo mês em análise, o tema primordial foi a Cimeira do Ambiente, o que permitiu realizar a observação comparativa para a execução do meu estudo de caso. A maioria das peças foram sobre a COP26 e todas medidas tomadas e as conclusões a que se chegou durante a cimeira. Também as reações dos países à Cimeira foram motivo de peças jornalísticas. Pontualmente surgiram ainda peças sobre meteorologia, poluição e reciclagem. Neste mês não se verificou um equilíbrio entre peças nacionais e internacionais visto que a COP26 se realizou no Reino Unido.

Utilizar o método de meses estruturados pareceu ser a solução mais lógica para tentar minimizar algumas situações de constrangimento que poderiam levar os dados a serem viciados e pouco significativos, isto é, meses em que se observavam poucas peças ambientais e meses em que se observavam muitas peças ambientais.

Assim, com a análise destes dois meses é possível perceber as diferenças jornalísticas que existem ao longo de ambos os períodos de tempo, para que depois seja exequível a realização de uma comparação.

Ainda relativamente ao *corpus*, durante os 28 dias apresentados na Tabela 1 e durante os 28 dias apresentados na Tabela 2 que perfazem um total de 56 dias, recolheram-se dados dos dois principais noticiários emitidos pela SIC generalista: o Primeiro Jornal e o Jornal da Noite. A junção destes dois segmentos resulta numa amostra de 112 alinhamentos com, exatamente, mais de 1500 conteúdos jornalísticos, 135 peças jornalísticas e mais de 270 horas de emissão para análise. De

destacar ainda que, para a contagem de conteúdos jornalísticos, não se consideraram os genéricos, separadores e promos¹³, bem como os espaços identificados como sendo de opinião e a meteorologia.

Apesar de ao longo do estágio apenas ter feito parte da equipa do Primeiro Jornal, muitos dos conteúdos são normalmente melhorados ou repetidos no noticiário da noite. Assim, para garantir uma amostra mais detalhada, faz sentido analisar-se ambos os noticiários para comparar as diferenças entre ambos os telejornais.

Por uma questão de coerência fez-se apenas o estudo sobre a SIC generalista. A SIC Notícias ficou fora da equação. Mesmo que tenha feito parte do meu percurso de estágio e apesar de muitos conteúdos ambientais e peças jornalísticas terem feito parte dos alinhamentos da SIC Notícias, esses dados não foram analisados neste estudo de caso. Para além disso, de frisar ainda que normalmente os noticiários da SIC são emitidos em simultâneo com a SIC Notícias.

A escolha destes noticiários recaiu também no facto de a SIC ser a escolha dos telespectadores no horário de ambos os noticiários: Primeiro Jornal (13:00-16:00) e Jornal da Noite (20:00 às 21:00). As datas escolhidas foram aleatórias e meramente ilustrativas, sendo que escolhi datas que pertencem à Tabela 1, isto é, datas pertencentes ao meu *corpus* de análise e aos meses de estágio.

	Total Dia			Total Dia	
	13:00:00 - 16:00:00			20:00:00 - 21:00:00	
	shr%	rat%		shr%	rat%
SIC	18,2	4,3	SIC	24,2	11,5
TVI	15,5	3,6	RTP1	16,7	8
RTP1	11,5	2,7	TVI	15	7,1
CMTV	5,5	1,3	CMTV	3	1,4
CNN Portu	4	0,9	SIC Notícias	2,9	1,4
TVI Reality	3,8	0,9	Globo	2,5	1,2
SIC Notícias	3	0,7	CNN Portu	2,4	1,1

Tabela 3 – Audiências da hora dos dois noticiários de dia 18 de maio
Fonte: SIC

¹³ Os Separadores e Promos são pequenos blocos de imagens ilustrativos da notícia que estará presente nesse noticiário mas mais à frente. Normalmente são resumos ou abordam o tema geral da notícia para suscitar o interesse do espectador.

	Total Dia			Total Dia	
	13:00:00 - 16:00:00			20:00:00 - 21:00:00	
	shr%	rat%		shr%	rat%
SIC	20	5,1	SIC	22,7	10,3
TVI	16,7	4,3	RTP1	16,5	7,5
RTP1	11,9	3	TVI	15,5	7,1
CMTV	6,3	1,6	CMTV	3,9	1,8
CNN Portu	3,3	0,8	Globo	3,2	1,5
TVI Ficção	1,7	0,4	CNN Portu	2,7	1,2
SIC Noticiá	1,7	0,4	SIC Noticiá	1,4	0,6

Tabela 4 – Audiências da hora dos dois noticiários de dia 20 de maio

3.5 Variáveis da Análise

Para facilitar a organização e compreensão dos dados recolhidos ao longo dos dois meses de análise, foi elaborada uma tabela com doze variáveis. Para facilitar a leitura dividiu-se em duas tabelas. As primeiras duas para o mês estruturado que decorreu ao longo dos meses de estágio e outras duas tabelas para o mês coincidente com a COP(26). Em comum, estas tabelas têm campos designados por “nome”, “hora” e “jornal”, que dizem respeito às informações que o conteúdo jornalístico tinha no alinhamento do noticiário. Para além disso, a tabela foi dividida em três grupos: espacial, temporal e jornalístico o que facilita a análise de resultados.

	Jornal	Nome	Internacional/Nacional	Localização
<i>Data</i>				

Tabela 5 – Parâmetros de análise espacial

Da análise total das doze variáveis, apenas duas fazem parte dos parâmetros de análise espacial. Para o campo “**Internacional/Nacional**” consideram-se as peças que são sobre Portugal ou sobre o resto do mundo. Já o campo “**Localização**” diz respeito ao local concreto, onde se deu a notícia, como por exemplo: Alemanha, Portugal, China, Índia, Covilhã, Marinha Grande, etc. Houve necessidade de distinção entre estes dois parâmetros para perceber mais concretamente a origem da notícia.

	Jornal	Nome	Hora	Duração	Posicionamento
<i>Data</i>					

Tabela 6 – Parâmetros de análise temporal

Também o tempo é um fator decisivo neste estudo de caso para que seja possível perceber a questão da representatividade das notícias ambientais. Neste caso são três as variáveis que constituem os parâmetros de análise temporal. Aqui insere-se a **“Hora”** a que o conteúdo jornalístico teve início, isto para que seja mais simples calcular o seu **“Posicionamento”** (abertura/fim, início, meio e fim da 1ª, 2ª ou 3ª parte). Através da junção de ambos os parâmetros podemos perceber se existe algum padrão e também a importância que é dada aos temas ambientais tendo em conta a forma com os alinhamentos se organizam. Por fim, relativamente à **“Duração”** de cada conteúdo jornalístico, poderemos perceber em média qual é a duração de cada conteúdo ambiental, o que também nos ajuda a compreender a importância que é dada a este tipo de conteúdos.

	Jornal	Nome	Fonte	C. Ambiental	Programação	Género J.
<i>Data</i>						

Tabela 7 – Parâmetros de análise jornalística

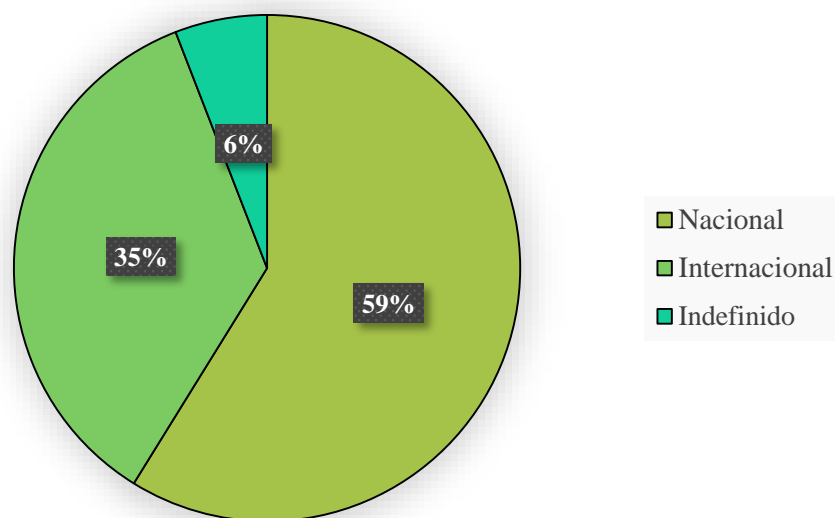
A par do espaço e do tempo também os parâmetros de análise jornalística tem um peso relevante nesta investigação. Assim, esta última parte da tabela diz respeito a questões mais específicas do foro jornalístico. No que toca à **“Fonte”**, foram distinguidos os conteúdos cuja informação é proveniente de autoridades oficiais (nacionais e locais), associações e entidades comunitárias, agências noticiosas, público em geral, instituições oficiais (nacionais e locais) e tecido empresarial. Com a **“Categoria Ambiental”** conseguimos perceber os assuntos ambientais que são tratados e o tipo de peças ambientais realizadas. Já com **“Programação”** pretende-se chegar à percentagem de conteúdos ambientais que surgem com base no que está em agenda e fora da agenda. Por fim, o **“Género Jornalístico”**, onde se utilizou a terminologia da SIC, para se distinguir de “peças”, “reportagens” e “TH’s”.

3.6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

3.6.1 Resultados Espaciais

Analisa-se agora o *corpus* que resulta da metodologia acima descrita. Depois de observada a amostra, vamos agora observar o primeiro parâmetro da tabela. Neste caso, se é nacional ou internacional. O resultado desta análise encontra-se no **Gráfico 1**.

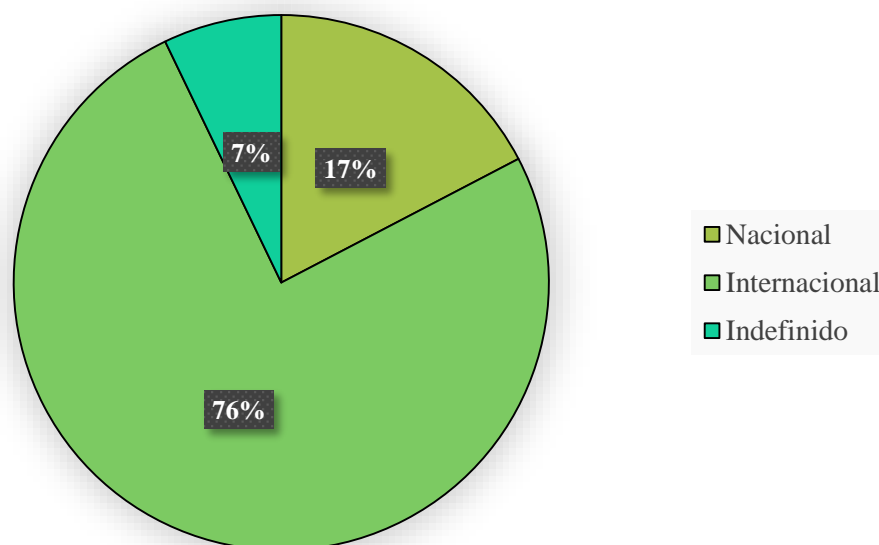
Gráfico 1 – Origem da informação durante o período de estágio



De acordo com o **Gráfico 1**, percebemos que mais de metade da informação (**59%**) chega à redação da SIC através de fontes portuguesas (**Nacional**). Dos 34 conteúdos que compõem a amostra, **20** tem origem nacional. Para além disso, cerca de um terço da informação, **12** conteúdos jornalísticos (**35%**) chega à SIC de fora do país (**Internacional**). Por exemplo, a peça jornalística “Temperaturas em Portugal” é por si só clara e evidente que apenas aborda o nosso país, por isso só pode ser categorizada como nacional. Já a peça “Frio e Neve Europa” poderia englobar países europeus, incluindo Portugal, isto porque Portugal pertence à União Europeia. Contudo, o ângulo da peça não inclui o nosso país, por isso só a podemos categorizar como internacional. Conclui-se assim que a categorização de géneros jornalísticos tem de ter em conta o seu ângulo.

Por fim, há ainda uma pequena fatia, **2** conteúdos, que corresponde a **6%** do gráfico que são considerados conteúdos “**indefinidos**”, isto é, aqueles que não se enquadram em nenhuma outra categoria concreta. Por exemplo, o Relatório da Clima ONU, visto que é um tema geral e que engloba tanto o internacional (outros países) como o território nacional (Portugal), não faz sentido categoriza-lo em nenhuma das opções, já que abrange ambas as categorias.

Gráfico 2 – Origem da informação durante a COP



Agora tomando como ponto de partida o **Gráfico 2**, percebemos que a maioria da informação (**76%**) chega à SIC através de fontes externas (**Internacional**). Dos 98 conteúdos que compõem a amostra, **74** tem origem em países não portugueses. Para além disso **17** conteúdos jornalísticos (**17%**) chegam à redação de Portugal (**Nacional**).

Para concluir, há ainda uma pequena fatia, **7** conteúdos, que corresponde a **7%** do gráfico que são considerados conteúdos “**indefinidos**”, isto é aqueles que não se enquadram em nenhuma outra categoria concreta.

Observando os gráficos que ilustram a mesma questão mas que diferem apenas no período em que foram analisados, por um lado, percebemos que durante a Cimeira do Ambiente a predominância de conteúdos jornalísticos é internacional, já que a COP acontece no estrangeiro. Por outro lado, ao longo do meu estágio, que é um período “normal”, sem nenhum evento dessa envergadura a maioria dos conteúdos é nacional. Isto claro sem falar da diferença entre as amostras. Enquanto que durante a COP foram realizados 98 conteúdos jornalísticos, ao longo do meu período de estágio foram construídos 34 conteúdos. O que por si só demonstra a influencia que um evento ambiental tem e a forma como é abordado no Primeiro Jornal e no Jornal da Noite. Sem uma Cimeira o tema ambiente é deixado para segundo plano. Comparando ambos os períodos, percebemos que mais do triplo das notícias ambientais a nível nacional acontecem durante o período de estágio (**59%**) quando comparado com o período da Cimeira Ambiental (**17%**), o que no fundo faz sentido já que a COP decorre no estrangeiro e por isso nesse período predominam notícias ambientais fora do território nacional, o que não acontece no período de estágio. Nesse período não aconteceu nenhum evento dessas dimensões, por isso faz sentido que a predominância seja notícias nacionais. De destacar que apesar de no momento do estágio (**35%**) as notícias

internacionais tenham sido em menor quantidade do que durante a COP (**76%**), o seu valor continua a ser maior do que as notícias nacionais no período da COP (**17%**).

3.6.2 Resultados Temporais

Terminada a análise espacial, segue-se a análise de dados tendo em conta o fator tempo. Normalmente, o Primeiro Jornal da SIC tem início às 1 horas em ponto e é constituído por duas partes, apresentando em média uma duração de 1 hora e 50 minutos. Já o Jornal da Noite costuma ir para o ar às 19h58 e divide-se também em duas partes, tendo como exceções o dia 29 de outubro e a 9 de novembro em que foi constituído por três partes. Em média as emissões do Jornal da Noite tem uma duração de 1 hora e 57 minutos.

Quando analisado o total de horas destes dois noticiários ao longo do período de estágio, somam-se aproximadamente **62 horas e 21 minutos** de emissão, sendo no total, **1 hora e 15 minutos** de conteúdos ambientais, o que equivale a **2%**. Estes valores tem diferentes representatividades quando olhamos para o **Primeiro Jornal** ou para o **Jornal da Noite**. No que toca ao primeiro noticiário, foram analisadas **56 horas e 30 minutos**, que correspondem a **1 hora e 7 minutos** de notícias ambientais, sendo **1,98 %**. Já na emissão do fim de tarde foram analisadas **5 horas e 51 minutos**, correspondentes a **8 minutos** de notícias ambientais que corresponde a **2,22%** de notícias ambientais no Jornal da Noite.

É ainda importante destacar que é no Primeiro Jornal que se dedica mais tempo a notícias ambientais, contudo é no Jornal da Noite que os conteúdos ambientais tem uma maior duração. Em **média** os conteúdos deste género tem uma duração de **1 minutos e 59 segundos**. Relativamente ao **Primeiro Jornal** a média é **de 1 minutos e 55 segundos**, e no Jornal da Noite a média é **de 2 minutos e 37 segundos**.

Quando olhamos para o total de horas de ambos os noticiários ao longo do período da COP, somamos aproximadamente **175 horas e 30 minutos** de emissão, sendo a sua totalidade de **4 horas e 30 minutos** de conteúdos ambientais, o que é equivalente a **2,56%**. Estes valores têm diferentes representatividades quando olhamos para o **Primeiro Jornal** ou para o **Jornal da Noite**. Relativamente ao jornal da hora do almoço, foram analisadas **88 horas**, o que corresponde a **1 hora e 51 minutos** de conteúdos ambientais, que equivale respetivamente a **2,1%**. No Jornal da Noite foram analisadas **87 horas e 30 minutos**, correspondentes a **2 horas e 20 minutos** de notícias ambientais. Em percentagem esse valor diz respeito a **2,66%** de notícias ambientais.

Neste caso, é o **Jornal da Noite** que dedica mais tempo de antena a conteúdos ambientais. Em **média** os conteúdos deste género tem uma duração **de 2 minutos e 46 segundos**. Relativamente

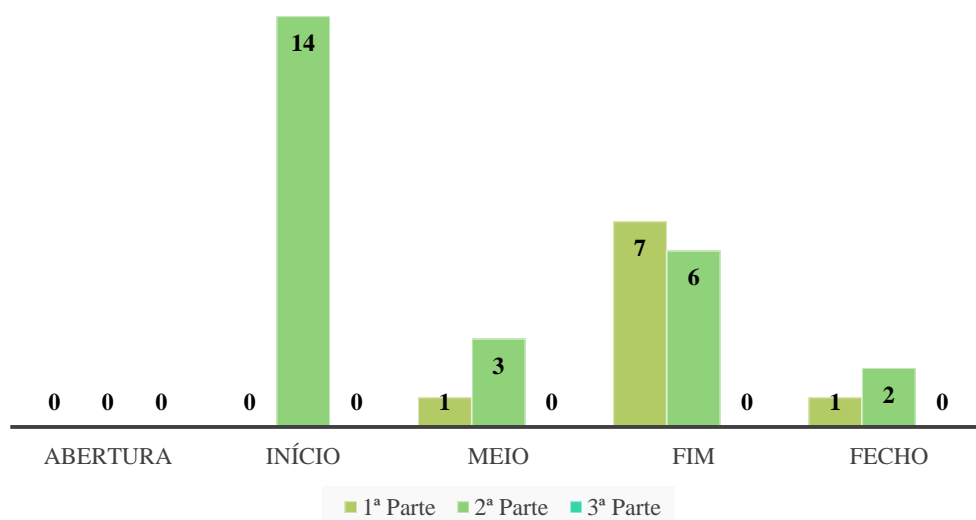
ao **Primeiro Jornal** a média é de **2 minutos e 19 segundos**, e no **Jornal da Noite** a média é de **3 minutos e 15 segundos**.

De destacar que foram ainda observados 14 dias em que não houve qualquer notícia ambiental. Quando olhamos para os resultados, nota-se uma especial diferença no período da COP em que há muitos mais conteúdos ambientais no **Jornal da Noite** do que no equivalente período de estágio em que só houve três peças jornalísticas ambientais no **JN**. No período de estágio surgem a maioria das notícias de carácter ambiental exatamente por não existir um evento de destaque, contudo no período analisado em que decorreu a COP nota-se um maior equilíbrio na divisão de peças entre o **PJ** e o **JN**, isto quando as mesmas não se repetem num e noutro noticiário, apenas com algumas alterações, detalhes ou informações de desenvolvimento.

No que toca à média, no período da COP nota-se um aumento significativo na duração das peças, já que no decorrer da Cimeira Ambiental a sua duração aumentou por ser um período em que decorre um evento internacional de destaque ambiental.

Verifica-se agora, no **Gráfico 3**, as partes dos noticiários onde se concentram este género de conteúdos.

Gráfico 3 – Posicionamento geral nos alinhamentos durante o período de estágio

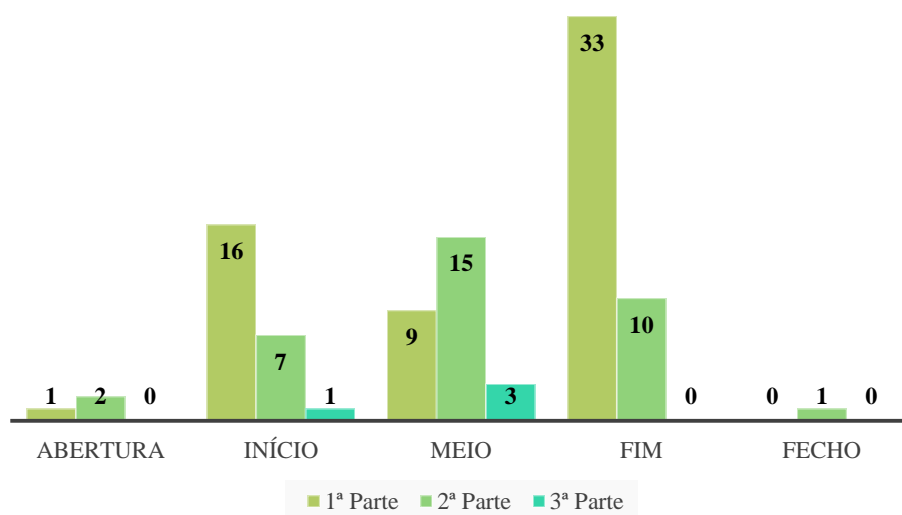


De acordo com os dados acima tratados, conclui-se que a maioria dos conteúdos ambientais durante o período de estágio se concentram na **segunda parte** dos noticiários (**25**) o que corresponde a **74%**. Já na **primeira parte** foram emitidos **9** conteúdos ambientais, o que equivale a **26%**. Neste caso, os noticiários analisados **não** tiveram conteúdos ambientais na terceira parte.

Dos **34 noticiários** estudados **nenhuns** tiveram uma **abertura**, **14** surgiram no **início** com temas ambientais, **4** surgiram no **meio** dos noticiários, **13** no **final** e **3** no **fecho**.

Vejamos agora o **Gráfico 4** em que é analisado o posicionamento geral nos alinhamentos, contudo desta vez, durante a COP.

Gráfico 4 – Posicionamento geral nos alinhamentos durante a COP



De acordo com os dados acima organizados, conclui-se que a maioria dos conteúdos ambientais durante o período da COP concentram-se na **primeira parte** dos noticiários (**59**) o que corresponde a **60%**. Já no que toca à **segunda parte** foram emitidos **35** conteúdos ambientais, o que equivale a **36%**. Relativamente à **terceira parte** são apenas **4** conteúdos de carácter ambiental, o que equivale a **4%**.

Dos **98 noticiários** estudados, **3** tiveram uma **abertura**, **24** surgiram no **início** com temas ambientais, **27** surgiram no **meio** dos noticiários, **43** no **final** e **1** no **fecho**.

A principal diferença entre ambos os períodos analisados (estágio e COP) é o facto de no período em que realizei o meu estágio a maioria dos conteúdos surgem na **segunda parte**, já no período da Cimeira Ambiental, surgem na **primeira parte**. Para além disso, existem conteúdos durante a COP que surgem também numa **terceira parte**, o que não acontece no período de estágio.

Analisemos agora o **Gráfico 5 e 6** relativamente ao posicionamento de conteúdos no PJ e JN durante o período de estágio curricular.

Gráfico 5 – Posicionamento no PJ durante o período de estágio

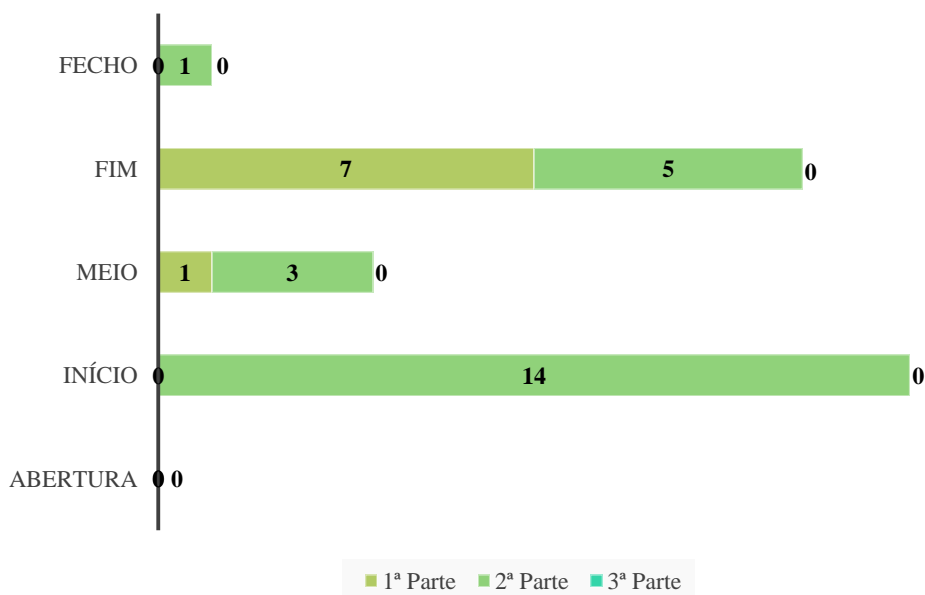
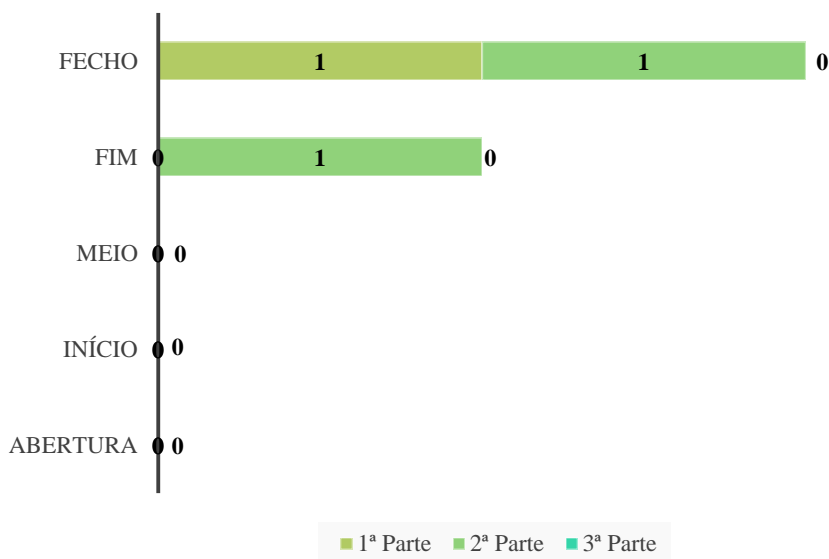


Gráfico 6 – Posicionamento no JN durante o período de estágio



Por um lado, no **Primeiro Jornal**, há uma maior incidência de conteúdos ambientais na **segunda parte (23)**, seguido da **primeira parte com 8** conteúdos e a **terceira parte com sem qualquer registo**. O **início da segunda parte (14)** e o **fim da primeira parte (7)** são os horários que concentram mais notícias deste tipo. O PJ **nunca** teve uma **abertura** com temas ambientais. Por outro lado, no **Jornal da Noite**, os conteúdos apenas surgem na **primeira e segunda parte, 3** no total, sendo que **dois** deles surgem no **fim ou fecho da primeira parte** e apenas **um** deles surge no **fecho da primeira parte do PJ**.

Gráfico 7 – Posicionamento no PJ durante a COP

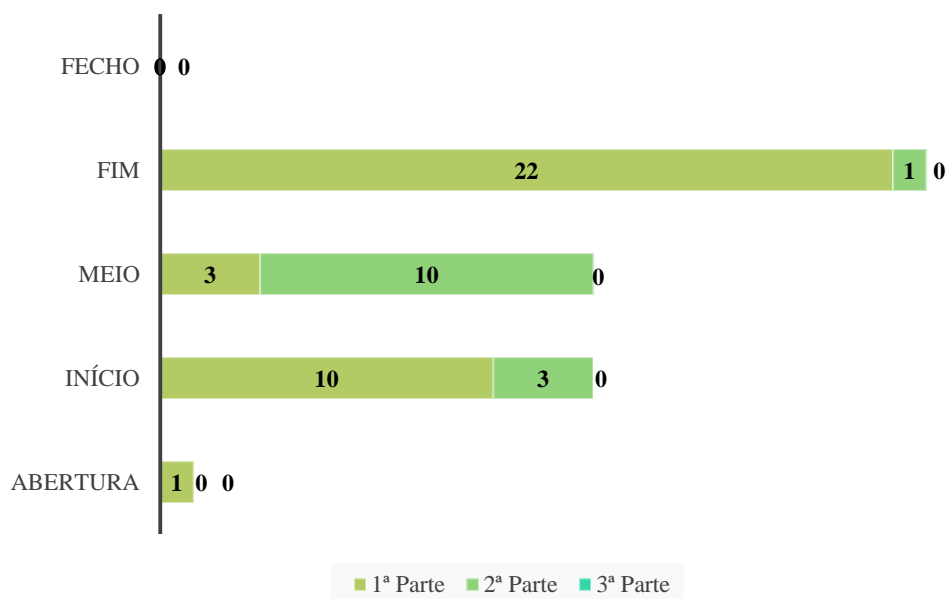
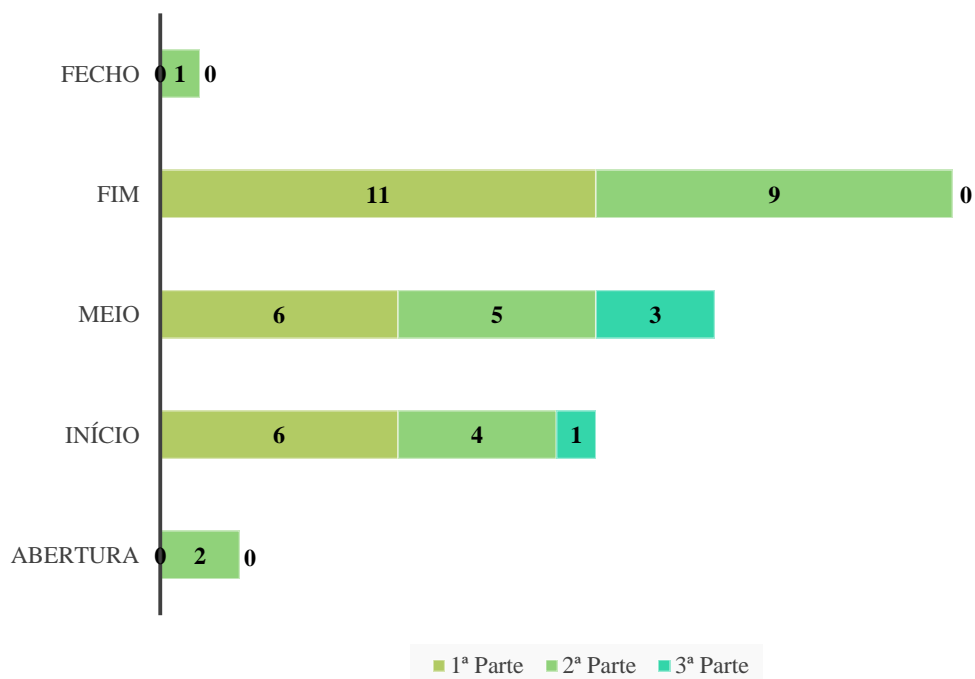


Gráfico 8 – Posicionamento no JN durante a COP



Por um lado, no período da COP, no **Primeiro Jornal**, há uma maior incidência de conteúdos ambientais na **primeira parte (36)**, seguido da **segunda parte com 14** conteúdos e a **terceira parte com 0**. O **início da primeira parte (10)** e o **fim da primeira parte (22)** são os horários que concentram mais notícias deste tipo. O PJ **nunca** teve um **fecho** com temas ambientais. Por outro lado, no **Jornal da Noite**, a maioria destes conteúdos são emitidos na **primeira (23)** e **segunda**

partes (21), com uma grande diferença da **terceira parte (4)**. As notícias de ambiente predominam **no fim da primeira e segunda parte**. Os conteúdos ambientais foram **abertura** do JN **duas** vezes.

As diferenças entre estes dados ao longo do período de estágio e do período da COP são notórios, não só mais uma vez pelo número de conteúdos jornalísticos bastante diferentes como também quando comparados entre os dois noticiários (PJ e JN). A principal diferença está no facto de quando existe um evento de grandes dimensões como a Cimeira Ambiental os conteúdos jornalísticos ambientais surgem nas primeiras partes, já no período de estágio os conteúdos ambientais aparecem na segunda parte em maior quantidade. Isso é revelador da importância que é dada ao tema através do seu posicionamento.

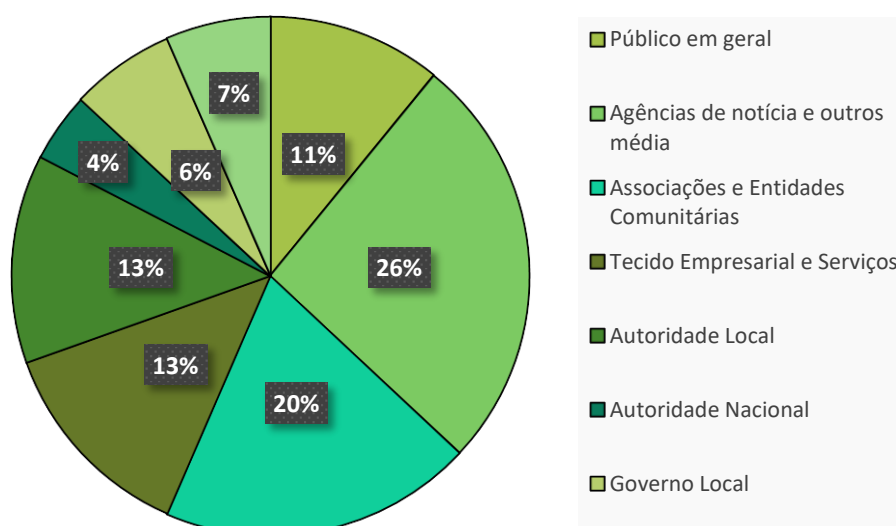
Naturalmente, a jornalista da SIC Diana Pinheiro lembra que:

O alinhamento depende sempre da atualidade. Na altura da COP o tema abre durante dias os jornais, quando há relatórios também está à cabeça, mas na maioria dos casos é um tema que aparece na segunda parte.

3.6.3 Resultados Jornalísticos

Passando agora para os resultados jornalísticos propriamente ditos, iremos analisar o **Gráfico 9** que dá conta do recurso jornalístico às fontes mais citadas em conteúdos ambientais durante o período de estágio.

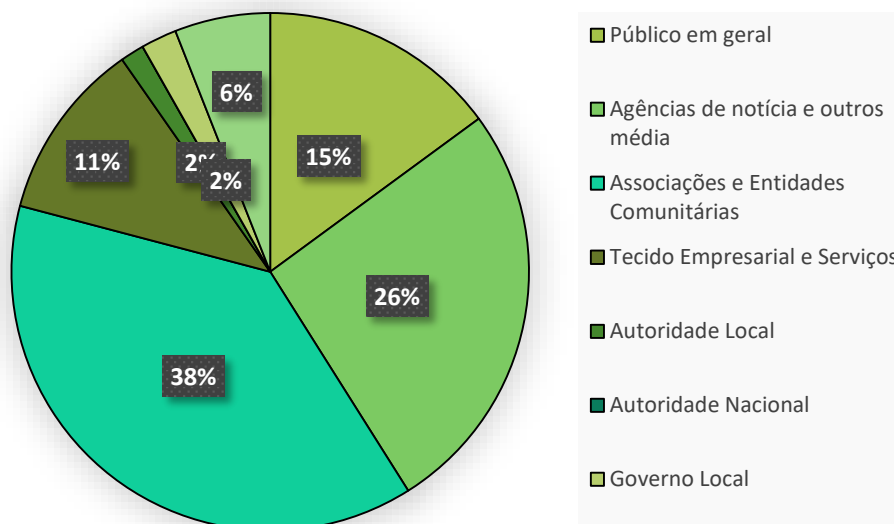
Gráfico 9 - Utilização de fontes durante o período de estágio



A principal fonte utilizada para os conteúdos ambientais no período do estágio são as **Agências de Notícia e Outros Média (26%)**. Depois surgem as fontes relacionadas com **Associações e Entidades Comunitárias (20%)**, logo depois as **Autoridades Locais** e o **Tecido Empresarial e**

Serviços, ambos com **13%**. Com **11%** destaque-se o **Público em Geral**. Já as fontes do **Governo Local** e do **Governo Nacional** foram ambas usadas **3 vezes**, o que equivale a **7%** respectivamente. Por fim, a **Autoridade Nacional** com apenas **4%**.

Gráfico 10 – Utilização de fontes durante o período da COP

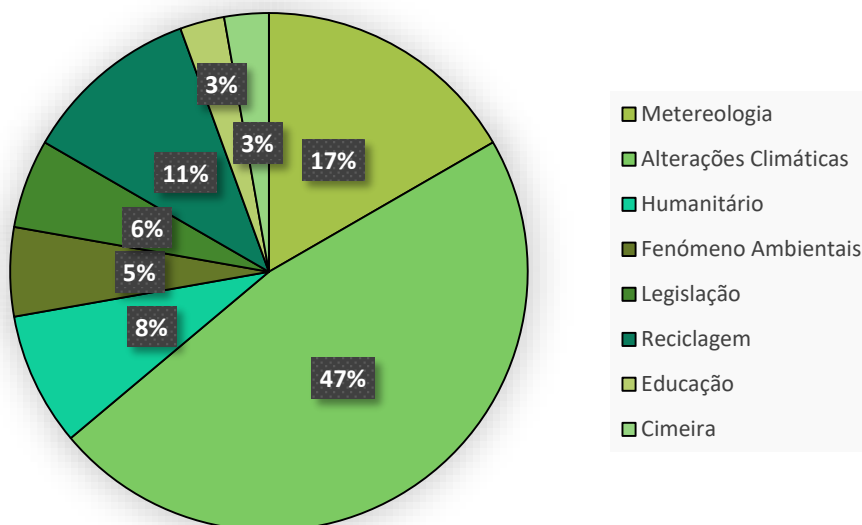


A fonte mais utilizada para os conteúdos jornalísticos ambientais durante o período da COP foram as **Associações e Entidades Comunitárias (38%)**. Seguem-se as fontes relacionadas com **Agências de Notícia e Outros Média (26%)** e logo depois o **Público em Geral (15%)**. Destaque ainda para **Tecido Empresarial e Serviços**, a atingir os **11%**. O **Governo Nacional** ocupa os **6%**. Nos últimos lugares surge, o **Governo Local** com **2%** e as **Autoridades Locais** com **1%**.

No que toca às fontes, quando olhamos tanto para os dados ao longo do período de estágio e os dados ao longo do período da COP percebemos que as diferenças neste campo não são muitas já que nos dois gráficos as Associações e Entidades Comunitárias e as Agências de Comunicação e Outros Média são as fontes mais utilizadas. As restantes fontes são utilizadas em menor quantidade e na sua generalidade de um modo bastante equilibrado.

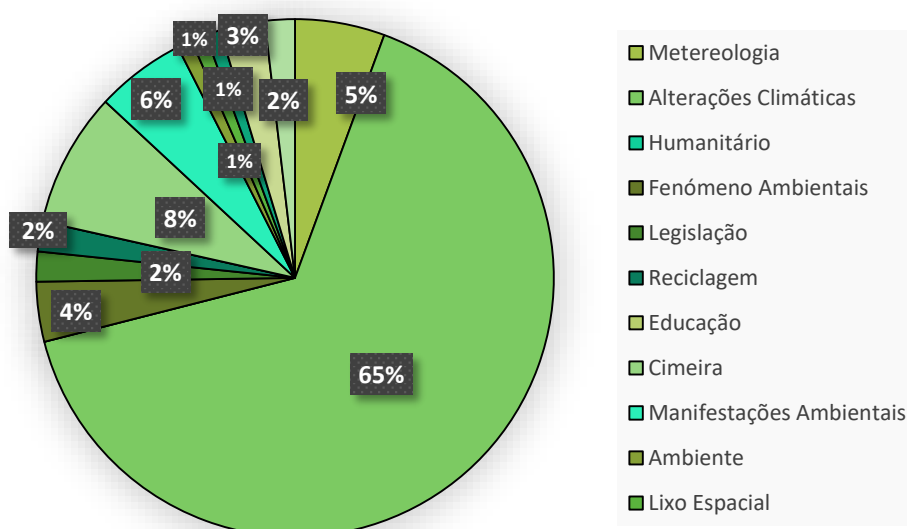
Passamos agora ao **Gráfico 11** onde iremos proceder à análise da categorização ambiental durante o período de estágio.

Gráfico 11 - Categorização da temática ambiental durante o período de estágio



As **Alterações Climáticas** ocupam **47%** do gráfico, segue-se a **Meteorologia** com **17%** e depois a **Reciclagem** com **11%**. Os **8%** dizem respeito à categoria **Humanitário** e os **6%** estão associados a **Fenómenos Ambientais** e **Legislação**. Por fim, a **Educação** e a **Cimeira** tem a mesma percentagem (**3%**).

Gráfico 12 – Categorização da temática ambiental durante o período da COP

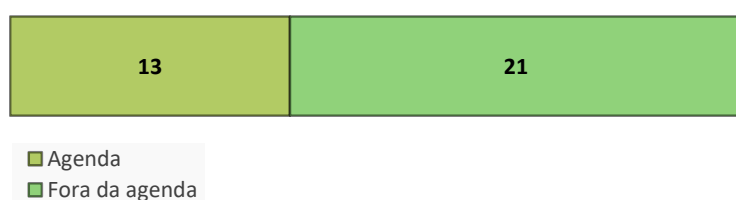


As **Alterações Climáticas** ocupam **65%** do gráfico, segue-se a **Cimeira** com **8%** e depois a **Meteorologia** e as **Manifestações Ambientais**, ambos com **6%**. Os **4%** dizem respeito à categoria **Fenómenos Ambientais** e os **3%** estão associados à **Poluição**. Já a temática sobre **Desflorestação** e **Reciclagem** surgem duas vezes, o que equivale a **2%**. O **Documentário Ambiental**, o **Lixo Espacial** e o **Ambiente no geral** representam no gráfico **1%**. Por fim, a categoria **Educação** e a categoria **Humanitário** não surgem neste período.

Em ambos os gráficos, as alterações climáticas são a categoria que surge com maior percentagem. Contudo é durante a COP que a categoria **Cimeira** eleva o seu valor. Durante a Cimeira Ambiental o número de categorias aumenta em comparação com o período de estágio analisado. O primeiro gráfico tem oito categorias ambientais, já no segundo surgem onze categorias ambientais. Isto comprova que durante um evento como a Cimeira Ambiental o número de temas abordados ao longo dos noticiários aumenta e é diferente.

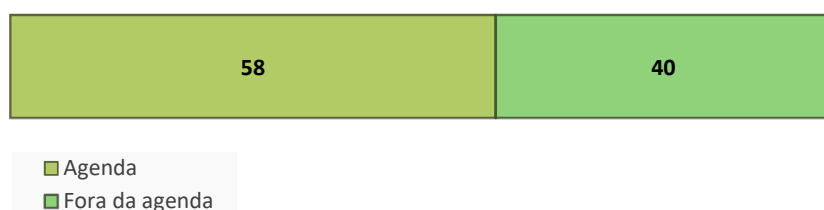
Em relação à origem dos conteúdos, o **Gráfico 13** mostra a forma como estes estão organizados.

Gráfico 13 - Nível de programação dos conteúdos ambientais durante o período de estágio



Na maioria dos casos, mais precisamente em **62%**, as notícias sobre ambiente são assuntos **fora da agenda**. Já os assuntos **agendados** são 13 no total que correspondem a **38%**.

Gráfico 14 – Nível de programação dos conteúdos ambientais durante o período da COP



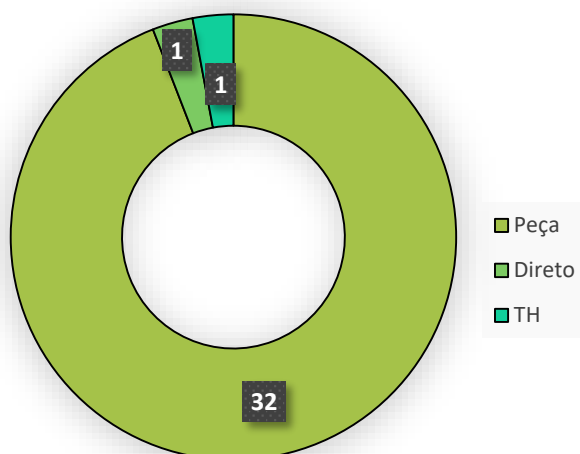
Analisando agora a agenda durante o período da COP percebe-se que a maioria dos conteúdos ambientais foram **agendados**, isto é **59%**. Já os conteúdos **fora da agenda** jornalística correspondem a **41%**.

Enquanto que durante o período de estágio a maioria das notícias ambientais tinham predominância fora da agenda, durante a Cimeira Ambiental a maior parte dos conteúdos é agendada, já que está a decorrer um evento com uma calendarização própria, o que obviamente segue uma agenda detalhada.

Segundo a entrevistada Isabel Santana, o ambiente tem a mesma importância na agenda do que qualquer outro tema e por isso é tratado da mesma forma.

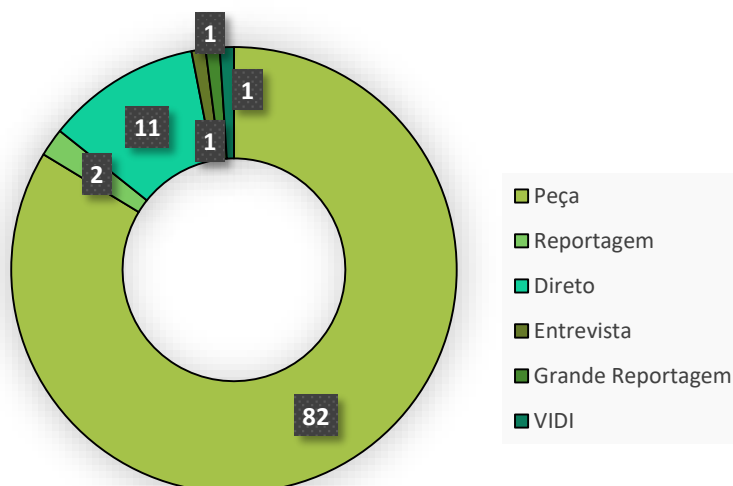
Por fim, categorizaram-se os conteúdos quanto o género jornalístico no **Gráfico 15** e **16**.

Gráfico 15 - Géneros jornalístico dos conteúdos ambientais durante o período de estágio



As **peças** jornalísticas ambientais dominam os géneros jornalísticos durante o período de estágio, totalizando **32** peças. Seguem-se os **diretos** e os **TH** com apenas **1** conteúdo jornalístico de cada.

Gráfico 16 - Géneros jornalístico dos conteúdos ambientais durante o período de COP



Mais uma vez as **peças** jornalísticas ambientais dominam os géneros jornalísticos durante a COP, totalizando **82** peças. Seguem-se **11** **diretos** e **2** **reportagens**. Surge ainda o **VIDÍ**¹⁴, a **Grande**

¹⁴ VIDÍ - Um ecrã usado durante os noticiários com recurso a vídeos e fotografias com um formato específico

Reportagem e a **Entrevista**, aparecendo apenas **1** vez no que toca a conteúdos jornalísticos ambientais.

Estes dados permitem-me concluir que tirando o género jornalístico mais comum, isto é, as peças, os géneros jornalísticos mais profundos ficam para segundo plano ou nunca chegam a surgir. Por exemplo, a grande reportagem não surge ao longo do período de estágio, mas surge uma única vez durante o período da COP, ou seja estes conteúdos mais desenvolvidos apenas são utilizados como recurso quando se justifica. Exemplo disso é um evento como a Cimeira Ambiental.

CONCLUSÃO

A natureza diz-nos: se o homem desaparecer a natureza continua. A Natureza é muito maior que o Homem em si. Esta pequenez que é própria do ser humano faz-nos não perceber que só os grandes são humildes e enquanto assim for, vamos poluir tudo, destruir tudo com catástrofes naturais e com as alterações climáticas. Nós estamos a ver os efeitos do nosso egocentrismo.

Este é um dos desabafos de Manuela Vicêncio, jornalista entrevistada para este estudo de caso.

Serve-me a mim de mote para iniciar as considerações finais.

A procura de informação para este estudo de caso fez-me ver que estudos sobre a temática ambiental são escassos. Parece haver uma falta de conteúdo o que por si só é revelador de como o tema está a surgir muito mais no presente e como havia ou houve pouco interesse sobre o ambiente e as alterações climáticas. Toda essa dificuldade em encontrar informação fidedigna tornou-se um desafio para o desenvolvimento do meu trabalho.

A maior dificuldade passou por definir exatamente aquilo que eu queria estudar. Chegar ao ponto em que comparo o período de estágio com o período da Cimeira Ambiental não foi fácil. Tinha de ser alguma coisa que realmente contribuísse para a comunidade académica, que acrescentasse algum conteúdo e que de alguma forma fosse uma chamada de atenção para que se perceba que o ambiente ainda é posto de parte.

Quando acedemos ao *website* da SIC Notícias e clicamos no “Menu”, mergulhamos em todas as editoras e/ou temas a que a SIC tem enfoque, são elas: “Opinião, País, Mundo, Deporto, Saúde e Bem-Estar, Economia, Cultura e Especiais. Onde fica a editoria de Ambiente? A verdade é que não existe e essa parece-me ser a solução para ajudar a resolver os problemas que encontrei ao logo deste estudo. A discrepância que existe entre temáticas, a falta de relevância que dão a conteúdos ambientais, a pouca importância que dão ao tema e a oscilação de conteúdos quando existe um evento ambiental, como é o caso da Cimeira Ambiental, e mesmo quando não existe nenhum evento dessa envergadura, poderiam ser questões ultrapassadas com a criação de uma editoria ambiental. Falamos de um investimento em jornalismo especializado e jornalistas formados em ambiente, para ser possível trabalhar a informação daquilo que realmente se passa com o planeta. Uma editoria com investimento em reportagens e entrevistas, financiamento para grandes reportagens e debates.

É certo que todos esses conteúdos requerem um maior investimento, mas também é certo que a SIC Notícias tem diariamente espaço para debate e comentário. Porque não começar por criar uma rubrica ambiental semanal com um dia em que se fala de ambiente. Num momento jornalístico em que se fala diariamente de guerra, não seria possível retirar parte do tempo para falar do impacto que também estas questões tem para o ambiente? E com isso facilmente se fazem entrevistas e reportagens sobre o tema, assim como as pequenas peças que já vão sendo feitas. Resta as grandes reportagens, que, apesar do maior financiamento, se é possível fazer sobre outros temas, é também possível fazer sobre o ambiente.

Talvez o necessário seja mudar de mentalidades dentro da própria redação enquanto órgão vivo e que os próprios jornalistas percebam como o ambiente é importante para que sejam agentes da mudança, alterem o paradigma e estereótipos televisivos e mostrem às massas como a preocupação com as alterações climáticas é fundamental. Talvez com essa reação jornalística exista uma positiva reação da sociedade. Talvez nesse momento de viragem o jornalismo ambiental ganhe um novo palco e uma maior importância. A importância que merece.

Todos os resultados analisados foram inferiores, com menor percentagem exatamente pela falta da editoria de ambiente. Note-se que, se as editorias têm cada uma um espaço previamente definido para as suas peças no alinhamento do Primeiro Jornal e no Jornal da Noite, evidente que o tema Ambiente terá pouco espaço, se é que terá algum, consoante os dias e a maior ou menor importância dos temas que vão surgindo. Com o surgimento de uma editoria exclusiva para esta temática, acredito que esta ausência do tema ficaria em parte resolvida. Teríamos jornalistas especializados a abordar o tema ambiente com um espaço definido para o seu trabalho nos blocos noticiosos da SIC.

Mas afinal qual é a representatividade do tema ambiente na SIC durante o Primeiro Jornal e o Jornal da Noite? Para responder a esta questão geral, utilizo como apoio as questões de investigação:

Existem peças jornalísticas sobre o ambiente?

De um modo geral, dos 28 dias analisados durante o estágio, em 50% dos dias não existiram conteúdos ambientais, isto é, em 14 dos 28 dias analisados não foram trabalhados quaisquer conteúdos ambientais. Contudo, é importante analisar quantas notícias diárias existiram quando foram efetivamente realizados conteúdos ambientais. Durante cinco dias apenas 1 conteúdo ambiental diário foi construído. Também em cinco dias foram realizadas diariamente 2 peças ambientais. Em apenas um dos dias foram feitas 3 peças ambientais. Num dos 28 dias analisados fez-se 4 conteúdos, num outro fez-se 5. E no dia em que se fez mais, foram no total 7 conteúdos

ambientais. Em relação ao tempo, os conteúdos ambientais ocuparam um total de 1 hora e 15 minutos.

Na análise feita ao longo da COP, dos também 28 dias analisados, apenas 2 dias não tiveram conteúdo ambientais no planeamento, o que corresponde a 7% do total de peças. Mas à semelhança do período de estágio, também faz sentido analisar quantas notícias diárias existiram. Durante 3 dias, foi feita 1 peça ambiental diária. Ao longo de cinco dias fizeram-se diariamente 2 peças sobre ambiente. Em dois dias foram construídas diariamente 3 peças. Em 7 dias dos 28, foram produzidas 4 peças ambientais diárias e em seis dias foram feitas 5 peças diárias sobre ambiente. Por fim, em apenas um dia fez-se 6, 7 e 8 peças diárias ambientais. Em relação ao tempo, os conteúdos ambientais ocupam 4 horas e 30 minutos.

O facto de metade dos dias no período de estágio não terem peças ambientais e durante a Cimeira Ambiental apenas dois dias não terem uma peça sobre o tema é revelador da pertinência que o Ambiente tem na redação da SIC. Quando acontece um evento de grande importância, como foi o caso da Cimeira, o número de peças aumenta drasticamente, não só no seu total como diariamente. Todos estes dados são reveladores e demonstram que quando um evento de grande importância termina, apesar da temática continuar relevante ela deixa de ser alvo de destaque.

Quantas peças jornalísticas sobre o ambiente surgem nos noticiários?

Durante o período de estágio foram feitas 34 peças ambientais e durante o período da COP foram realizadas 98 peças sobre ambiente.

Por sua vez, no Primeiro Jornal durante o estágio fizeram-se 31 peças sobre ambiente e 3 peças durante o Jornal da Noite. Já durante a COP, no Primeiro Jornal foram construídas 50 peças jornalísticas e no Jornal da Noite 48.

Mais uma vez estes valores são reveladores da pouca importância que se dá ao ambiente mesmo depois da Cimeira Ambiental ter tido uma intensa cobertura jornalística.

Quantas notícias são internacionais e quantas nacionais?

Quando pensamos na origem da informação, dividimo-las entre internacionais, nacionais ou indefinidas. Durante o período de 28 dias com observação participante, 59% dos conteúdos ambientais foram de origem Nacional, o que corresponde a 20 peças. De origem Internacional, falamos de 35% ou seja 12 peças jornalísticas ambientais. Por fim, indefinido são 6%, ou seja 2 peças.

Já quando falamos na origem da informação durante o período de 28 dias com observação não participante, 17% são pelas de origem nacional, o que equivale a 17 peças ambientais. 76% das peças ambientais internacionais equivalem a 74 conteúdos ambientais. Por fim, 7% (7 peças) são peças de origem indefinida.

Neste ponto de análise, a conclusão principal passa pelo facto de no período de estágio a maioria dos conteúdos ambientais serem nacionais, o que faz sentido e durante a Cimeira existe uma predominância de conteúdos internacionais já que a Cimeira acontece fora de Portugal.

Que tipo de fontes predominam em torno dos temas ambientais? Oficiais ou não oficiais?

Com o decorrer do estágio, fui-me apercebendo que a maioria das notícias ambientais provinham de fontes oficiais, cerca de 89% dos conteúdos. Os restantes 11%, ou seja, 5 conteúdos ambientais foram realizados através de fontes não oficiais, isto é, do público em geral (através das mais diversas formas: redes sociais, testemunhos, etc). O mesmo aconteceu com no período da COP em que 85% dos conteúdos surgem por via de fontes oficiais e apenas 15 % (20 conteúdos) provem de fontes não oficiais, ou seja do público em geral.

Em que posição surge a notícia sobre ambiente no alinhamento?

Quando pensamos em ambos os momentos, estágio e COP, com este estudo tentamos perceber se a COP que aconteceu antes do período de estágio curricular deixou ou não um alerta no que toca aos conteúdos ambientais. No fundo, procurei perceber se depois da COP houve ou não um reforço de atenção a este tema. Perceber as mudanças entre uma fase e outra foi um dos objetivos e, assim, encontrar respostas às minhas questões base.

O alinhamento foi também analisado e conclui que durante o estágio não houve nenhum conteúdo ambiental que fosse abertura. Pelo contrário, no período da COP, uma peça jornalística foi abertura da primeira parte e duas foram abertura da segunda parte.

A maioria das peças ambientais durante o período de estágio surgiram no início da segunda parte (14 peças) e durante o período da COP, 16 peças surgiram no início da primeira parte, 7 no princípio da segunda parte e 1 no início da terceira parte.

Relativamente ao período de estágio foi realizada uma peça ambiental no meio da primeira parte e três peças no meio da segunda parte do alinhamento. Já durante o período da COP foram construídas 9 peças ambientais durante o meio da primeira parte, 15 no meio da segunda e 3 no meio da terceira parte.

Nos alinhamentos do período de estágio, surgiram 7 peças no final da primeira parte e 6 peças no final da segunda parte. Já nos alinhamentos no período da COP foram feitas 33 peças ambientais no fim da primeira parte e 10 no fim da segunda parte.

Finalmente, durante o período de observação participante foi divulgada 1 peça sobre ambiente no fecho da primeira parte e 2 no fecho da segunda parte. Por fim, no período de observação não participante foi apenas feita 1 peça no fecho da segunda parte.

Do que falam esses conteúdos sobre ambiente?

Ao nível das categorias ambientais, no que toca ao período em que decorreu o estágio, foram identificados 8 temas predominantes, enquanto que no período da Cimeira Ambiental foram observados 11 temas dominantes. Alguns deles repetiram-se. Em comum, nos dois meses foram abordados temas como as Alterações Climáticas, Meteorologia, Humanitário, Fenómenos Ambientais, Legislação, Reciclagem, Educação e Cimeira. Já no período da COP foram ainda abordados os temas sobre Ambiente, Manifestações Ambientais, Lixo Espacial, Documentário Ambiental, Poluição e Desflorestação.

Parafraseando a jornalista Manuela Vicente com uma das suas reflexões na entrevista realizada para este estudo de caso, deixo aqui uma esperança para o futuro, esperança essa que acredito ter uma ajuda com este trabalho. “A Humanidade é muito mais do que o visível e se nos unirmos todos a evolução será muito mais potenciada.”

Por fim e para concluir, de uma forma geral, o tema do ambiente é alvo de um tratamento noticioso insuficiente que não corresponde à urgência da situação que vivemos no momento. Sabemos que conteúdos políticos e económicos são de extrema importância, mas o ambiente devia ser igualado e os resultados ainda estão muito longe. A quantidade de conteúdos jornalísticos é muito baixa mesmo com uma Cimeira Ambiental, então quando não existe um evento dessa envergadura os números são quase três vezes menos, isto é, num período sem COP foram analisados 34 conteúdos ambientais. Num período em que decorreu a Cimeira do Ambiente foram analisados 98 conteúdos ambientais. Nesse sentido parece-me necessário que se dê mais importância ao tema ambiente no jornalismo e que se invista em outros conteúdos que não apenas em peças jornalísticas, mas também debates, entrevistas, reportagens e grandes reportagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ambiente, J. R. (2022, março, 30). *Jovens Repórteres para o Ambiente*. <https://jra.abae.pt/sobre/>
- Borges, C. (2017). *O jornalismo de proximidade na televisão nacional: O Caso da SIC* [Dissertação de mestrado publicada] Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Campos, I. R. (2012). *Jornalismo Especializado na transição do papel para o online: O caso dos jornalistas de ambiente em Portugal*. [Dissertação de mestrado publicada] Universidade Nova de Lisboa.
- Conselho da União Europeia (s.d). Cimeira sobre as alterações climáticas (COP26). <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/climate-change/paris-agreement/cop26/>
- Conselho da União Europeia (s.d). Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP26), cimeira dos dirigentes mundiais, Glasgow, Reino Unido, 1 de novembro de 2021. <https://www.consilium.europa.eu/pt/meetings/international-summit/2021/11/01/>
- Correia, M. W. (2018). *Análise Comparativa do Jornalismo de Ambiente: O Caso do Público*. [Dissertação de mestrado publicada] Universidade Católica Portuguesa.
- EuroNews (2021, Novembro, 1). *COP: A história da Conferência onde se luta pelo clima*. <https://pt.euronews.com/2021/11/01/copa-historia-da-conferencia-onde-se-luta-pelo-clima>
- Friedman, S. (2004). *The Environmental Communication Yearbook*. (1th ed.) Susan L. Senecah
- Guterres, A. (2021). *Ousar fazer diferente*. Lisboa. Cofina Media, S.A.
- Guirado, C. M. (2004) *Reportagem: a arte da investigação*. Arte e ciência editora.
- Impresa. (s.d.). *A nossa História*. <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo>
- Jornalistas, S. (2011). Sindicato dos Jornalistas. <https://jornalistas.eu/>
- Miranda, A. (2014). *Do todo à parte: curso e percurso do jornalismo especializado em saúde*. [Dissertação de mestrado publicada] Universidade Tuiuti do Paraná.
- Miranda, D. (2014). *Os Desafios ao Jornalismo Científico de Qualidade*. Revista Científica da Ordem dos Médicos.
- <https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/viewFile/5443/3971>
- Moreira, J. P. (1988). *Televisão em Portugal: pretextos para refletir*. [Dissertação de mestrado publicada] Centro de Estudos Sociais de Coimbra

Nações Unidas (2019, Junho, 24). Alterações Climáticas. <https://unric.org/pt/mundo-espera-solucao-para-alteracoes-climaticas-diz-banki-moon-7/>

Negócios, J. Dias. S. S. (2021). *Ousar Fazer Diferente – Descapitalizámos o planeta*. (2ª edição) Cofina, S.A.

Notícias, S. (2010). SIC Notícias. <https://sicnoticias.pt/programas/terraalerta>

Oliveira, P. M. J. (2014) Jornalismo e Ciência. Jornal Público.

<https://www.publico.pt/2014/09/28/opiniaio/opiniaio/jornalismo-e-ciencia-1671080>

Público. (2022, abril). Azul os Azuis. <https://www.publico.pt/azul/sobre>

RTP. (2006). Minuto Verde. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p21614>

Silva, M. M. (2021). *Jornalismo de ambiente na TVI: as alterações climáticas através da relação dos jornalistas com as fontes de informação*. [Dissertação de mestrado publicada] Escola Superior de Comunicação Social.

Sobral, F. A. (2012). *Televisão em contexto português: Uma abordagem histórica e prospetiva*. [Dissertação de mestrado publicada] Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu

Social, E. R. (2013 - 2014). *Públicos e Consumos de Média: o consumo de notícias e as plataformas digitais em Portugal e em mais de dez países*, 44.

Sousa, A. M. (2012). *Comunicação nas organizações e táticas de socialização - o caso dos estagiários de jornalismo televisivo*. [Dissertação de mestrado publicada] Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação.

Tavares, O. A., Areia, P. N., Mellett, S., James, J., Intrigliolo, S. D., Couldrick, B. L., Berthoumieu, F. J. (2020) *The European Media Portrayal of Climate Change: Implications for the Social Mobilization towards Climate Action*

UN Climate Change Conference UK 2021 (2021, 4-11 novembro). Resultados da COP26. <https://ukcop26.org/theconference/cop26-outcomes/>

Wonneberger, A., Meijers, M., Schuck, A. *Shifting public engagement: How media coverage of climate change conferences affects climate change audience segments*.

ANEXOS

ANEXO A: TABELAS DE DADOS MÊS DE ESTÁGIO

Data	Jornal	Nome	Hora	Internacional/Nacional	Localização	Duração (h/m/s)	Categoria Ambiental
28.fev.2022	-	-	-	-	-	-	-
1.março.2022	-	-	-	-	-	-	-
2.março.2022	-	-	-	-	-	-	-
3.março.2022	-	-	-	-	-	-	-
4.março.2022	-	-	-	-	-	-	-
5.março.2022	-	-	-	-	-	-	-
6.março.2022	-	-	-	-	-	-	-
4.abril.2022	PJ	Temperaturas em Portugal	14:00	Nacional	Portugal	00:1:22	Meteorologia
4.abril.2022	PJ	Frio e Neve Europa	14:01	Internacional	Europa	00:1:14	Meteorologia
5.abril.2022	PJ	Relatório Clima ONU	13:38	Indefinido	Indefinido	00:2:13	Alterações Climáticas
6.março.2022	PJ	Relatório Poluição OMS	14:31	Indefinido	Indefinido	00:2:05	Alterações Climáticas
6.março.2022	PJ	Fome e Seca África	14:33	Internacional	África	00:2:16	Humanitário e A. Climáticas
6.março.2022	PJ	Temporal Sul de Espanha	14:35	Internacional	Espanha	00:1:33	Fenómenos Ambientais
7.abril.2022	-	-	-	-	-	-	-
8.abril.2022	-	-	-	-	-	-	-
9.abril.2022	-	-	-	-	-	-	-

<i>10.abril.2022</i>	-	-	-	-	-	-	-
<i>16.maio.2022</i>	PJ	Limpeza Terrenos Albergaria	14:04	Nacional	Aveiro	00:2:27	Legislação
<i>16.maio.2022</i>	PJ	Início Época Incêndios Tomar	14:06	Nacional	Tomar	00:1:56	Legislação
<i>17.maio.2022</i>	PJ	Reciclagem Portugal PJ	14:08	Nacional	Portugal	00:2:22	Reciclagem
<i>17.maio.2022</i>	PJ	Reciclagem Porto PJ	14:10	Nacional	Porto	00:2:07	Reciclagem
<i>17.maio.2022</i>	PJ	Calor e Poeiras África PJ	14:12	Internacional	África	00:1:30	Meteorologia
<i>17.maio.2022</i>	PJ	Perigo Incêndios Rurais	14:14	Nacional	Marinha Grande	00:2:23	Alterações Climáticas
<i>18.maio.2022</i>	PJ	Dia Agricultura nas Escolas	14:14	Nacional	Portugal	00:1:46	Educação
<i>18.maio.2022</i>	PJ	Onda de Calor Índia	14:22	Internacional	Índia	00:1:43	Alterações Climáticas
<i>19.maio.2022</i>	PJ	Reciclagem Brinquedos	14:12	Nacional	Portugal	00:2:08	Reciclagem
<i>20.maio.2022</i>	PJ	Dia da Abelha	14:03	Nacional	Portugal	00:2:46	Humanitário
<i>21.maio.2022</i>	PJ	Tornado Alemanha PJ	13:28	Internacional	Alemanha	00:0:54	Fenómenos Ambientais
<i>21.maio.2022</i>	PJ	Praia Costa Caparica	13:30	Nacional	Portugal	00:1:43	Meteorologia
<i>22.maio.2022</i>	-	-	-	-	-	-	-
<i>20.jun.2022</i>	PJ	Incêndios Espanha	14:08	Internacional	Espanha	00:1:19	Alterações Climáticas

20.jun.2022	PJ	Cheias Índia e Bangladesh	14:11	Internacional	Índia e Bangladesh	00:1:45	Alterações Climáticas
20.jun.2022	PJ	China Cheias JN	14:09	Internacional	China	00:1:12	Alterações Climáticas
20.jun.2022	PJ	Reciclarte	14:34	Nacional	Covilhã	00:3:33	Reciclagem
20.jun.2022	JN	Cheias Ásia	20:36	Internacional	Índia, China e Bangladesh	00:2:42	Alterações Climáticas
21.jun.2022	PJ	THs Ministros Seca	14:12	Nacional	Lisboa	00:0:47	Alterações Climáticas
21.jun.2022	PJ	Verão Fresco	13:35	Nacional	Portugal	00:1:15	Meteorologia
21.jun.2022	PJ	Calor Maio e Seca	13:28	Nacional	Portugal	00:1:12	Alterações Climáticas
21.jun.2022	PJ	Seca Alentejo	13:30	Nacional	Alentejo	00:2:05	Alterações Climáticas
21.jun.2022	PJ	Cheias Ásia	14:23	Internacional	Índia, China e Bangladesh	00:2:37	Alterações Climáticas
21.jun.2022	JN	Calor Seca Ministra	20:41	Nacional	Lisboa	00:1:48	Alterações Climáticas
21.jun.2022	PJ	Verão Fresco	13:35	Nacional	Portugal	00:1:15	Meteorologia
22.jun.2022	PJ	INE Previsões Agrícolas	14:12	Nacional	Portugal	00:1:27	Alterações Climáticas
23.jun.2022	PJ	Fome e Seca África PJ	14:27	Internacional	África	00:2:37	Humanitário e A. Climáticas
24.jun.2022	-	-	-	-	-	-	-
25.jun.2022	-	-	-	-	-	-	-
26.jun.2022	JN	Seca Bragança	20:46	Nacional	Bragança	00:3:22	Alterações Climáticas

26.jun.2022	PJ	Diretos Oceanos	13:34	Nacional	Portugal	00:3:50	Cimeira
-------------	----	-----------------	-------	----------	----------	---------	---------

Data	Jornal	Nome	Fonte ¹⁵	Programação	Género Jornalístico	Posicionamento
28.fev.2022	-	-	-	-	-	-
1.março.2022	-	-	-	-	-	-
2.março.2022	-	-	-	-	-	-
3.março.2022	-	-	-	-	-	-
4.março.2022	-	-	-	-	-	-
5.março.2022	-	-	-	-	-	-
6.março.2022	-	-	-	-	-	-
4.abril.2022	PJ	Temperaturas em Portugal	E	Fora da agenda	Peça	Início da 2ª parte
4.abril.2022	PJ	Frio e Neve Europa	P / AL	Fora da agenda	Peça	Início da 2ª parte

¹⁵ - P – Público em geral / M – Agências de Comunicação e outros média / C – Associações e Entidades Comunitárias / E – Tecido Empresarial e Serviços / AL – Autoridade Local / AN – Autoridade Nacional / GL – Governo Local / GN – Governo Nacional

<i>5.abril.2022</i>	PJ	Relatório Clima ONU	C / E	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>6.março.2022</i>	PJ	Relatório Poluição OMS	M	Fora da agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>6.março.2022</i>	PJ	Fome e Seca África	M	Fora da agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>6.março.2022</i>	PJ	Temporal Sul de Espanha	M	Fora da agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>7.abril.2022</i>	-	-	-	-	-	-
<i>8.abril.2022</i>	-	-	-	-	-	-
<i>9.abril.2022</i>	-	-	-	-	-	-
<i>10.abril.2022</i>	-	-	-	-	-	-
<i>16.maio.2022</i>	PJ	Limpeza Terrenos Albergaria	GL / AL	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>16.maio.2022</i>	PJ	Início Época Incêndios Tomar	AL / C	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>17.maio.2022</i>	PJ	Reciclagem Portugal PJ	C	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>17.maio.2022</i>	PJ	Reciclagem Porto PJ	AL / GL	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>17.maio.2022</i>	PJ	Calor e Poeiras África PJ	E / M	Fora da agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>17.maio.2022</i>	PJ	Perigo Incêndios Rurais	AL / GL	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>18.maio.2022</i>	PJ	Dia Agricultura nas Escolas	GN / C	Agenda	Peça	Início da 2ª parte

<i>18.mai.2022</i>	PJ	Onda de Calor Índia	M	Fora da agenda	Peça	Meio da 2ª parte
<i>19.mai.2022</i>	PJ	Reciclagem Brinquedos	C	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>20.mai.2022</i>	PJ	Dia da Abelha	P / C	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>21.mai.2022</i>	PJ	Tornado Alemanha PJ	M	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>21.mai.2022</i>	PJ	Praia Costa Caparica	P	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>22.mai.2022</i>	-	-	-	-	-	-
<i>20.jun.2022</i>	PJ	Incêndios Espanha	M / AN	Fora da agenda	Peça	Início da 2º parte
<i>20.jun.2022</i>	PJ	Cheias Índia e Bangladesh	M	Fora da agenda	Peça	Meio da 2º parte
<i>20.jun.2022</i>	PJ	China Cheias JN	M	Fora da agenda	Peça	Início da 2º parte
<i>20.jun.2022</i>	PJ	Reciclarte	C / E	Agenda	Peça	Última peça do PJ
<i>20.jun.2022</i>	JN	Cheias Ásia	M	Fora agenda	Peça	Última peça antes do 1º intervalo
<i>21.jun.2022</i>	PJ	THs Ministros Seca	GN	Agenda	TH	Meio da 2ª parte
<i>21.jun.2022</i>	PJ	Verão Fresco	C / E	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª Parte
<i>21.jun.2022</i>	PJ	Calor Maio e Seca	AL	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª Parte
<i>21.jun.2022</i>	PJ	Seca Alentejo	C	Fora da Agenda	Peça	Fim da 1ª Parte

<i>21.jun.2022</i>	PJ	Cheias Ásia	M	Fora da agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>21.jun.2022</i>	JN	Calor Seca Ministra	GN	Agenda	Peça	Última peça 2ª parte
<i>21.jun.2022</i>	PJ	Verão Fresco	P / AN	Fora da Agenda	Peça	Meio da 1ª parte
<i>22.jun.2022</i>	PJ	INE Previsões Agrícolas	E	Fora da agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>23.jun.2022</i>	PJ	Fome e Seca África PJ	M	Fora da agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>24.jun.2022</i>	-	-	-	-	-	-
<i>25.jun.2022</i>	-	-	-	-	-	-
<i>26.jun.2022</i>	JN	Seca Bragança	P	Fora da agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>26.jun.2022</i>	PJ	Diretos Oceanos	-	Agenda	Direto	Fim da 1ª parte

Data	Jornal	Nome	Hora	Internacional/Nacional	Localização	Duração (h/m/s)	Categoria Ambiental
25.out.2021	PJ	Antecipação Cimeira Clima	13:40	Indefinido	Indefinido	00:1:48	Alterações Climáticas
25.out.2021	PJ	Clima Quénia	13:42	Internacional	Quénia	00:1:45	Alterações Climáticas
26.out.2021	PJ	Cimeira Clima PJ	14:14	Indefinido	Indefinido	00:2:33	Alterações Climáticas
27.out.2021	PJ	Vem aí a chuva e o frio	14:14	Nacional	Portugal	00:2:08	Meteorologia
27.out.2021	PJ	Mau tempo Europa	14:16	Internacional	Europa	00:2:02	Fenómenos Ambientais
27.out.2021	JN	Temporais Europa	20:44	Internacional	Europa	00:2:09	Fenómenos Ambientais
28.out.2021	PJ	Mau Tempo Portugal	13:27	Nacional	Portugal	00:1:45	Meteorologia
28.out.2021	PJ	Mau Tempo Europa	13:29	Internacional	Europa	00:2:04	Fenómenos Ambientais
29.out.2021	PJ	Mau Tempo Austrália	14:09	Internacional	Austrália	00:2:06	Fenómenos Ambientais
29.out.2021	JN	Manifestação Ambiente	21:00	Internacional	Reino Unido	00:2:08	Manifestação ambiental
30.out.2021	PJ	Mau Tempo PJ	13:00	Nacional	Portugal	00:2:36	Meteorologia
30.out.2021	JN	Mau Tempo JN	20:09	Nacional	Portugal	00:2:48	Meteorologia
30.out.2021	JN	Últimas Cimeira JN	20:19	Internacional	Reino Unido	00:1:51	Cimeira e Alterações Climáticas
30.out.2021	JN	Direto Glasgow	20:21	Internacional	Reino Unido	00:2:50	Cimeira e Alterações Climáticas
31.out.2021	PJ	COP Abertura	13:12	Internacional	Reino Unido	00:2:52	Cimeira e Alterações Climáticas
31.out.2021	PJ	COP Antevisão	13:14	Internacional	Reino Unido	00:2:05	Cimeira e Alterações Climática

<i>31.out.2021</i>	JN	Cimeira COP Domingo	20:12	Internacional	Reino Unido	00:2:47	Cimeira e Alterações Climática
<i>31.out.2021</i>	JN	Direto Glasgow	20:15	Internacional	Reino Unido	00:1:50	Cimeira e Alterações Climática
<i>31.out.2021</i>	JN	Logística Cimeira COP	20:16	Internacional	Reino Unido	00:1:51	Cimeira e Alterações Climática
<i>1.nov.2021</i>	PJ	COP 1 Novembro PJ	13:08	Internacional	Reino Unido	00:2:11	Cimeira e Alterações Climática
<i>1.nov.2021</i>	PJ	Direto COP	13:10	Internacional	Reino Unido	00:2:25	Cimeira e Alterações Climática
<i>1.nov.2021</i>	PJ	Proibição Plástico	13:21	Nacional	Portugal	00:2:01	Legislação
<i>1.nov.2021</i>	PJ	Alterações Climáticas e o mexilhão	13:34	Nacional	Portugal	00:3:14	Alterações Climáticas
<i>1.nov.2021</i>	JN	COP 26 Líderes	20:04	Internacional	Reino Unido	00:2:27	Alterações Climáticas
<i>1.nov.2021</i>	JN	DIRETO Glasgow	20:07	Internacional	Reino Unido	00:2:25	Alterações Climáticas
<i>1.nov.2021</i>	JN	COP 26 Protestos	20:09	Internacional	Reino Unido	00:1:45	Alterações Climáticas
<i>1.nov.2021</i>	JN	Proibição Plástico	20:16	Nacional	Portugal	00:2:01	Legislação
<i>2.nov.2021</i>	PJ	Cimeira Clima PJ	13:04	Internacional	Reino Unido	00:3:13	Alterações Climáticas
<i>2.nov.2021</i>	PJ	Importância Florestas	13:07	Internacional	Reino Unido	00:2:10	Alterações Climáticas
<i>2.nov.2021</i>	JN	COP 26 – dia	20:11	Internacional	Reino Unido	00:4:18	Alterações Climáticas
<i>2.nov.2021</i>	JN	COP 26 – Brasil florestas	20:16	Internacional	Reino Unido	00:2:30	Alterações Climáticas
<i>3.nov.2021</i>	PJ	Cimeira COP26	13:38	Internacional	Reino Unido	00:2:29	Alterações Climáticas

3.nov.2021	PJ	DIR Glasgow	13:41	Internacional	Reino Unido	00:2:40	Alterações Climáticas
3.nov.2021	JN	Clima casos 2021	21:06	Internacional	Reino Unido	00:3:06	Alterações Climáticas
3.nov.2021	JN	COP26 – Portugueses em Glasgow	21:03	Internacional	Reino Unido	00:2:48	Alterações Climáticas
3.nov.2021	JN	COP26 – dia	21:00	Internacional	Reino Unido	00:6:44	Alterações Climáticas
3.nov.2021	JN	Ilha do Lixo - Maldivas	21:12	Internacional	Maldivas	00:3:39	Alterações Climáticas
4.nov.2021	PJ	COP(26) PJ	13:40	Internacional	Reino Unido	00:2:02	Alterações Climáticas
4.nov.2021	JN	COP26 – dia	21:12	Internacional	Reino Unido	00:1:34	Alterações Climáticas
4.nov.2021	JN	Glasgow ambiente cidade	21:14	Internacional	Reino Unido	00:3:02	Alterações Climáticas
4.nov.2021	JN	Madagáscar fome – alterações climáticas	21:17	Internacional	Madagáscar	00:3:58	Alterações Climáticas
4.nov.2021	JN	Mais Mundo 49 – Europa – ECO	21:21	Internacional	Europa	00:8:36	Reciclagem
5.nov.2021	PJ	Cimeira Clima	13:31	Internacional	Reino Unido	00:2:11	Alterações Climáticas
5.nov.2021	PJ	DIR Glasgow	13:33	Internacional	Reino Unido	00:4:30	Alterações Climáticas
5.nov.2021	JN	COP26 – dia 5	20:09	Internacional	Reino Unido	00:2:41	Alterações Climáticas
5.nov.2021	JN	Manif miúdos ativistas Glasgow	20:12	Internacional	Reino Unido	00:3:11	Manifestação

6.nov.2021	PJ	COP manhã	13:09	Internacional	Reino Unido	00:1:50	Alterações Climáticas
6.nov.2021	PJ	DIRETO Glasgow	13:11	Internacional	Reino Unido	00:2:26	Alterações Climáticas
6.nov.2021	JN	Protestos Clima JN	20:33	Internacional	Reino Unido	00:2:15	Manifestações
6.nov.2021	JN	Últimas COP 26 JN	20:35	Internacional	Reino Unido	00:2:28	Alterações Climáticas
6.nov.2021	JN	Se Esta Terra Inundasse JN	21:01	Indefinido	Indefinido	00:21:04	Alterações Climáticas
7.nov.2021	JN	Marcha Clima Lisboa JN	20:05	Nacional	Lisboa	00:2:18	Manifestação
7.nov.2021	JN	Ativista Clima Glasgow	20:07	Internacional	Reino Unido	00:3:37	Alterações Climáticas
7.nov.2021	JN	Mau tempo Mundo JN	20:36	Indefinido	Indefinido	00:2:09	Alterações Climáticas
8.nov.2021	PJ	Ativista Clima Glasgow	13:39	Internacional	Reino Unido	00:2:14	Alterações Climáticas
8.nov.2021	PJ	Marcha Clima Lisboa JN	13:41	Nacional	Portugal	00:3:35	Alterações Climáticas
8.nov.2021	JN	COP26 – dia Obama	20:31	Internacional	Reino Unido	00:1:53	Alterações Climáticas
8.nov.2021	JN	VIDI Tuvalu	20:33	Internacional	Reino Unido	00:0:30	Alterações Climáticas
8.nov.2021	JN	COP26 – países mais afetados	20:33	Internacional	Reino Unido	00:3:41	Alterações Climáticas
9.nov.2021	PJ	Cimeira COP	13:44	Internacional	Reino Unido	00:1:50	Alterações Climáticas
9.nov.2021	JN	Plantação eucaliptos	20:37	Nacional	Portugal	00:2:19	Ambiente

<i>9.nov.2021</i>	JN	COP26 dia 9	21:12	Internacional	Reino Unido	00:2:34	Alterações Climáticas
<i>9.nov.2021</i>	JN	COP26 Gulbenkian Glasgow	21:14	Internacional	Reino Unido	00:2:59	Alterações Climáticas
<i>9.nov.2021</i>	JN	Documentário Geta	21:17	Internacional	-	00:2:52	Documentário ambiental
<i>10.nov.2021</i>	PJ	Esboço Acordo COP	13:35	Internacional	Reino Unido	00:2:10	Alterações Climáticas
<i>10.nov.2021</i>	PJ	DIRETO Glasgow	13:37	Internacional	Reino Unido	00:2:45	Alterações Climáticas
<i>10.nov.2021</i>	JN	Decisões COP26 Glasgow JN	20:18	Internacional	Reino Unido	00:2:28	Alterações Climáticas
<i>10.nov.2021</i>	JN	Cimeira Alternativa Glasgow JN	20:20	Internacional	Reino Unido	00:2:54	Manifestação
<i>11.nov.2021</i>	PJ	Acordo Clima últimas PJ	13:36	Internacional	Reino Unido	00:2:39	Alterações Climáticas
<i>11.nov.2021</i>	PJ	Cimeira Alternativa Glasgow	13:39	Internacional	Reino Unido	00:3:02	Manifestação
<i>11.nov.2021</i>	JN	COP26 Ultimas	21:18	Internacional	Reino Unido	00:2:18	Alterações Climáticas
<i>11.nov.2021</i>	JN	COP Acordo Reportagem	21:20	Internacional	Reino Unido	00:3:29	Alterações Climáticas
<i>12.nov.2021</i>	PJ	Acordo COP PJ	13:41	Internacional	Reino Unido	00:1:54	Alterações Climáticas
<i>12.nov.2021</i>	PJ	DIRETO Glasgow	13:42	Internacional	Reino Unido	00:2:30	Alterações Climáticas
<i>12.nov.2021</i>	JN	COP26 Final	21:18	Internacional	Reino Unido	00:2:16	Alterações Climáticas

12.nov.2021	JN	COP26 Reportagem 1	21:21	Internacional	Reino Unido	00:3:02	Alterações Climáticas
13.nov.2021	PJ	COP26 Sábado PJ	13:22	Internacional	Reino Unido	00:1:31	Alterações Climáticas
13.nov.2021	PJ	DIRETO Glasgow	13:23	Internacional	Reino Unido	00:2:11	Alterações Climáticas
13.nov.2021	JN	DIRETO Glasgow	20:07	Internacional	Reino Unido	00:2:00	Alterações Climáticas
13.nov.2021	JN	Últimas COP 26 JN	20:09	Internacional	Reino Unido	00:2:44	Alterações Climáticas
14.nov.2021	PJ	Acordo COP Clima	13:00	Internacional	Reino Unido	00:3:02	Alterações Climáticas
14.nov.2021	PJ	COP Reações Mundo	13:03	Indefinido	Indefinido	00:2:49	Alterações Climáticas
14.nov.2021	PJ	COP Reações Portugal	13:06	Nacional	Portugal	00:2:40	Alterações Climáticas
14.nov.2021	PJ	Entrevista Ministro do Ambiente	13:08	Nacional	Portugal	00:2:30	Alterações Climáticas
14.nov.2021	JN	COP Acordo JN	20:05	Internacional	Reino Unido	00:2:29	Alterações Climáticas
14.nov.2021	JN	COP Índia JN	20:08	Internacional	Índia	00:2:39	Alterações Climáticas
14.nov.2021	JN	COP Reações JN	20:11	Indefinido	Indefinido	00:2:50	Alterações Climáticas
15.nov.2021	PJ	COP Acordo JN	13:43	Indefinido	Indefinido	00:2:29	Alterações Climáticas
15.nov.2021	JN	PAN agricultura intensiva	20:19	Nacional	Portugal	00:2:25	Política
16.nov.2021	-	-	-	-	-	-	-

<i>17.nov.2021</i>	PJ	Limpeza de Praias	14:01	Nacional	Portugal	00:1:52	Poluição
<i>18.nov.2021</i>	PJ	Mau Tempo Itália	13:41	Internacional	Itália	00:1:30	Meteorologia
<i>18.nov.2021</i>	PJ	Tempestade Canadá	13:42	Internacional	Canadá	00:2:01	Meteorologia
<i>18.nov.2021</i>	PJ	Aumento Reciclagem	14:30	Nacional	Portugal	00:2:04	Reciclagem
<i>18.nov.2021</i>	PJ	Obra Resíduos Industriais	14:06	Nacional	Portugal	00:2:05	Poluição
<i>18.nov.2021</i>	PJ	Poluição Índia e Paquistão	2:19	Internacional	Índia e Paquistão	00:1:30	Poluição
<i>19.nov.2021</i>	PJ	Desflorestação Amazónia	14:17	Internacional	Amazónia	00:1:45	Desflorestação
<i>19.nov.2021</i>	PJ	Lixo Espacial	14:19	Nacional	Matosinhos	00:1:26	Alterações Climáticas e Lixo Espacial
<i>20.nov.2021</i>	JN	Sky Amazónia Desflorestação	21:00	Internacional	Amazónia	00:4:06	Desflorestação
<i>21.nov.2021</i>	-	-	-	-	-	-	-

Data	Jornal	Nome	Fonte ¹⁶	Programação	Género Jornalístico	Posicionamento
25.out.2021	PJ	Antecipação Cimeira Clima	M / C	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª parte
25.out.2021	PJ	Clima Quénia	M	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
26.out.2021	PJ	Cimeira Clima PJ	M	Fora da agenda	Peça	Meio da 2ª parte
27.out.2021	PJ	Vem aí a chuva e o frio	C / E	Fora da agenda	Peça	Meio da 2ª parte
27.out.2021	PJ	Mau tempo Europa	M	Fora da agenda	Peça	Meio da 2ª parte
27.out.2021	JN	Temporais Europa	M	Fora da agenda	Peça	Última peça da 2ª parte
28.out.2021	PJ	Mau Tempo Portugal	C / E	Fora da agenda	Peça	Meio da 1ª parte
28.out.2021	PJ	Mau Tempo Europa	M	Fora da agenda	Peça	Meio da 1ª parte
29.out.2021	PJ	Mau Tempo Austrália	M	Fora da agenda	Peça	Meio da 2ª parte
29.out.2021	JN	Manifestação Ambiente	M / P	Fora da agenda	Peça	Início da 3ª parte
30.out.2021	PJ	Mau Tempo PJ	M / C / E	Fora da Agenda	Peça	Primeira peça da 1ª parte

¹⁶ P – Público em geral / M – Agências de Comunicação e outros média / C – Associações e Entidades Comunitárias / E – Tecido Empresarial e Serviços / AL – Autoridade Local / AN – Autoridade Nacional / GL – Governo Local / GN – Governo Nacional

<i>30.out.2021</i>	JN	Mau Tempo JN	M / C / E	Fora agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>30.out.2021</i>	JN	Últimas Cimeira JN	M / C / E	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>30.out.2021</i>	JN	Direto Glasgow	-	Agenda	Direto	Fim da 1ª parte
<i>31.out.2021</i>	PJ	COP Abertura	M / C / E	Agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>31.out.2021</i>	PJ	COP Antevisão	M / C / E	Agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>31.out.2021</i>	JN	Cimeira COP Domingo	M / C / E	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>31.out.2021</i>	JN	Direto Glasgow	-	Agenda	Direto	Fim da 1ª parte
<i>31.out.2021</i>	JN	Logística Cimeira COP	M / C / E	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>1.nov.2021</i>	PJ	COP 1 Novembro PJ	M	Agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>1.nov.2021</i>	PJ	Direto COP	-	Agenda	Direto	Início da 1ª parte
<i>1.nov.2021</i>	PJ	Proibição Plástico	C / E	Fora da agenda	Peça	Meio da 1ª parte
<i>1.nov.2021</i>	PJ	Alterações Climáticas e o mexilhão	C / E	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>1.nov.2021</i>	JN	COP 26 Líderes	P / M	Agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>1.nov.2021</i>	JN	DIRETO Galsgow	-	Agenda	Direto	Início da 1ª parte
<i>1.nov.2021</i>	JN	COP 26 Protestos	P / M	Fora da agenda	Peça	Início da 1ª parte

<i>1.nov.2021</i>	JN	Proibição Plástico	C / E	Fora da agenda	Peça	Meio da 1ª parte
<i>2.nov.2021</i>	PJ	Cimeira Clima PJ	C	Agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>2.nov.2021</i>	PJ	Importância Florestas	M	Fora da agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>2.nov.2021</i>	JN	COP 26 – dia	AL / M / C	Agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>2.nov.2021</i>	JN	COP 26 – Brasil florestas	M / C	Agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>3.nov.2021</i>	PJ	Cimeira COP26	C	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>3.nov.2021</i>	PJ	DIR Glasgow	C	Agenda	Direto	Fim da 1ª parte
<i>3.nov.2021</i>	JN	Clima casos 2021	P / M	Fora da agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>3.nov.2021</i>	JN	COP26 – Portugueses em Glasgow	P	Agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>3.nov.2021</i>	JN	COP26 – dia	M	Agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>3.nov.2021</i>	JN	Ilha do Lixo – Maldivas	M	Fora da agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>4.nov.2021</i>	PJ	COP(26) PJ	C	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>4.nov.2021</i>	JN	COP26 – dia	C	Agenda	Peça	Meio da 2ª parte
<i>4.nov.2021</i>	JN	Glasgow ambiente cidade	P	Fora da agenda	Peça	Meio da 2ª parte
<i>4.nov.2021</i>	JN	Madagáscar fome – alterações climáticas	AL / P / M	Fora da agenda	Peça	Meio da 2ª parte

<i>4.nov.2021</i>	JN	Mais Mundo 49 – Europa – ECO	P / M	Fora da agenda	Peça	Meio da 2ª parte
<i>5.nov.2021</i>	PJ	Cimeira Clima	C	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>5.nov.2021</i>	PJ	DIR Glasgow	C	Agenda	Direto	Fim da 1ª parte
<i>5.nov.2021</i>	JN	COP26 – dia 5	C	Agenda	Peça	Meio da 1ª parte
<i>5.nov.2021</i>	JN	Manif miúdos ativistas Glasgow	P / C	Fora da agenda	Peça	Meio da 1ª parte
<i>6.nov.2021</i>	PJ	COP manhã	C	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>6.nov.2021</i>	PJ	DIRETO Glasgow	C	Agenda	Direto	Fim da 1ª parte
<i>6.nov.2021</i>	JN	Protestos Clima JN	P	Fora da agenda	Peça	Primeira peça da 2ª parte
<i>6.nov.2021</i>	JN	Últimas COP 26 JN	C	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>6.nov.2021</i>	JN	Se Esta Terra Inundasse JN	E / C / P	Agenda	Grande Reportagem	Fim da 2ª Parte
<i>7.nov.2021</i>	JN	Marcha Clima Lisboa JN	P / C	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>7.nov.2021</i>	JN	Ativista Clima Glasgow	P	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>7.nov.2021</i>	JN	Mau tempo Mundo JN	M	Fora da agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>8.nov.2021</i>	PJ	Ativista Clima Glasgow	C / P	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª parte

<i>8.nov.2021</i>	JN	COP26 – dia Obama	C	Agenda	Peça	Primeira peça da 2ª parte
<i>8.nov.2021</i>	JN	VIDI Tuvalu	C	Fora da agenda	VIDI	Início da 2ª parte
<i>8.nov.2021</i>	JN	COP26 – países mais afetados	C / M	Fora da agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>8.nov.2021</i>	PJ	Marcha Clima Lisboa JN	P / GN	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>9.nov.2021</i>	PJ	Cimeira COP	C	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>9.nov.2021</i>	JN	Plantação eucaliptos	GN / M	Agenda	Peça	Meio da 2ª parte
<i>9.nov.2021</i>	JN	COP26 dia 9	C	Agenda	Peça	Meio da 3ª parte
<i>9.nov.2021</i>	JN	COP26 Gulbenkian Glasgow	C	Fora da Agenda	Peça	Meio da 3ª parte
<i>9.nov.2021</i>	JN	Documentário Greta	M	Fora da agenda	Peça	Meio da 3ª parte
<i>10.nov.2021</i>	PJ	Esboço Acordo COP	GN	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>10.nov.2021</i>	PJ	DIRETO Glasgow	-	Agenda	Direto	Fim da 1ª parte
<i>10.nov.2021</i>	JN	Decisões COP26 Glasgow JN	C	Agenda	Peça	Meio da 1ª parte
<i>10.nov.2021</i>	JN	Cimeira Alternativa Glasgow JN	P	Fora da Agenda	Peça	Meio da 1ª parte
<i>11.nov.2021</i>	PJ	Acordo Clima últimas PJ	C	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>11.nov.2021</i>	PJ	Cimeira Alternativa Glasgow	P	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª parte

<i>11.nov.2021</i>	JN	COP26 Ultimas	C	Agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>11.nov.2021</i>	JN	COP Acordo Reportagem	C	Agenda	Reportagem	Fim da 2ª parte
<i>12.nov.2021</i>	PJ	Acordo COP PJ	C	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>12.nov.2021</i>	PJ	DIRETO Glasgow	-	Agenda	Direto	Fim da 1ª parte
<i>12.nov.2021</i>	JN	COP26 Final	C	Agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>12.nov.2021</i>	JN	COP26 Reportagem 1	C	Agenda	Reportagem	Fim da 2ª parte
<i>13.nov.2021</i>	PJ	COP26 Sábado PJ	C	Agenda	Peça	Meio da 2ª parte
<i>13.nov.2021</i>	PJ	DIRETO Glasgow	-	Agenda	Direto	Meio da 2ª parte
<i>13.nov.2021</i>	JN	DIRETO Glasgow	-	Agenda	Direto	Meio da 2ª parte
<i>13.nov.2021</i>	JN	Últimas COP 26 JN	C	Agenda	Peça	Meio da 2ª parte
<i>14.nov.2021</i>	PJ	Acordo COP Clima	C	Agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>14.nov.2021</i>	PJ	COP Reações Mundo	P / C	Fora da Agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>14.nov.2021</i>	PJ	COP Reações Portugal	GN	Fora da agenda	Peça	Início da 1ª parte
<i>14.nov.2021</i>	PJ	Entrevista Ministro do Ambiente	GN	Agenda	Entrevista	Início da 1ª parte
<i>14.nov.2021</i>	JN	COP Acordo JN	C	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte

<i>14.nov.2021</i>	JN	COP Índia JN	GL / M	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>14.nov.2021</i>	JN	COP Reações JN	GL / C	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>15.nov.2021</i>	PJ	COP Acordo JN	C	Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>15.nov.2021</i>	JN	PAN agricultura intensiva	GN / P	Agenda	Peça	Meio da 1ª parte
<i>16.nov.2021</i>	-	-	-	-	-	-
<i>17.nov.2021</i>	PJ	Limpeza de Praias	P	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>18.nov.2021</i>	PJ	Mau Tempo Itália	GN	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>18.nov.2021</i>	PJ	Tempestade Canadá	GN / GL	Fora da agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>18.nov.2021</i>	PJ	Aumento Reciclagem	C	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>18.nov.2021</i>	PJ	Obra Resíduos Industriais	E	Agenda	Peça	Início da 2ª parte
<i>18.nov.2021</i>	PJ	Poluição Índia e Paquistão	M	Fora da agenda	Peça	Fim da 2ª parte
<i>19.nov.2021</i>	PJ	Desflorestação Amazónia	M	Fora da Agenda	Peça	Meio da 2ª parte
<i>19.nov.2021</i>	PJ	Lixo Espacial	E / M	Agenda	Peça	Meio da 2ª parte
<i>20.nov.2021</i>	JN	Sky Amazónia Desflorestação	M	Fora da Agenda	Peça	Fim da 1ª parte
<i>21.nov.2021</i>	-	-	-	-	-	-

ANEXO B: ENTREVISTAS

Isabel Santana - Agenda SIC

1. Como é feito o tratamento das notícias ambientais pela agenda?

O tema ambiente é tratado pela editoria de economia. Anteriormente tínhamos uma colega, a Carla Castelo que se dedicava a este tema, agora com a sua saída é a editoria de economia que assume o seu papel. Contudo depende muito daquilo sobre o qual estamos a falar, se for por exemplo uma limpeza de praias, já colocamos em sociedade porque não é algo relacionado exatamente com economia.

2. Qual é a importância do tema ambiente quando estão a fazer a agenda?

A importância é tanta como a justiça, a cultura ou qualquer outro tema. Eu não trato o ambiente de forma diferente. A importância é exatamente a mesma.

3. Como é realizada a seleção e gestão de notícias ambientais?

Isso é uma coisa que não se ensina, tem a ver com a importância e relevância da “coisa” mas não tem só a ver com isso. Nós estamos a falar de televisão, por isso, se for uma mesa redonda em que vamos debater um tema muito importante com catedráticos na área mas que não tenham nenhuma relevância mediática, acaba por ser um “Portugal sentado que não me interessa em televisão”. Não tem relevância e não tem imagem.

4. Com que frequência surgem notícias ambientais para serem tratadas pela agenda?

Hoje em dia é algo que acontece diariamente, mas não quer dizer que tenham importância ou que eu as agende. Isto porque nós tanto recebemos o e-mail do Ministro das Finanças, como recebemos mails de Juntas de Freguesia. Há muita coisa a nível local, coisinhas pequenas que não é naturalmente agendado porque não tem expressão para televisão.

5. Acredita que a SIC tem importância no papel da disseminação de questões ambientais?

Acho que sim. De à uns anos para cá, e olhando para a atualidade, dá-se muito mais importância ao ambiente. Não tem comparação. Existe uma sensibilização completamente diferente, uma sensibilidade das pessoas para este tema, coisa que não tinham, nem vou mais longe, à 5 ou 10 anos atrás. E nós, SIC, também vamos atrás dessa sensibilização, em especial porque somos pessoas. Existe uma coisa que não nos podemos esquecer, a agenda é feita por pessoas. A agenda é uma coisa absolutamente subjetiva.

Há coisas que são objetivas como agendar o PM ou o PR, que toda a gente sabe que tem de ser feito, depois existe muita coisa que tem a ver com a sensibilidade das pessoas. Se calhar eu não agendaria mas outra pessoa sim. Mas de facto à uma sensibilidade maior para o tema do ambiente.

Manuela Vicêncio - Jornalista da SIC

1. Fale-me um pouco da história da SIC.

Eu sei tudo sobre a história da SIC Notícias porque quando entrei a SIC já existia, claro, já era a televisão do nosso imaginário. Quando vim para fundar a SIC Notícias houve uma mudança de paradigma porque passamos a ter emissão 24 horas e isto implicava passar aqui noites ou não ir a casa dormir. Depois tivemos acontecimentos como as torres gémeas que provaram a necessidade das televisões 24 horas, porque percebemos que o mundo é muito grande e que apesar de estarmos a dormir aqui, há um outro mundo acordado. Até lá vivíamos muito no mundo do papel, do jornal e da rádio. Com as torres gémeas alcançamos a ideia da aldeia global e o mundo mudou. Eu mudei e acho que Portugal também.

Deixamos de ver apenas o nosso umbigo e passamos a perceber que somos parte de um globo com culturas diferentes em tempos diferentes. Mudou a forma como fazemos jornalismo, percebemos que temos de estar com as comunidades quando elas precisam dos jornalistas e não só quando os jornalistas precisam destas comunidades. Eu acho que o público exigiu isso de nós e isto prova a urgência em ter jornalismo 24h.

A SIC foi a primeira televisão privada a abrir-se ao info-entretenimento, não só uma televisão feita de greves e passou a ser uma janela para a população também exigir e contestar, pedir mudanças e melhorias. Acho que a SIC abriu uma janela que até então não havia. Portugal tinha apenas a RTP, e a SIC abriu várias janelas com as novelas da Globo, por exemplo. A SIC mostrou o jornalismo e deu-lhe uma perspetiva que até então não existia, não tem medo de arriscar, estava e está aberta ao novo. A SIC rasgou caminho e parte do jornalismo em Portugal vem da SIC, a ideia que tem de haver um protocolo e que o jornalismo é muito sério foi se dissipando. Nós provamos que o jornalismo pode ser popular sem ser “popularuxo”, ou seja, quando é preciso exigir responsabilidades exige-se ou quando é possível aplaudir e reconhecer o valor, fazemo-lo.

2. Quais foram as principais conquistas que este canal televisivo teve durante estes anos de vida?

A SIC quebrou todas as regras que poderia quebrar, por exemplo que as entrevistas tinham de ser feitas sentadas, que a peça tinha de ser feita com início, meio e fim. Provamos que jornalismo pode ser feito próximo das pessoas e que se for preciso fazer perguntas

incômodas, podemos e devemos fazê-las. Nunca tivemos medo de perguntar às pessoas mais importantes, as questões mais incômodas e isso fez história.

3. De que forma é que apostar nas multiplataformas e no digital pode ajudar a SIC a liderar audiências?

Eu acho que ainda temos de mudar mais, o futuro é digital. Já estamos a mudar, para estarmos próximos das pessoas temos de estar presentes no digital. Nós já vemos os jovens e os jovens adultos que vem o jornalismo através do telemóvel. Portanto a televisão vai sempre existir mas temos de ter conteúdo personalizado. E isto não é mau, é ótimo. O jornalismo tem de se modificar, tem de se atualizar porque nós vamos passar a estar no bolso das pessoas. Já lá estamos e quando alguma coisa acontece temos de lá estar e ser os primeiros a dizer. Esta janela que o digital nos abre é imensa e tem potencialidades incríveis e só temos a ganhar com isto, vão ser abertas diferentes janelas, com formas diferentes e cores diferentes e temos de ser capazes de fazer o que o público nos exige. Temos de ser o eco do que a sociedade nos impõem, no bom e no mau. Assim vamos ser uma sociedade melhor.

Vão ser criadas novas formas de comunicação e isso é muito bom. O jornalismo não vai ser como antigamente e nós jornalistas de outra Era temos de ser humildes para aceitar isso. Os jovens não vão ser como os nossos pais que assistem ao jornal da noite e ao primeiro jornal, os jovens vão querer ter acesso às notícias quando quiserem, da forma como querem e isso é o futuro do jornalismo. Isto tem de ser o nosso caminho, apesar do jornalismo de massas que não deve ser descorado, que serve toda a sociedade na transversal, mas devemos ter jornalismo muito específico e claro.

O mundo jornalístico que eu conheci quando entrei nesta profissão já não existe. Ainda tirei o curso sem *internet* e não vale a pena estarmos agarrados ao passado, temos de olhar para a frente com as ferramentas que temos e com as que virão. Temos de tentar melhorar a vida das pessoas, darmos ferramentas para que a vida das pessoas sejam melhores e mais felizes, esta é a missão do jornalismo.

4. Quais são as características que a SIC têm para destacar-se, face aos seus concorrentes?

Começou desde logo porque a SIC rasgou todas as convicções e deixou de fazer aquele jornalismo mais cinzento e passamos a ter cores no nosso jornalismo.

Tivemos um programa que só terminou devido à pandemia, era o nosso “Opinião Pública”. Todos os dias durante duas horas por dia, durante mais de vinte anos, as pessoas podiam fazer as perguntas que quisessem em direto. Eu acho que foi um dos programas mais democráticos que a nossa televisão teve e foi replicado nas rádios e outras televisões. A SIC deu a palavra e o microfone às pessoas, mostrando que não há assuntos menores nem assuntos maiores. Não é só a política que importa, por exemplo a reciclagem que era um assunto que não se falava, tornou-se importante. Assim, provamos que era um assunto relevante e hoje em dia é um dos assuntos centrais da nossa sociedade. Portanto nós abríamos a esfera sobre tudo o que deve ou não ser discutido.

5. Como é que esta estação de televisão se conseguiu reinventar em tempos de pandemia?

A pandemia foi uma grande lição para todos e também para nós enquanto jornalistas. Pela primeira vez tivemos jornalistas a fazer trabalhos diários em casa. Uma coisa é fazemos uma grande reportagem, isso podemos estar em casa a escrever. Outra coisa é estarmos a fazer informação diária a partir de casa. Eu fui uma das jornalistas que esteve a trabalhar em casa e isso para mim mudou o *ship* da redação.

Percebemos que podemos estar em qualquer parte do mundo, algo que a *internet* já nos tinha trazido e que nós não nos tínhamos apercebido. Acho que em dois anos, encurtamos dez anos de caminho. Nós jornalistas percebemos que se tivemos um computador, um programa simples de edição e internet, podemos fazer tudo. Também nos deu outra visão importante, que todos nós já sabíamos mas já não dávamos o devido valor. No fundo dávamos tudo como garantido – o estarmos juntos e o trocarmos ideias. Demos novamente valor ao trabalho em equipa. Hoje talvez por ser tudo tão imediato e rápido parece que perdemos isso. Não damos importância a reuniões de equipa e acho que isso vai ter de ser recuperado porque faz falta. Não é só o “última hora” que importa, também importa o investigar, reunir, falar e trocar impressões. Eu acho que vamos ter de investir no *streaming* e nas plataformas digitais, vamos ter temas muito mais específicos que anteriormente ficariam para trás e que agora se eu me interessar sobre um tema específico posso aceder nas plataformas digitais.

6. De que modo o ataque de *hackers* pode prejudicar o percurso da SIC enquanto estação informativa?

Eu acho que as pessoas lá fora não tiveram noção do ataque informático. Para nós que trabalhamos aqui foi um golpe muito duro, mas serviu para percebermos que fazemos parte de uma aldeia global e não somos uma ilha. Nós percebemos que temos de ser o “garante” da sociedade, o jornalismo enfrenta desafios com as redes sociais e com a ideia de que todos podem dar notícias. O jornalista não pode dizer tudo o que lhe aparece, tem de pensar. Não cabe ao espectador pensar naquilo que é informação, isso cabe-nos a nós, jornalistas. Somos rigorosos e ganhamos a confiança das pessoas e não podemos perder isso.

7. Qual é a importância que a SIC dá ao tema ambiente?

O ambiente para mim é a área do futuro. Quando eu entrei aqui a génese do jornalismo era a sociedade e continua a ser e o ambiente faz parte da sociedade, é uma das grandes áreas, mas eu acho que o ambiente vai ser a área do futuro porque implica com a nossa carteira, com a nossa vida, com o nosso futuro, com a forma como vivemos, com as doenças que temos, com as cidades que temos, os carros, as casas, etc.

Nós já percebemos que estamos num ponto sem retorno e é muito interessante ver a evolução, porque quando eu comecei a trabalhar o ambiente nem sequer editoria era e quando eu entrei aqui á 22 anos nem sequer havia alguém a fazer ambiente. Só em 2006 é que tivemos alguém a fazer ambiente, acho que a Carla Castelo. A partir do momento em que a Carla começou a fazer ambiente houve uma mudança abissal, não rápido porque foram precisos dez ou quinze anos, mas se olharmos agora para trás, percebemos que foi uma espiral, sempre a subir e que agora não volta atrás. Não só porque devia ser uma editoria própria como economia, saúde e sociedade por exemplo, mas porque eu acho que vai ser o tema, o grande tema do futuro.

O ambiente é a maior necessidade que os jovens nos exigem diariamente e nós ainda não estamos a ver bem a importância disso. Acho que estamos a passar completamente ao lado. Acredito que tem a ver com o facto de as nossas redações serem redigidas por pessoas mais antigas, que tem de ser assim porque é bom, porque trazem a sua experiência acumulada mas ainda estão com o chipe da televisão que se fazia há 20 anos. E nós temos de perceber que o jornalismo passa cada vez mais pelos ecrãs, não só o da televisão mas também do computador, do telemóvel e do *tablet*, porque é assim que os jovens passam a ver televisão. Acho que os jovens já fecharam a porta para as televisões mas nós estamos um bocadinho a “assobiar para o lado”.

O ambiente é uma bandeira, é o ambiente que vai mudar a nossa forma de estar no mundo e já mudou. Eu acho que até 2035 vamos mudar completamente a forma de ver o mundo. Ver o que temos, a forma como compramos, o que precisamos e a nossa forma de viver. As nossas casas já estamos a mudar, os nossos carros já estão a mudar e vamos ter de mudar ainda mais.

É muito interessante olhar para a geração dos meus filhos e para a minha, que são noite e dia, e pensar em mim quase como os “velhos do restelo”. Sou do tempo da máquina de escrever, na faculdade ainda escrevia assim e de repente dou por mim a escrever num ecrã que nem teclas tem.

No fundo eu acho que o ambiente vai ser a “bitola”, já está a marcar e vai ter de assumir o lugar cimeiro. O ambiente vai marcar a política, vai marcar a sociedade, vai ter de marcar o futuro. Está a influenciar a nossa saúde. Nós vemos cidades como a China e a Índia que nunca aceitaram as alterações climáticas e que hoje já aceitaram... tiveram de aceitar, porque a revolução os obrigou a perceber que não dá para não acreditar. Os agricultores e pescadores tiveram sempre essa noção muito clara, só quando nos separamos da natureza é que achamos que eramos superior a ela. Se nós vivermos à revelia da natureza vamos sofrer muito e a China e Índia são exemplos disso.

A minha geração tem de ajudar os jovens porque foram os que fizeram pior, tiveram medo de arriscar, não cumprimos o nosso papel revolucionário. Temos medo de cortar as amarras e de ficar à deriva. Nós não vamos avançar para a frente a olhar para trás. Os jornalistas também tem de fazer este caminho. Mas o jornalismo tem consciência disso e tem a humildade de perceber que é preciso mudar. A minha mudança influencia a tua mudança e a tua mudança influencia a minha mudança. Para além de estarmos ligados organicamente, estamos também ligados tecnologicamente. A Humanidade é muito mais do que o visível e se nos unirmos todos a evolução será muito mais potenciada.

O ambiente entra em todas as áreas das nossas vidas e tem de entrar já, quanto mais entrar melhor, vamos sair todos a ganhar e vai ser o ambiente a dar-nos uma lição de vida. A natureza diz-nos: se o homem desaparecer a natureza continua. A Natureza é muito maior que o Homem em si. Esta pequenez que é própria do ser humano faz-nos não perceber que só os grandes são humildes e enquanto assim for, vamos poluir tudo, destruir tudo com catástrofes naturais e com as alterações climáticas. Nós estamos a ver os efeitos do nosso egocentrismo.

8. Defina o jornalismo da SIC numa palavra.

O jornalismo da SIC é credibilidade, foi sempre esse o nosso mote, foi sempre exigido isso. Mesmo quando fazemos asneiras, porque fazemos, até aí temos de ser credíveis, podemos e devemos ser rigorosos e temos de assumir os nossos erros. Temos de saber pedir desculpa e corrigir. Os nossos espectadores sabem isso, tentamos fazer melhor, erramos e agora vamos tentar fazer ainda melhor. O importante é não ficar com medo de assumir quando erramos. Quando queremos só vender ou ter audiências mas o conteúdo sai mau, isso não chega. Por isso temos de tentar sempre fazer melhor e não podemos desistir se não as redes vão nos ultrapassar e isso vai fazer com que o jornalismo fique fraco e o jornalismo é um garante da democracia. Quando a política não funciona, o ambiente não funciona vai ter de ser o jornalismo a exigir aos nossos responsáveis políticos, autoridades, instituições internacionais e globo que tomem medidas, não pode ser só a “assobiar para o lado”.

Carla Castelo – Ex-jornalista Ambiental da SIC

1. Porque decidiu focar-se na vertente ambiental e investir no jornalismo ambiental?

Quando comecei a tratar do tema ambiente foi por proposta da direção. Não é que eu já não achasse que era um tema importante. No entanto, essa área estava a ser acompanhada pelo Pedro Coelho na SIC que fazia a política, o ambiente e ornamento do território. Mais tarde, ele foi trabalhar mais para o jornalismo de investigação e a direção propôs-me a mim para ficar com essa a área. Eu nunca deixei cair esse tema e poderia ter desistido dele porque ninguém me impôs que continuasse durante os 19 anos a acompanhar a área do ambiente, das alterações climáticas, da perda de biodiversidade, etc. Contudo, pelo gosto que fui adquirindo, investi sempre muito do meu tempo na área, até do meu tempo pessoal. Investi em estudos porque acho realmente que é muito importante um jornalista que acompanha o ambiente ter algum conhecimento. Isto não quer dizer que tenha de ser um cientista ou um investigador, mas que tenha algumas noções que lhe permita perceber a base científica da área da biologia, das alterações climáticas, para que no fundo saiba do que fala.

2. De que maneira vê a cobertura jornalística ambiental? Acha que nos últimos anos se tem valorizado mais esse tema?

Em Portugal não me parece que se tenha valorizado muito. Existe algum destaque e é sobretudo quando há Cimeiras Ambientais, principalmente as COP. Nesse ponto existe um “boom” noticioso do tema ambiente e da mudança do clima surgindo mais na primeira parte dos telejornais e também nas primeiras capas. Contudo, não tenho dados que suportem o que estou a dizer. É apenas uma questão empírica daquilo que vou lendo e recebendo porque subscrevo várias coisas sobre esta temática, portanto estou sempre atenta ao que saí nas notícias e não me parece que haja muitíssima mais atenção do que havia há dez ou vinte anos. Existe em alturas específicas ou quando ocorrem acontecimentos como por exemplo fenómenos climáticos extremos. Nessas alturas há realmente um olhar mais atento para estas questões do ambiente e sobretudo das alterações climáticas que absorvem de alguma forma tudo o que é o noticiário ambiental.

Se tu reparares é algo bastante vasto, por exemplo quando falamos de questões mais económicas, da energia, dos materiais, dos recursos, até outras questões mais de comportamentos ou mais individuais, de escolhas como a alimentação, dietas etc. Assim,

o ambiente é uma área muito vasta mas as alterações climáticas acabaram por absorver um bocadinho tudo o resto e quando se fala nesta temáticas as notícias são na maior parte das vezes sobre alterações climáticas.

Isto tem vantagens e inconvenientes porque nós também não podemos pensar que esse é o único tema importante a tratar. É um desafio que temos de enfrentar, mas há muitas outras coisas. Desde logo a perda de biodiversidade, a poluição, questões que afetam a nossa saúde e que não estão diretamente ligadas com as alterações climáticas. O tema do ambiente é vastíssimo o que nos leva a refletir. Assim, sendo um tema tão vasto que é complicado reduzi-lo a uma coisa tão pequena. Quando comecei a fazer ambiente as pessoas desvalorizavam outros temas. Foram muitas as que viam o ambiente como algo que tinha a ver com as florzinhas ou com os passarinhos, falando de uma forma depreciativa como se todo o reino animal e vegetal não fossem realmente essencial para a vida humana. Nós dependemos da biodiversidade.

3. Como foi trabalhar a temática do ambiente numa estação televisiva como a SIC?

Atualmente não sou jornalista, estou a estudar Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável mas entendo o jornalismo como um serviço público essencial da democracia. No entanto, acho que por vezes não devemos fazer uma confusão: quando se fala de jornalismo ambiental, as pessoas pensam que é alguma coisa como educação, sensibilização, comunicação de ciência, ativismo ou jornalismo de causa, no entanto o jornalismo é recolha, verificação, tratamento de informação com a devida contextualização e a divulgação do assunto em forma de notícias, reportagens, etc.

O chamado jornalismo de ambiente é aquele que se debruça sobre essas questões ambientais e que são fundamentais na nossa sociedade, ou seja, para a nossa sobrevivência, não devendo ser confundido com a educação e sensibilização ambiental. Ao darmos informação rigorosa e factual e ao denunciarmos determinadas situações ou colocamos luz em quartões que estão na penumbra e que não estão visíveis aos olhos da maioria das pessoas, estamos no fundo a despertá-las para questões que são essenciais.

Por exemplo, foram importantes todas as notícias que vieram denunciar os níveis de poluição e de CO₂ que causavam doenças a pessoas que estavam expostas a essa contaminação. O jornalismo ao dar a conhecer estes casos vai chamar a atenção do público em geral para a importância em adotarmos comportamentos ao nível das

empresas e indústrias que não ponham em causa a nossa segurança e a nossa saúde. Caso todas estas situações se mantiverem ocultas nada é feito para que seja melhorado o estado do ambiente, daí a importância do jornalismo.

Eu defendo que é necessário que existam variadas pessoas especializadas em diversos temas para que consigam dar informação rigorosa ao público. E isso vem aliado ao facto de hoje em dias as notícias e as peças serem feitas em tão poucas horas. Se o jornalista não tem já um historial e um conhecimento sobre as temáticas acaba por dar uma notícia muito pela rama, isto é, apresenta os factos mais evidentes mas não dá todo o historial.

Por exemplo, numa peça de desporto o jornalista não precisa de explicar certos conceitos porque toda a gente já sabe o que é, mas numa peça sobre alterações climáticas podem surgir muitas noções que são menos familiares e tem de ser explicados. Em televisão, é claro que essa explicação tem de ser muito curta e sucinta, mas sem perder o rigor.

6. Como é que se prepara enquanto jornalista para um evento como a COP?

A primeira COP que cobri, se não estou em erro, foi em 2000 ou 2001. De então para cá cobri imensas, por exemplo em 2009 em Copenhaga, em Bonn, em 2019 em Madrid onde estive presente a Greta Thunberg, e sempre que tinha oportunidade cobria essas cimeiras. Na minha opinião, não me parece que tenha havido um “boom” de notícias sobre o tema. O que existe é um crescimento significativo dessas notícias na altura em que ocorrem as conferências sobretudo quando as mesmas são consideradas decisivas para dar resposta a alguns problemas. Relativamente a preparação para as COP tive a sorte de assistir a *workshops* que preparavam os jornalistas para perceber como é o funcionamento destas conferências.

A primeira que assisti foi em 2000/2001 e eu não tinha nenhuma informação anterior de apoio. Por isso não fiz um trabalho que tivesse aprofundado muito as questões diplomáticas ou políticas e fiz um trabalho sobre aquilo que se passava mais à volta da conferência em si. Para fazer a cobertura de uma conferência deste género é necessário ter em conta que além de toda a parte política e diplomática das negociações sobre alterações climáticas, há também uma série de eventos promovidos por organização não-governamentais de ambiente.

Existe bastante segurança em volta destes eventos por terem aglomerados de pessoas, o que torna complicada a cobertura destes acontecimentos. No entanto, sou cada vez mais

cética a este tipo de eventos pela sua pegada ecológica. São eventos presenciais, o que leva necessariamente a que as pessoas se desloquem em grandes viagens de avião, levando a um contrassenso como também à existência de patrocínios de empresas que estão claramente ligadas as indústrias e aos mercados petrolíferos. O que me leva a pensar se faz sentido continuar com este modelo de conferências anuais ou se deveriam eventualmente ser feitos noutros moldes.

7. O que acha que o jornalismo ainda pode fazer para ajudar a melhorar as condições ambientais?

Parece-me que é muito importante a especialização nesta área e acho que todas as redações dos principais jornais, revistas, rádios e televisões deveriam ter uma ou duas pessoas, pelo menos, que acompanhe regularmente a área do ambiente. É uma mais-valia para o público.

A minha experiência como jornalista ambiental diz-me que se não tivesse esses anos de experiência e não tivesse feito um aprofundamento pessoal em estudos (cursos, *workshops*, etc.) à volta do tema ambiente teria feito um trabalho de normalidade e não teria tido tanto impacto junto da população.

É necessário que valorizem quem faz jornalismo porque este é um serviço público da nossa democracia e não podemos deixar que este se confunda com a produção de conteúdos, com notícias falsas ou boatos porque senão corremos o risco de estar a prestar um mau serviço a população e a democracia.

Diana Pinheiro - Jornalista da SIC

1. De que maneira vê a cobertura jornalística ambiental? Acha que nos últimos anos se tem valorizado mais esse tema?

Ao longo dos anos a cobertura jornalística neste tema tem vindo a aumentar, em parte devido aos acontecimentos mais recentes que poucas dúvidas deixam sobre a relação entre a mudança do clima e a ação do homem. Atualmente são cada vez mais os temas dentro desta área merecem atenção pelos melhores e piores motivos. Há várias cimeiras, conferências de relevo e relatórios que nos alertam para a necessidade de mudar comportamentos. Por todos estes motivos o tema "ambiente" tem ganho destaque, mas não é suficiente.

2. Qual é a importância que o tema “ambiente” tem na agenda jornalística da SIC?

Tem vindo a ganhar importância. Diria que é um tema bastante vulnerável porque rapidamente é colocado em segunda opção. Ainda assim, acho que o tratamento deste tema depende muito de cada coordenador e dos jornalistas que cobrem com mais frequência esta área. Neste momento, na SIC, podemos dizer que a pasta do ambiente está um pouco "adormecida".

3. Qual é normalmente a posição do tema ambiente no alinhamento dos jornais? É frequente o tema “cair” por ser considerado menos relevante?

O alinhamento depende sempre da atualidade. Na altura da COP o tema abre durante dias os jornais, quando há relatórios também está à cabeça, mas na maioria dos casos é um tema que aparece na segunda parte. Por vezes não por ser menos relevante, mas sim porque há assuntos mais atuais.

Pela minha experiência, sempre que faço uma peça sobre o ambiente ela passa. Foram raros os casos, até agora, em que a reportagem teve de ficar embargada. Mas como comecei por dizer, e volto a reforçar tudo depende muito da atualidade.

4. Acredita que o jornalismo pode mudar a maneira como a audiência vê os problemas ambientais e as alterações climáticas?

Sem dúvida. O jornalismo tem vindo a mostrar, ao longo dos anos, os vários problemas no ambiente e também as soluções. Acredito mesmo que em parte o jornalismo teve e tem um papel educativo dentro desta área porque muitas vezes falamos nas reportagens

de comportamentos que podem ser mudados como a reciclagem, a diminuição do consumo de plástico e a reutilização de matérias-primas.

Pelas reportagens que já fiz sobre os temas acima sei que ainda são muitas as pessoas que desconhecem informações que é possível esclarecer através das peças. Esta área todos os dias ensina algo tanto a quem vê televisão como aos próprios jornalistas.

6. De que maneira é que a SIC pode ajudar a combater a desinformação acerca do ambiente?

Ao ter um olhar mais alargado sobre tema. Com várias reportagens que mostram os atuais problemas e com outras que mostram o que ainda é possível fazer. É possível combater a desinformação ao procurar, todos os dias, oferecer mais a quem nos acompanha e a não tratar este tema como uma "segunda opção".

7. Acha positivo que as cimeiras ambientais/climáticas tenham cada vez mais destaque no jornalismo português? De que maneira?

Na minha opinião é bastante positivo porque mostra que as mentalidades estão a mudar e a área a ganhar mais importância. Mostra que quem está em casa quer saber mais e que nós, jornalistas, estamos preparados para levar mais informação.

Como dizia mais acima, a COP, uma das conferências mais importantes, abre jornais durante dias. Isto reflete a importância que o tema está a ganhar.

8. O que acha que o jornalismo ainda pode fazer para ajudar a melhorar as condições ambientais?

O jornalismo tem um papel fundamental neste processo ao mostrar a realidade a quem está em casa. A mudança só acontece se mostrarmos o estado em que o planeta está, mas sem alaridos.

É necessário, nestes tempos de mudança, transmitir também uma mensagem consistente, calma, mas que alerte para os problemas. Acredito que os muitos temas ambientais que foram até agora cobertos pelos jornalistas chegaram a milhões de pessoas e tiveram efeitos. A curiosidade, a persistência e o olhar mais além são ferramentas fundamentais no combate à desinformação.

ANEXO C: FICHAS DE LEITURA

Ficha de Leitura 1

Título: Jornalismo de ambiente na TVI: as alterações climáticas através da relação dos jornalistas com as fontes de informação

Autor/a: Maria Margarida Tomás Silvestre Silva

Edição: Março de 2021, Escola Superior de Comunicação Social

Número de páginas: 125

Tema: Jornalismo do Ambiente: Alterações Climáticas

Síntese do Texto: O tema primordial desta tese de mestrado são as alterações climáticas e a sua representação no seio noticioso nacional e internacional. Fala-nos na diferença que se tem vindo a sentir ao longo dos anos visto que há anos atrás não se dava tanta ênfase ao ambiente como se dá na atualidade.

Sendo uma tese de mestrado recente (2021) aborda o tema coronavírus, o impacto ambiental e a influência nas notícias ambientais veiculadas pelos meios de comunicação.

Este estudo de caso é sobre as fontes de informação e o jornalismo ambiental, (dando enfoco nas alterações climáticas. O seu principal objetivo é perceber o destaque que a temática tem neste canal, bem como a relação dos jornalistas ao tema.

Questão de partida: Com base na relação dos jornalistas com as fontes de informação, como são trabalhadas as notícias da TVI sobre alterações climáticas?

Fez-se um inquérito a vários jornalistas da estação televisiva e desenvolveu-se uma análise do noticiário das 20h (Jornal das 8), durante o período de 17 de fevereiro a 17 de maio de 2020.

Citações relevantes:

- “Existe uma oscilação sobre o interesse que é dado ao ambiente, variando consoante as preocupações da sociedade a cada momento.”

- “Neste sentido, a televisão parece ser o meio de eleição do público para interligar a realidade de cada um com a ciência, a política, a economia e outras áreas. Será uma forma de ajudar a sociedade a conhecer e interpretar melhor os problemas que a rodeiam.”

Comentário pessoal:

- A relação entre jornalistas e fontes de informação foi o tema preponderante desta investigação, bem como a ligação que se estabelece entre eles e a cobertura mediática dos mesmos;
- Sendo este um relatório de estágio sobre as alterações climáticas e tendo sido realizado por uma estudante da Escola Superior de Comunicação Social terá a minha especial atenção visto que o poderei “analisar” detalhadamente como uma fonte de inspiração para a execução do meu trabalho final de mestrado. Acrescentando, este estudo de caso que aborda também as questões ambientais e a alterações climáticas;
- Na sua contextualização história é criada uma linha temporal que caracteriza toda a evolução da cobertura mediática ambiental facilitando a perceção para quem lê;
- A televisão é um ponto em comum em ambos os estudos de caso;
- Tanto o capítulo que aborda o local de estágio como o estágio em si pode ser visto como pontos de inspiração para a criação do meu discurso;
- As entrevistas já são pontos a considerar no meu estudo de caso, todavia não tinha pensado na ideia de realizar um inquérito, que pode ser tido em conta no futuro.

Ficha de Leitura 2

Título: O Retrato da Mudança Climática na Média Europeia: Implicações para a Mobilização Social para a Ação Climática

Autores/as: Alexandre O. Tavares , Neide P. Areia, Sinead Mellett, Julia James, Diego S. Laurence B., eJean-François Berthoumieu

Edição: 9 de outubro de 2020

Número de páginas: 13

Tema: Alterações Climáticas nos Media Europeus

Síntese do Texto: As pessoas no geral estão bastante mais despertas para as mudanças climáticas e para os problemas ambientais, por isso cada vez mais adotam posições sustentáveis e apoiam políticas ambientais.

No entanto, e apesar do crescimento real dos movimentos sociais relacionados com o ambiente, ainda prevalece uma espécie de inércia em relação ao clima. Os media devem desempenhar um papel fundamental na promoção aos indivíduos comuns, da adoção de práticas novas e mais sustentáveis. Todavia, a cobertura mediática parece estar a “falhar” na tarefa de lidar com a crise climática.

Como tal, este estudo tem como objetivo identificar as principais fragilidades da comunicação mediática, bem como para discutir possíveis oportunidades de melhorias na comunicação.

Por isso, foram analisadas em profundidade 1.609 notícias publicadas entre 2017 e 2018, em cinco países europeus. As características gerais das notícias e os temas escolhidos foram tidos em conta para a análise final e realização deste estudo.

Citações relevantes:

- “The current climate emergency is pushing environment-related actors to develop innovative ways of actively engaging the civil society with climate change and thus produce a sustainable behavior transformation in individuals.”

- “Without doubt, media is a key contributor to shaping public perceptions, attitudes, and action regarding environmental issues.”

- “These forms of reporting climate change may contribute to individuals’ alienation or reactance regarding the climate crisis, in effect hindering citizens from adopting new, sustainable practices and supporting environmental policies.”

Comentário pessoal:

- Verificou-se que os media europeus tendem a noticiar as mudanças climáticas com foco no futuro, ignorando o papel da sociedade civil;
- Estes resultados demonstram que, os media em vez de promoverem a ação climática da sociedade, estão a contribuir para uma falta de empatia generalizada em relação ao clima e às questões ambientais;
- Foi utilizada uma boa divisão em subtítulos para facilmente identificar as etapas realizadas;
- Uso de uma grande amostra que garante mais rigor e detalhe ao estudo de caso;
- Importância para o facto de um dos países escolhidos ser Portugal;

- Boa análise de resultados / discussão de dados que pode ser vista como um exemplo para que me possa basear na análise da minha grelha comparativa.

Ficha de leitura 3

Título: Shifting public engagement: How media coverage of climate change conferences affects climate change audience segments

Autores/as: Anke Wonneberger, Marijn HC Meijers , Andreas RT Schuck

Edição: 11 de novembro de 2019

Número de páginas: -

Tema: Cobertura dos media em conferências sobre alterações climáticas

Síntese do Texto: Este estudo demonstra que o enfoque que os media dão a eventos como conferências ambientais é escasso e que a cobertura jornalística das mesmas não influenciam a opinião pública. Contudo, este estudo prova que o mesmo acontece dependendo do nível de envolvimento do público relativamente às alterações climáticas e problemas ambientais.

Este estudo de caso analisou como é que a cobertura mediática da COP21 afetou a opinião pública na Holanda.

A seleção final incluiu nove jornais *offline*, três grandes telejornais nacionais (um público e dois privados), treze sites de notícias online e programas de TV.

Os resultados indicam que os eventos ambientais podem causar mudanças nas pessoas, ainda que limitadas bem como enfatizam a importância de estudar os efeitos que os media têm neste tipo de conteúdos.

Citações relevantes:

- “A broad range of beliefs and attitudes affect how people perceive and respond to messages concerning climate change.”

- “Considering possible changes in audience segments in the context of important events, such as international climate change conferences, brings the media coverage about such events into play.”

Comentário pessoal:

- Ótimo recurso para o meu trabalho visto que trata do COP21 e a minha tese têm como objetivo analisar a COP26;
- Análise à cobertura mediática na Holanda em comparação com uma análise de uma estação televisiva de Portugal;
- Perceção da maior ou menor valorização acerca destes temas por parte da audiência;
- Utilização de valores estatísticos e percentagens que pode ser tido como uma mais-valia para o meu estudo de caso (estrutura concetual);
- Segundo os autores do estudo de caso é importante realizar estudos que visem perceber a importância que as conferências climáticas têm nas audiências e os efeitos que as mesmas têm nos media, já que apenas existe um estudo sobre a temática;
- Subtema “questões” que será uma fonte de inspiração para que eu crie as minhas próprias perguntas;
- Os resultados são analisados através de tabelas que podem ser consultadas e que são divididas por subtemas o que facilita a sua compreensão.

Ficha de leitura 4

Título: Análise Comparativa do jornalismo de ambiente o caso do jornal Público

Autores/as: Maria Wilton Correia

Edição: setembro de 2018

Número de páginas: 130

Tema: Análise Comparativa do jornalismo de ambiente o caso do jornal Público

Síntese do Texto:

O presente relatório de estágio propõe uma análise comparativa do jornalismo de ambiente praticado no jornal Público entre dois anos (1997 e 2017), resultando de um estágio realizado no mesmo.

Nesta perspetiva, salientam-se os novos paradigmas na prática do jornalismo ambiental colocando quatro questões de investigação: “Qual a importância da cobertura do ambiente no jornal Público?”, “Quais as diferenças, a nível editorial, da cobertura de ambiente em 1997 e em 2017?”, “Qual a importância dos jornalistas especializados na cobertura do ambiente em 1997 e em 2017?” e “Qual o ponto de vista dos jornalistas do ambiente do Público em relação à prática em 1997 e em 2017?”.

Para responder a estas perguntas utilizou-se uma metodologia mista integrando entrevistas a ex-jornalistas, jornalistas e editores e uma análise de conteúdo de jornalismo de ambiente. Conclui-se que o jornalismo de ambiente no jornal Público continua a ter investimento apesar de ter ocorrido um corte neste tipo de jornalistas especializados. É também verificado que o espaço *online* é agora o maior local para notícias de ambiente, apesar de as suas potencialidades não serem totalmente exploradas. Sendo um tema pouco explorado no panorama português e mesmo no panorama internacional, é expectável que a investigação sirva como base para outras futuras investigações no âmbito do jornalismo científico.

Citações relevantes:

- “Alguns editores poderão ter dificuldade em perceber que uma peça de ambiente ocupa mais espaço que uma de desporto já que o repórter não tem que definir o que é um golo ou um *home run* sempre que escreve sobre isso, mas a cobrir o clima tem que, quase sempre, “lembrar os leitores o que são gases com efeito de estufa” (Downs, 2008).

- “Neste caso, atribui-se a esse tipo de jornalismo o papel de intermediar saberes especializados na sociedade, construindo um tipo de discurso noticioso que se funde na compreensão conjunta do universo científico e do senso comum” (Tavares, 2009).

Comentário pessoal:

- “Uma ponte” entre o que é jornalismo ambiental e jornalismo especializado;
- O facto de ser um relatório de estágio é, um ótimo exemplo para que me possa basear quando estiver a escrever o meu próprio relatório de estágio na SIC;
- A generalização e definição daquilo que é o jornalismo ambiental no mundo até ao caso específico do jornalismo ambiental português, sendo esta uma das bases para o meu estudo de caso;

- O facto de ter entrevistas, vai ao encontro daquilo que também é uma das minhas propostas de trabalho para concretizar a minha tese, por isso, uma profunda base de estudo para o meu trabalho;
- Enorme recurso a outros documentos com uma bibliografia rica em autores, tornando-se uma fonte de informação e inspiração para mim;
- Abordagem do digital e da atualidade do jornalismo ambiental português nas plataformas digitais.

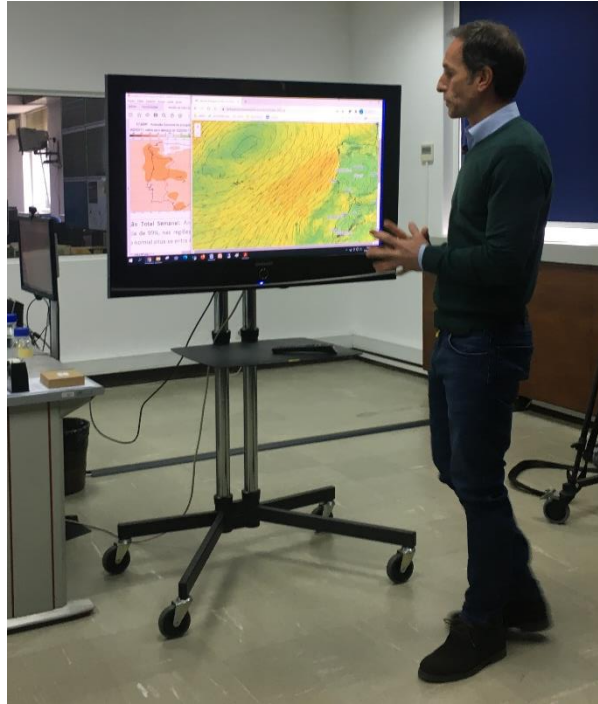
ANEXO D: FOTOGRAFIAS LOCAL DE ESTÁGIO



Fotografia 1 – Saída com a jornalista Marta Sobral para acompanhar a realização de uma reportagem na Secil



Fotografia 2 – Saída com o jornalista Diogo Martins para acompanhar uma reunião sobre a seca em Portugal no Ministério do Ambiente



Fotografia 3 – Saída ao IPMA



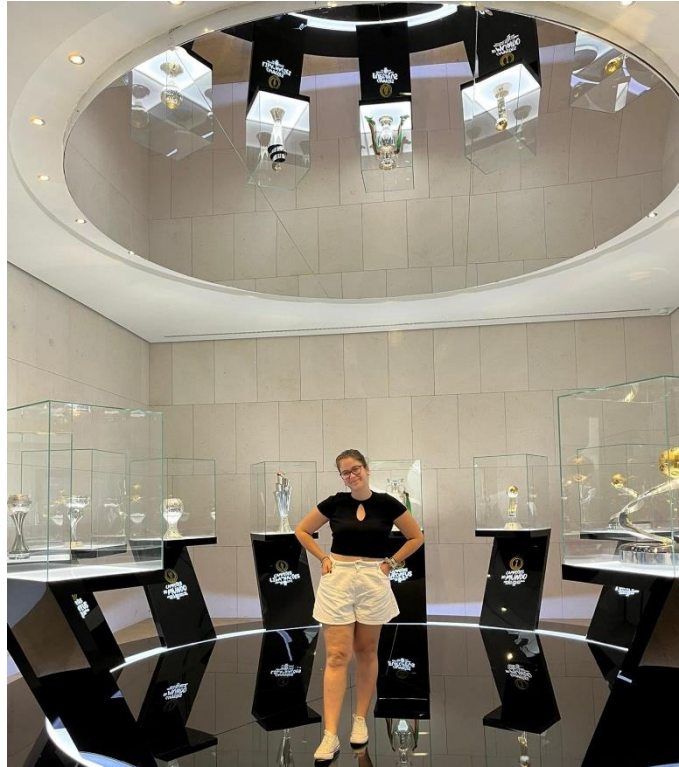
Fotografia 4 – Saída com a jornalista Cristiana Alves para acompanhar a chegada da equipa de Futsal à cidade do Futebol, vencedores de Mundial 2021



Fotografia 5 – Regie SIC



Fotografia 6 – Estúdios SIC



Fotografia 7 – Visita à Cidade do Futebol, para assistir a um treino da seleção nacional



Fotografia 8 – Visita ao teatro Politeama

Status	MOS Status	Jornalistas	MOS Obj
	READY	Sem Jornalista	-- IMAGE
	READY	Sem Jornalista	-- IMAGE
	NOT READY	Catarina L Carvalho	Reflorest
	NOT READY	Joao Maldonado	Dia Lingu
	NOT READY	Carolina Figueiras	Calor Por
	NOT READY	Catarina Lazaro	Fábrica D
	NOT READY	Teresa C Noronha	ONU corr
	NOT READY	Teresa C Noronha	Aborto EL
	NOT READY	Emanuel Nunes	Eleições I
	NOT READY	Cristina Freitas	GNR
	NOT READY	Afonso Guedes	Centeno I
	NOT READY	Helena Ribeiro	Central
	NOT READY	Hugo Alcantara	Peixes m
	NOT READY	Marta Caires	Festa Flo
	NOT READY	Miguel Mota	Lelão Ca
	NOT READY		Agressõe
	NOT READY	Vitor Lopes	Assédio T
	NOT READY	Marta Sobral	Centro S
	NOT READY	Diana Pinheiro	ERS Tem
	NOT READY	Conceicao Ribeiro	Greve
	NOT READY	Frederico Correia	Aumento
	NOT READY	Ana Gerales	Situação
	NOT READY	Paula Castanho	Consumo
		Raquel Loureiro	(NOME C

Fotografia 9 – Planeamento do Primeiro Jornal, onde surjo no alinhamento com uma peça



Fotografia 10 – Uma das minhas peças para o Primeiro Jornal em que fui sozinha com o repórter de imagem